

O comportamento das vogais médias
pretônicas no Espírito Santo

Shirley Vieira

Shirley Vieira

**O comportamento das vogais médias
pretônicas no Espírito Santo**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Linguística e aprovada pelo Curso de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina no dia 16 de abril de 2010 em Florianópolis – SC – Brasil.

Orientador: Prof. Dr. Felício Wessling Margotti

**Florianópolis
2010**

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária
da
Universidade Federal de Santa Catarina

V657c Vieira, Shirley

O comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo [dissertação] / Shirley Vieira ; orientador, Felício Wessling Margotti. - Florianópolis, SC, 2010.
175 p.: grafs., tabs., mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística - Espírito Santo (Estado). 2. Geografia linguística. 3. Variação. 4. ALES. 5. ALiB. I. Margotti, Felício Wessling. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801

O comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo

Shirley Vieira

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Linguística e aprovada pelo Curso de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina no dia 16 de abril de 2010 em Florianópolis – SC – Brasil.

Prof. Dra. Rosângela Hammes Rodrigues
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística
Universidade Federal de Santa Catarina

Banca Examinadora

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina
Orientador

Prof. Dra. Edair Maria Görski
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

A Achilles Dionízio Vieira (in memorian), meu pai, por ter me incentivado sempre a encarar os estudos e os desafios da vida.

A Therezinha de Jesus Vicente, minha mãe, por não somente ter me incentivado, mas por ter me oferecido subsídios, apoio, carinho e confiança para seguir sempre.

Agradecimentos

Ao professor Felício, pelos ensinamentos e pela paciência a mim dedicados neste período.

A Leonardo, meu amor, por mesmo nos períodos de ausência, ter estado tão perto. E pela preciosa contribuição para com este trabalho: as críticas, a cooperação gráfica e tudo mais.

Aos meninos, Jeff e Marcelo, por estarem sempre presentes nos momentos muito difíceis e nos momentos de descontração, pois também merecemos!

Às meninas, Livia e Taiô, por partilharmos momentos tristes e muitos outros alegres nesse conturbado percurso.

A Ju, pela grande amizade e pelo apoio de sempre.

A toda galera do RU – UFES (2006), pelo grande apoio inicial e pela confiança a mim transmitida.

Aos familiares e demais amigos, pela presença que sempre conforta.

A Ronaldo, não só por seu gesto, mas principalmente pelas suas palavras de incentivo, num momento em que eu muito precisava.

À CAPES, pelo apoio financeiro.

Agradecimento Especial

À professora e amiga Catarina Vaz Rodrigues, que sempre acreditou em mim e incentivou-me desde o princípio. Pela paciência e pelas críticas; pela sinceridade e pelo estímulo persistente; pela sabedoria e pelo grande carinho em ensinar-me.

Resumo

Utilizando dados do ALES – Atlas Linguístico do Espírito Santo – e do ALiB – Atlas Linguístico do Brasil – este, com dados restritos à capital, Vitória – propusemo-nos, neste trabalho, a analisar o uso variável (manutenção, abaixamento ou alçamento) das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no referido Estado. Considerando que o Espírito Santo tem estados limítrofes com fortes marcas linguísticas – Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro –, objetivamos analisar possíveis influências do português falado nesses estados no “falar capixaba”. Pautados na Geografia Linguística e na Sociolinguística, verificamos, em relação às vogais médias em contexto pretônico, que são raras as ocorrências de vogais abaixadas. Todavia, os casos de manutenção e, principalmente, de alçamento das vogais médias são bastante recorrentes no Estado. Os dados indicam, em graus distintos, possíveis influências advindas dos estados limítrofes ao Espírito Santo.

Palavras-chave: Pretônicas. Variação. Geografia Linguística. ALES. ALiB. Espírito Santo.

Abstract

Using data from ALES – Linguistic Atlas of Espírito Santo – and from ALiB – Linguistic Atlas of Brazil – in this case, with data restricted to the capital, Vitória – we investigated in this work the variable use (maintenance, lowering or highing) of pretonic mid vowels /e/ and /o/ in concerned State. Considering that Espírito Santo has neighboring states with strong linguistic traces – Bahia, Minas Gerais and Rio de Janeiro –, we aim to analyze possible influences of the portuguese spoken in those states in speaking of Espírito Santo. Based on Linguistic Geography and Sociolinguistics, we verified, in relation to pretonic mid vowels, that occurrences of lowered vowels are rare. However, the cases of maintenance and, principally, of highing of mid vowels are very common in the State. The data indicate, in distinct levels, possible influences proceeding from neighborhood states of Espírito Santo.

Keywords: Pretonic. Variation. Linguistic geography. ALES. ALiB. Espírito Santo.

Lista de Mapas e Figuras

Mapa 1: realização das vogais médias pretônicas no PB	48
Mapa 2: situação dos atlas estaduais no Brasil.....	59
Mapa 3: as capitânicas hereditárias.....	64
Mapa 4: tribos indígenas pré-vascaínas.....	66
Mapa 5: movimento dos imigrantes no Espírito Santo	73
Mapa 6: rede de pontos do ALES	83
Figura 1: panorama geral das vogais médias pretônicas no ES.....	146

Lista de Cartas

Carta 1: QFF mentira	95
Carta 2: QFF tesoura.....	97
Carta 3: QL neblina/leblina.....	99
Carta 4: QL amendoim.....	101
Carta 5: QFF travesseiro	103
Carta 6: QFF menino/a.....	104
Carta 7: o alçamento da vogal pretônica média /e/	107
Carta 8: QFF gordura	121
Carta 9: QL trovão	123
Carta 10: QL trovoada	124
Carta 11: QL moringa	126
Carta 12: QL cachoeira	128
Carta 13: o alçamento da vogal pretônica média /o/	130
Carta 14: ocorrência geral de alçamento no ES	143
Carta 15: influência dos estados de MG, BA e RJ.....	150
Carta 16: imigração alemã no ES.....	155
Carta 17: imigração italiana no ES.....	157
Carta 18: imigração pomerana no ES.....	159

Lista de Quadros

Quadro 1: vogais tônicas orais do português.....	22
Quadro 2: vogais pretônicas orais do português.....	23
Quadro 3: vogais postônicas finais do português.....	24
Quadro 4: realização das pretônicas no PB.....	49
Quadro 5: características dos informantes do ALiB nas capitais.....	88
Quadro 6: símbolos das variáveis analisadas.....	89

Lista de Tabelas

Tabela 1: aumento populacional da Grande Vitória.....	78
Tabela 2: comportamento da vogal média pretônica /e/ no ES.....	106
Tabela 3: vogal pretônica /e/ e a distância da sílaba tônica.....	109
Tabela 4: vogal pretônica /e/ e o tipo de sílaba.....	110
Tabela 5: vogal pretônica /e/ e o contexto fonológico precedente.....	111
Tabela 6: vogal pretônica /e/ o contexto fonológico seguinte.....	112
Tabela 7: vogal pretônica /e/ e a vogal da sílaba tônica.....	113
Tabela 8: vogal pretônica /e/ e a posição da pretônica em estudo.....	114
Tabela 9: vogal pretônica /e/ e a nasalidade.....	115
Tabela 10: vogal pretônica /e/ e a zona de precedência.....	116
Tabela 11: vogal pretônica /e/ em relação ao gênero dos informantes	117
Tabela 12: comportamento da vogal média pretônica /o/ no ES.....	129
Tabela 13: vogal pretônica /o/ e a distância da sílaba tônica.....	132
Tabela 14: vogal pretônica /o/ e o tipo de sílaba.....	133
Tabela 15: vogal pretônica /o/ e o contexto fonológico precedente....	134
Tabela 16: vogal pretônica /o/ e o contexto fonológico seguinte.....	135
Tabela 17: vogal pretônica /o/ e a vogal da sílaba tônica.....	136
Tabela 18: vogal pretônica /o/ e a posição da pretônica em estudo....	137
Tabela 19: vogal pretônica /o/ e a nasalidade.....	138
Tabela 20: vogal pretônica /o/ e a zona de procedência.....	139
Tabela 21: vogal pretônica /o/ e o gênero dos informantes.....	140

Sumário

Introdução	14
1 As vogais pretônicas	22
1.1 O sistema vocálico brasileiro	22
1.2 Variações a que estão sujeitas as vogais pretônicas	24
1.3 Estudos acerca da pretônica no Português Brasileiro	27
2 A Dialetoлогия no Brasil	51
2.1 A Geografia Linguística	53
2.2 A Sociolinguística	60
3 A comunidade linguística: o estado do Espírito Santo	63
3.1 Contexto socio-histórico	63
3.1.1 <i>Imigração européia no Espírito Santo</i>	68
3.1.2 <i>Índios do Espírito Santo</i>	74
3.1.3 <i>Negros no Espírito Santo</i>	75
3.1.4 <i>Migrações</i>	77
3.2 Aspectos físicos, políticos e geográficos	79
4 Metodologia	81
4.1 Atlas Linguístico do Espírito Santo – ALES	81
4.2 Atlas Linguístico do Brasil – ALiB	86
4.3 Tratamento dos dados	89
4.3.1 <i>Análise dos dados</i>	89
5 Apresentação dos dados	93
5.1 A vogal pretônica /e/	94
5.1.1 <i>Fatores linguísticos</i>	108
5.1.2 <i>Fatores extralinguísticos</i>	116
5.1.3 <i>Considerações acerca da vogal média pretônica /e/</i>	118
5.2 A vogal pretônica /o/	120

5.2.1	<i>Fatores linguísticos</i>	132
5.2.2	<i>Fatores extralinguísticos</i>	138
5.2.3	<i>Considerações acerca da vogal média pretônica /o/</i>	140
5.3	Ocorrência geral do alçamento das vogais médias pretônicas.....	142
5.4	Vogais médias abertas no estado do Espírito Santo	144
6	Abordagens geolinguísticas.....	148
6.1	Os limites do Espírito Santo.....	148
6.2	O Espírito Santo e o processo de colonização.....	152
6.3	O Espírito Santo no subfalar fluminense.....	161
6.4	Considerações finais.....	162
7	Conclusões.....	166
	Referências.....	170

Introdução

Localizado na região Sudeste, com extensão de pouco mais de 46 mil km², o estado do Espírito Santo limita-se ao norte com a Bahia, a oeste com Minas Gerais e ao sul com o Rio de Janeiro, estados esses, com fortes marcas linguísticas.

Porém, apesar de sua pequena extensão, o Espírito Santo apresenta, desde o período de sua colonização, uma significativa diversidade sociocultural. Inúmeras cidades capixabas tiveram colonização italiana, mantendo, até os dias atuais, tradições étnico-culturais como danças, festas, comidas, entre outras. No Estado, está localizada também uma das mais tradicionais comunidades pomeranas do Brasil, que, dentre os costumes que cultivam, mantêm, ainda hoje, sua língua. No município de Aracruz, a 60 km da capital do Estado, existem comunidades indígenas distribuídas em oito aldeias, sendo cinco de etnia tupiniquim¹ e três de índios guaranis. Estes últimos têm o guarani como língua materna e, apesar das dificuldades enfrentadas (como questões de espaço e trabalho), mantêm muitos de seus costumes. Encontram-se ainda no Estado algumas comunidades quilombolas que, apesar de terem perdido quase totalmente suas tradições, os costumes de seus antepassados são de grande importância na formação da identidade capixaba.

Diante de tamanha diversidade, incluindo-se comunidades de falantes bilíngues, propomo-nos investigar a variação do português

¹ Atualmente o ES é o último reduto de tupiniquins no Brasil, agrupados pela FUNAI nas aldeias de Pau Brasil, Irajá, Caeiras Velha e Comboios. (MOREIRA; PERRONE, 2007).

falado pelo povo capixaba. Mais especificamente, temos a intenção de estudar a variação no uso das vogais pretônicas nas perspectivas sociolinguística e dialetológica, correlacionado-a com aspectos típicos da colonização, ocupação e organização populacional no Estado.

Segundo Leite e Callou (2002, p. 7),

É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade.

Num país de tamanha extensão, como é o caso do Brasil, é comum encontrarmos grandes diferenças no modo de falar entre habitantes do sul, do norte, nordeste, sudeste e centro-oeste. Tais diferenças apresentam-se no nível da fonética/fonologia, do léxico, da sintaxe, da morfologia, da semântica e mesmo nos níveis pragmático-discursivos. Contudo, apesar dessas diferenças, um falante do norte do Brasil, por exemplo, consegue entender com relativa facilidade o que diz um falante do sul.

Como é sabido, a variação linguística ocorre em todos os níveis de qualquer língua natural. Todavia, o primeiro e mais perceptível desses níveis é o fonológico. Isso pode ser aferido por meio dos comentários dos falantes, que identificam com facilidade, mesmo sendo iletrados, as diferenças de pronúncia, ou sotaque. Levando isso em consideração e o fato de termos acesso a dados obtidos em conformidade com os princípios e método geolinguísticos, elegemos a

variação no nível fonético-fonológico como foco de investigação, visando a verificar áreas dialetais no português falado no Espírito Santo.

Além disso, constatamos que existem poucas pesquisas linguísticas no Estado, razão por que quase nada se sabe sobre as características do português aí falado. Um dos poucos casos em que se cogita o falar capixaba remete a 1953, quando Antenor Nascentes (*apud* ILARI; BASSO, 2006), em pesquisa ainda hoje muito citada, divide o falar brasileiro em seis subfalares: o amazônico, o nordestino, o baiano, o mineiro, o sulista e o fluminense, no qual se insere o português falado no Espírito Santo.

Ao dividir as áreas linguísticas no Brasil, Antenor Nascentes também se utilizou das vogais pretônicas para delimitar os falares do país: nos falares do norte prevalece a realização de vogais abertas pretônicas [ɛ] e [ɔ]; enquanto nos falares do sul há tendência à realização das vogais fechadas médias [e] e [o].

Para suprir em parte essa lacuna de estudos sobre o português capixaba, está em curso o *Atlas Linguístico do Espírito Santo* (ALES), que objetiva descrever as principais variantes lexicais, fonéticas e morfossintáticas existentes no estado do Espírito Santo.

Assim, a partir dos dados coletados nesse extenso projeto, pretendemos aqui focalizar o comportamento das vogais em posição pretônica no Espírito Santo. Tal pesquisa visa inicialmente a analisar a realização, por exemplo, de *p[i]pino* por *p[e]pino*, de *g[u]rdura* por *g[o]rdura*, etc. Essa variação, tão comum no português brasileiro, está relacionada a diversos fatores, tais como o tipo de sílaba subsequente na palavra, o contexto precedente, a tonicidade, as variáveis extralinguísticas, como escolaridade, gênero, faixa etária, localidade,

entre tantos outros fatores. Assim, dependendo do condicionante, as vogais em contexto pretônico podem neutralizar-se, como é o caso da alternância entre vogais médias de primeiro grau e vogais médias de segundo grau (*b[e]lo ~ b[ɛ]lo*; *b[e]leza ~ b[ɛ]leza*); ou sofrer processo de harmonização vocálica (quando as médias pretônicas assimilam a altura da vogal alta subsequente: *c[o]ruja ~ c[u]ruja*). De modo geral, a vogal pretônica está sujeita a variações conforme as regras de abaixamento, de alteamento², dentre outros processos.

Pautando-nos nas teorias da Geolinguística pluridimensional e da Sociolinguística (disciplinas cujos fins são o estudo da variação linguística), objetivamos, neste trabalho, descrever e analisar o uso das vogais médias pretônicas. Também pretendemos correlacionar o uso e a eventual variação a diferentes fatores linguísticos e extralinguísticos, neste caso, tanto na perspectiva diatópica, quanto na perspectiva diassocial, identificando e analisando os fatores que contribuem para a variação dessas vogais. Neste sentido, e de modo mais abrangente, temos o objetivo de contribuir para descrição do português falado no Espírito Santo.

Como já afirmamos, tal Estado possui grande diversidade étnica e cultural, que pode ser percebida na distribuição da população entre as diferentes microrregiões aí existentes. Apesar da “mistura” das raças que compuseram o Espírito Santo, é possível observar características culturais herdadas de antepassados aloglotas. Notamos, ainda, a presença e influência indígena no território capixaba, além de migrações de populações vindas de estados vizinhos. Isto posto, acreditamos que a

² Neste trabalho, utilizamos os itens *alteamento* e *alçamento* como termos sinônimos.

distribuição das possíveis variantes pretônicas não se dá aleatoriamente, mas obedece a características como, por exemplo, as zonas de influência de imigrantes, zonas migratórias, zonas antigas de ocupação, etc. Ou seja, as causas extralinguísticas relacionadas a determinado uso linguístico regional ou a um grupo social têm vinculações históricas e sociais que precisam ser identificadas e analisadas. É com base nesse pressuposto, que realizamos este estudo.

Acreditamos que o estudo acerca do comportamento das vogais médias em contexto pretônico no estado do Espírito Santo, além de contribuir para a descrição do falar capixaba, poderá servir de incentivo a outras pesquisas acerca do linguajar no Estado.

Considerando as contribuições expostas acima, destacamos a seguir, os objetivos do presente trabalho:

Objetivos Gerais:

- Descrever e analisar o comportamento das vogais médias em contexto pretônico no português falado no Espírito Santo;
- Contribuir para a descrição do português falado no Espírito Santo.

Objetivos Específicos:

- Mostrar, sob a forma de cartas linguísticas, o comportamento das vogais médias pretônicas no Espírito Santo;
- Relacionar as possíveis variantes fônicas ao processo de colonização e ocupação do Estado em questão;

- Analisar possíveis variantes das vogais pretônicas, tendo em vista os diferentes grupos étnicos presentes no Estado;
- Relacionar possíveis variantes das vogais pretônicas aos espaços geográficos, inclusive com os estados limítrofes, levando em consideração o quadro das pretônicas no Brasil;
- Buscar dados que confirmem ou não características do subfalar fluminense, em que o Espírito Santo encontra-se inserido, segundo a demarcação de Antenor Nascentes;
- A partir dos dados do ALES e do ALiB, observar o comportamento das vogais médias pretônicas nos falares rural e urbano;
- Observar a influência das variáveis sociais e linguísticas na realização da pronúncia das médias pretônicas.

Como já comentamos, é característica do Português do Brasil a variação das vogais pretônicas, tema acerca do qual já foram realizados diversos estudos. Pautando-nos em alguns desses trabalhos, expressamos parâmetros para embasamento de nossa pesquisa. Desse modo, nosso estudo será norteado pelas seguintes perguntas, cujas hipóteses pretendemos confirmar ou retificar ao fim deste trabalho:

1. *Sendo o Espírito Santo avizinado por três estados com marcadas características linguísticas – Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro – em relação à pronúncia*

aberta ou fechada da vogal média pretônica, como é o comportamento desse tipo de vogal no falar capixaba?

Considerando o quadro elaborado por Cardoso (*apud* CARDOSO; MOTA, 2006) sobre a realização das pretônicas no português brasileiro, e observando as pronúncias nos estados limítrofes ao Espírito Santo (Bahia – realização aberta; Minas Gerais – pronúncias abertas e fechadas –; e Rio de Janeiro – realização de vogal fechada), prevemos que, no Estado capixaba, devido à interação existente entre esses três estados, ocorram tanto variantes abertas, quanto fechadas da vogal pretônica.

2. *Considerando o comportamento da vogal em contexto pretônico, haverá distinção no falar de regiões colonizadas e fortemente influenciadas por imigrantes europeus – sobretudo em áreas de colonização pomerana, onde ainda hoje sua língua é cultivada?*

Como dissemos, existe no estado do Espírito Santo grande diversidade étnica e cultural. A ocupação do Estado é recente e conta com vários grupos de colonizadores europeus, dentre eles, imigrantes pomeranos que, situados em comunidades rurais na região serrana do Espírito Santo, estabelecem pouco contato com a comunidade em geral. A partir disso, acreditamos que a manutenção da língua materna pode refletir em variação no português usado nos arredores dessas localidades.

3. *Existe diferença no comportamento das vogais pretônicas entre o falar dos habitantes de zonas rurais do Estado e da zona urbana de Vitória?*

Acreditamos, ainda, que a variação das vogais pretônicas, por não tratar-se de variantes estigmatizadas, não seja marcadamente distinta entre as áreas rural e urbana, mas que uma possível variação coincida com aspectos relacionados à ocupação e à colonização no estado do Espírito Santo.

4. *O falar capixaba realmente possui características semelhantes ao falar carioca, levando em conta a proposta de Nascentes, que insere o Espírito Santo juntamente com o Rio de Janeiro, no subfalar fluminense?*

A divisão de Antenor Nascentes insere o Espírito Santo no subfalar fluminense. Apesar de serem poucos os estudos descritivos sobre o falar capixaba, acreditamos ser propícia uma melhor averiguação acerca do comportamento das vogais médias pretônicas no Estado, de modo a comparar os resultados a alguns estudos já realizados no Rio de Janeiro. Acreditamos, no entanto, que os falares desses dois estados se mostram distintos, contrariando assim, a proposta de Nascentes.

1 As vogais pretônicas

1.1 O sistema vocálico brasileiro

Considerando o fator tonicidade, as vogais do Português Brasileiro podem ser agrupadas em: vogais tônicas, pretônicas e postônicas, segundo Silva (2002).

Quando tônicas orais, a distribuição das sete vogais existentes é homogênea em todas as variedades do Português Brasileiro, como pode ser observado no Quadro 1.

	anterior		central		posterior	
	arred	não arred	arred	não arred	arred	não arred
Alta		i			u	
Média alta		e			o	
Média baixa		ɛ			ɔ	
Baixa				a		

Silva, 2002, p. 79.

Quadro 1: vogais tônicas orais do português

A autora percebe a variação das vogais tônicas orais em um grupo restrito de palavras, como, por exemplo, em: [ˈfrɛiɐ] ~ [ˈfrɛɪɐ] (ele freia); [ˈfɛʃɐ] ~ [ˈfɛʃɐ] (ele fecha), entre outros casos.

Quanto às vogais pretônicas, a autora afirma que, nesse contexto, as vogais [i, e, o, u] são geralmente pronunciadas de maneira idêntica

em qualquer variedade do Português Brasileiro. Porém, existem casos em que ocorrem variações entre os segmentos [ɛ, ɔ] – [e, o] – [i, u], que marcam, sobretudo, a variação dialetal. Dentre essas variações, observamos a ocorrência de palavras como “*d[i]dal, m[u]delo*”, ao invés de “*d[e]dal, m[o]delo*”. Existe também a possibilidade de ocorrência de [ɛ, ɔ] nesse mesmo contexto, “*d[ɛ]dal, m[ɔ]delo*”, que geralmente marca variações dialetais geográficas ou de idioletos.

Observemos no Quadro 2 o conjunto das vogais em contexto pretônico.

	anterior		central		posterior	
	arred	não arred	arred	não arred	arred	não arred
Alta	i				u	
Média alta	e				o	
Média baixa	(ɛ)			(ə)	(ɔ)	
Baixa				a		

Silva, 2002, p. 81.

Quadro 2: vogais pretônicas orais do português

Silva mostra ainda as vogais postônicas orais, que se subdividem em “postônicas finais” e “postônicas médias”. A autora ressalta que essa distribuição também caracteriza a variação dialetal (ou mesmo idioletal) no Português Brasileiro.

	anterior		central		posterior	
	arred	não arred	arred	não arred	arred	não arred
Alta		(i) ɪ			u	
Média alta		(e)			(o)	
Média baixa				ə		
Baixa				(a)		

Silva, 2002 p. 86.

Quadro 3: vogais postônicas finais do português

Exemplos dessa variação são: [*'mato*], [*'matu*] (postônicas finais); *núm[e]ro*~*núm[ɛ]ro*; *pér[o]la* ~ *pér[u]la* ~ *pér[ɔ]la* (postônicas mediais).

Nesta dissertação atentamos ao comportamento das vogais, mais especificamente as médias, em contexto pretônico.

1.2 Variações a que estão sujeitas as vogais pretônicas

Como dito anteriormente, as vogais pretônicas são bastante propícias à variação dialetal geográfica: lembramos que, segundo Silva (2002), as pretônicas [i, e, o, u] são, muitas vezes, pronunciadas de maneira idêntica em todas as variedades do Português Brasileiro. Contudo, podem ocorrer variações da pretônica, por exemplo, em relação à pronúncia de [i, u], em vez de [e, o]: *c[i]bola*, *t[u]mate*; em relação à pronúncia de [ɛ, ɔ], ao invés de [e, o]: *b[ɛ]leza*, *c[ɔ]lado*; em

relação à pronúncia de uma vogal central média baixa [ə] ao invés de [a]: /ə/b/ə/c/ə/xi, c/ə/ma.

Existem ainda outros casos que refletem variação da vogal em contexto pretônico:

- *pretônicos em hiatos*: quando as vogais médias [e] e [o] aparecem em contexto pretônico em hiato, juntamente com um [a] tônico, essas médias tendem a se manifestar como [i] e [u], respectivamente. Assim, as formas do infinitivo, como nos exemplos de Câmara Jr. (2007), *pass[e]ar* e *v[o]ar* pronunciam-se, respectivamente, /pas[i]ar/ e /v[u]ar/.

- *pretônicos precedentes a consoantes labiais*: estudos linguísticos observaram a ocorrência de vogais labializadas [u] e [o], como, por exemplo, em formas como [lu'brina], [nu'brina] e [lo'brina], possivelmente por influência da consoante labial que vem posteriormente.

- *contexto inicial de palavra, seguido de sibilante*: observou-se também em algumas pesquisas (MAIA, 1986) que, dentre outros fatores favoráveis à elevação das vogais médias pretônicas, a vogal média precedente a uma sibilante em contexto inicial de palavra se mostrou relevante. Assim, palavras como *estante* e *escola* tendem a realizar-se como [i]stante e [i]scola.

- *pretônicas precedentes à lateral*: é o caso da lateral palatal em *c[u]lher* e *m[i]lhor*, tanto no caso da média anterior quanto posterior, e das labiais /p/, /b/, /f/, /v/ e /m/, no caso da posterior, como em *m[u]leca* e *b[u]neca* (LEITE; CALLOU, 2002, p. 41).

Ressaltamos que, em posição pretônica, diversos processos contribuem para essa variação:

- *neutralização*: trata-se da perda de um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica: *b[ɛ]lo > bel[e]za; s[ɔ]l > s[o]lar* (apud BISOL, 2003).

- *harmonização vocálica*: processo no qual as vogais médias em posição pretônica assimilam a altura da vogal imediatamente seguinte. Citamos os exemplos de Battisti e Vieira (2001, p. 167) para tal processo: *p[e]pino ~ p[i]pino; c[o]ruja ~ c[u]ruja*.

Geralmente, o processo de alçamento (modificação do traço [- alto] para [+alto] das vogais médias /e/ e /o/) ocorre mediante uma vogal alta nas sílabas seguintes – fato que Schwindt (2002) chama de “gatilho” da regra, ou seja, o condicionador para esse alçamento. Existem, porém, variações da vogal pretônica sem a presença do “gatilho”, como podemos observar a seguir.

- *Alçamento sem motivação aparente*: além dos dois processos mencionados, observa-se também a elevação da vogal pretônica sem motivação aparente, como, por exemplo, nas palavras *b[o]lacha ~ b[u]lacha, g[o]verno ~ g[u]verno*. Esse estudo acerca da variação da pretônica em ambiente que, aparentemente, não contribui para o favorecimento da regra de alçamento da vogal foi realizado, dentre outros autores, por Klunck (2007), em sua dissertação de mestrado.

Muitas são as observações acerca dos casos das variações da vogal pretônica. Neste trabalho, porém, enfatizamos o comportamento das vogais médias, em contexto pretônico, em três registros de pronúncia:

a) *Pronúncia elevada, na qual /e/ e /o/ são produzidas na*

forma [i] e [u]. Ex: m[i]lhor, c[u]meço;

- b) *Pronúncia média-fechada, quando /e/ e /o/ permanecem na forma [e] e [o]. Ex: m[e]lhor, c[o]meço;*
- c) *Pronúncia abaixada, na qual /e/ e /o/ são pronunciadas na forma média-aberta [ɛ] e [ɔ]. Ex: m[ɛ]lhor, c[ɔ]meço.*

1.3 Estudos acerca da pretônica no Português Brasileiro

Desde a passagem do latim para o português, observa-se que as pretônicas são as mais suscetíveis a alterações e quedas, embora as pretônicas da primeira sílaba sejam as que mais resistem, fato talvez explicado pela influência do antigo acento de intensidade inicial (COUTINHO, 1962).

No caso das mudanças do latim ao português, a queda da pretônica explica-se quando:

- a) as sílabas iniciais estão desapoiadas: a primeira sílaba conta somente com a vogal, a qual não se sustenta. Ex: epigru > prego; inamurare > namorar.
- b) as sílabas não iniciais se acham adjacentes à tônica: há, nesse caso, a perda da vogal pretônica. Ex: bonitãte > bondade; vindicãre > vingar.

Para Coutinho (1962, p. 118), “as modificações, à primeira vista anômalas, que se observam nas vogais pretônicas da primeira sílaba, podem justificar-se pela influência dos sons vizinhos”, como em:

- bilancia > balança, novacula > navalha (assimilação);

- *muliére* > *molher* (arc.) > *mulher* (ação das palatais);
- *prensione* > *prisão* (influência da semivogal);
- *rotundu* > *redondo*, *tonсорia* > *tesoira* ou *tesoura* (dissimilação);
- *offocare* > *affocare* > *afogar* (troca de prefixo);
- *ascultare* > *auscultare* > *ascuidar* (arc.) > *escutar* (analogia com os nomes começados por *es-*).

Como visto, as pretônicas sempre foram vulneráveis à mudança. Bisol (1983) oferece evidências de que a variação da pretônica é reflexo de uma regra muito antiga, segundo a autora, provinda desde o século IV d.C., e que ainda hoje se mostra muito comum no português.

No Brasil, foram realizados diversos trabalhos acerca da variação das vogais pretônicas. Observaremos agora algumas pesquisas realizadas, separadas aqui por regiões.

Na Região Norte, mais especificamente no município paraense de Cametá, Rodrigues e Araújo (2007) realizaram pesquisa acerca das vogais médias pretônicas /e/ e /o/, verificando a harmonização vocálica numa abordagem variacionista laboviana, de modo a analisar a possibilidade de abertura, fechamento e alteamento das vogais em questão.

Os dados da pesquisa foram obtidos de uma amostra de 36 informantes naturais do município de Cametá.

Considerando a hipótese de que a variação é motivada socialmente, foram analisadas, nesse trabalho, quatro variáveis independentes sociais (sexo, faixa etária, escolaridade e procedência), e dez variáveis linguísticas (nasalidade, contexto fonológico precedente, contexto fonológico seguinte, tonicidade, vogal da sílaba seguinte,

localização morfológica, natureza da tonicidade da sílaba seguinte, natureza da distância entre a pretônica e o gatilho, posição da pretônica no interior do vocábulo, natureza do ponto de articulação).

Os resultados desse trabalho mostraram que, no português falado na cidade de Cametá, a regra de elevação aplica-se com menor probabilidade, ao modo que se observa maior frequência de vogais médias fechadas, aspectos mais próximos aos falares do Sul, e não aos do Norte, como atribuído ao estado do Pará.

Os fatores linguísticos que mais favoreceram a regra de elevação foram a nasalidade; o contexto fonológico seguinte labial e palatal; o gatilho em sílaba tônica, entre outros. Quanto aos fatores sociais, observou-se que a aplicação da regra de elevação é favorecida por falantes de 25 a 45 anos e 46 em diante.

Também no estado do Pará, na cidade de Bragança, Freitas (2001) realizou um estudo acerca das vogais médias pretônicas. Tal estudo, pautando-se no método da Sociolinguística Quantitativa, examinou o comportamento das vogais pretônicas /e/ e /o/. Para essa pesquisa, foram analisadas 32 entrevistas coletadas entre informantes da cidade de Bragança, estratificadamente distribuídos por faixa etária, sexo, escolaridade e renda. Também se observou a influência de fatores linguísticos como vogal da sílaba tônica; vogal átona da sílaba seguinte; consoante antecedente; consoante seguinte; caráter átono da pretônica no paradigma e classe morfológica.

Os resultados desse trabalho apontam para predominância de [e] e [o], que são fortemente favorecidas por vogais médias. Observou-se também grande ocorrência das variantes baixas [ɛ] e [ɔ], favorecidas

por vogais baixas. Já as variantes altas [i] e [u] têm menor frequência, sendo favorecidas pela vogal alta da sílaba seguinte.

Quanto aos fatores sociais, confirma-se a hipótese inicial de que a escolaridade atua como fator condicionante no comportamento variável das vogais médias pretônicas: a baixa escolaridade é o fato que mais propicia o alteamento das vogais nesse contexto.

Outro trabalho bastante significativo na Região Norte foi realizado por Brandão e Cruz (2005), cujo título é *Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base em dados do ALAM e do ALiSPA*.

O trabalho apoiou-se nos dados registrados em cartas fonéticas dos atlas linguísticos em questão: o *Atlas Linguístico do Amazonas* (ALAM) e o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALiSPA), comparando-os a partir de índices percentuais dos dados obtidos nos referidos atlas. Observou-se a distribuição das pretônicas, considerando as variáveis gênero e faixa etária, visto que essas variáveis foram sistematicamente controladas nesses dois atlas.

As autoras iniciaram esse trabalho com a expectativa de encontrar, em ambos os estados, a ocorrência das médias pretônicas abertas [ɛ] e [ɔ], conforme indicado por Nascentes em 1953 (*apud* ILARI; BASSO, 2006). Conforme hipótese inicial, as autoras confirmaram a existência de vogais abertas em posição pretônica nos estados do Amazonas e do Pará.

No Centro-oeste brasileiro, algumas pesquisas também já foram realizadas. Graebin (2008) analisou, em trabalho de dissertação, a pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/ na fala de moradores da cidade de Formosa – GO.

A autora propôs-se estudar a variação das vogais médias pretônicas verificando as possibilidades de abaixamento [ɛ, ɔ], elevação [i, u] e manutenção da pronúncia média-fechada [e, o], sob a perspectiva da Teoria da Variação.

Foram coletadas 14 entrevistas para tal verificação, observando o efeito de variáveis linguísticas, como contexto vocálico seguinte, segmentos precedentes e seguintes, acento secundário, contato com a cidade de Brasília e tipo de discurso; e extralinguísticas, como sexo, classe econômica e nível de escolaridade.

Graebin notou que a variação das vogais médias pretônicas sofre influência de fatores como a frequência e a classe gramatical do item lexical, e, como fator social, a classe socioeconômica do falante.

Dentre os resultados observados, a autora constatou que a variedade linguística na cidade de Formosa pode ser enquadrada no subfalar baiano, onde se observou a presença da variação ternária – alçamento, manutenção e abaixamento das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica – embora o índice de abaixamento seja menor que o de variedades faladas nessa região.

Postigo (2007), por sua vez, verificou as variações fonéticas e sintáticas em narrativas do *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul* (ALMS), utilizando dados coletados nas localidades de Bandeirantes e Rochedo, ambas as cidades pertencentes à rede de pontos do referido atlas.

Dentre os aspectos fonéticos e sintáticos estudados, a autora analisa também o caso de alteamento da vogal. Lembramos que tal processo fonético consiste no levantamento do som de uma vogal mais

baixa para uma mais alta, por exemplo, a passagem de [e], vogal média de segundo grau, para a vogal alta [i].

A autora observa as ocorrências de alçamento em vogais em posição postônica, pretônica e tônica, em grupos de palavras subsequentes, retiradas das narrativas coletadas pelo ALMS.

Trabalhando com as variáveis sexo, faixa etária e localidade, relativamente ao aspecto do alteamento das vogais, Postigo observa a utilização maior da regra entre as mulheres (52%) do que entre os homens (48%).

Também na Região Nordeste registram-se diversos trabalhos relacionados à pronúncia das vogais pretônicas. Em Salvador, Silva (1992) apresentou alguns resultados a partir de entrevistas obtidas com 24 informantes, homens e mulheres com nível superior, realizadas pelo Projeto Estudo da Norma Linguística Urbana Culta – NURC. Ao *corpus* desta pesquisa foi dado tratamento quantitativo, utilizando os programas Swaminc e VARBRUL 2.

O trabalho discute a natureza da regra que determina as realizações altas, médias e baixas da vogal pretônica. Para isso, foi analisado o contexto vocálico, sendo observado que a tonicidade da vogal subsequente é um fator que exerce forte influência no comportamento variável das vogais pretônicas.

A quantificação dos dados mostrou, no dialeto de Salvador, ocorrência das variantes [u] e [i] em grandes percentuais, principalmente antes de vogais altas (*p[u]lítica, r[i]cibo*); de [o] e [e], observadas com maior frequência antes de vogais de mesma altura (*s[o]corro, c[e]rveja*); e das médias baixas [ɔ] e [ɛ], que aparecem com

percentagens elevadas em todos os contextos, exceto antes de [o] e [e] (*c[ɔ]légio, r[ɛ]médio*).

Silva considera como resultados mais consistentes o fato de tanto a regra em /o/ quanto em /e/ produzirem com mais frequência [u] e [i], respectivamente, quando a pretônica é seguida por vogal alta, nasal ou não nasal (*br[u]chura, c[u]rtina*), e quando varia na família lexical com vogal acentuada alta (*s[i]rviço*). A autora observa ainda que o tipo de consoante anterior ou posterior também influencia na regra: a vogal pretônica /o/ tende a elevar-se com mais frequência quando precedida de consoante não coronal, velar (*g[u]verno*) ou labial (*p[u]rção*); ou seguida de consoante labial (*c[u]bertor*). Já a pretônica /e/ é mais facilmente elevada a [i] quando precedida de consoante anterior labial (*cab[i]ceira*) ou dento-alveolar não lateral (*t[i]soureiro*). Nota-se também que a regra de alteamento das pretônicas, neste trabalho, operou-se somente sobre pretônicas entre consoantes.

A realização de /e/ e /o/ no dialeto de Salvador, segundo Silva, considerados estranhos à norma da capital baiana, deve ser analisada a partir da noção de “saliência fônica” de Naro e Lemle (*apud SILVA, 1992, p. 75*): “quanto mais salientes fossem as sequências fônicas produzidas pelas regras do dialeto baiano, tanto mais o locutor tenderia a substituí-la pela sequência prestigiada”.

Ainda no estado da Bahia, utilizando dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), Castro (1995) faz um estudo sobre a harmonização vocálica no Estado, tendo como objetivo verificar se tal regra, caracterizada pela elevação da pretônica nesse contexto (e > i; o >

u), ocorre na Bahia e as condições em que ocorre. Para essa verificação foram observados 29 vocábulos relevantes para o estudo em questão.

Castro observou que a harmonização vocálica é uma regra bastante notável no estado da Bahia, alcançando percentual muito alto de elevação em relação a outras alternativas de realização, e atingindo grande extensão geográfica.

Já na capital do estado do Rio Grande do Norte, Maia (1986), no trabalho, *Vogais pretônicas médias na fala de Natal*, acredita que o centro linguístico influenciador é a cidade de Recife/PE.

A amostra utilizada para tal trabalho é composta de seis gravações de meia hora cada, coletadas no ano de 1984. Os entrevistados são homens e mulheres, todos nativos da cidade, estando na faixa etária de 20 a 30 anos.

Maia observou, nessa pesquisa, que a variação das pretônicas é dependente do tipo de vogal imediatamente seguinte e que o fator tonicidade parece afetar o comportamento de átonas médias antes de /i/.

A partir desse trabalho, é possível ainda afirmar que: a) existe, na fala de Natal, alto índice de ocorrência de vogais pretônicas abertas, não excluindo, porém, a presença de vogais médias fechadas; b) foi observado que vogais médias abertas ocorrem em ambientes de vogais baixas, vogais nasalizadas e vogais altas imediatamente seguintes; c) existe possibilidade de ocorrência de pretônicas médias fechadas antes de vogais não médias ou não fechadas, variando, em muitos casos, com as médias abertas.

Com esse estudo, Maia discorda da observação de Silva Neto (*apud* MAIA, 1986), de que em toda a região Nordeste, todas as vogais pretônicas tenham realização aberta.

Em 1986, Suzana Cardoso (*apud* CARDOSO; MOTA, 2006), na obra *Tinha Nascentes razão?*, analisa dados do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB) e do *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (EALMG), a respeito da pertinência da realização aberta ou fechada das vogais pretônicas.

Para tal estudo, Cardoso, em 1986, considera a divisão de Antenor Nascentes que inclui, no falar baiano, as áreas correspondentes aos estados de Sergipe e Bahia; parte norte e noroeste de Minas Gerais e a faixa leste do estado de Goiás.

A autora confirma nesse estudo que a linha que demarca a fronteira entre o falar baiano, o mineiro e o fluminense, traçada a partir dos dados fornecidos pelos dois atlas, aproxima-se consideravelmente dos limites estabelecidos outrora por Nascentes.

Na Região Sudeste, já foram apresentados trabalhos em todos os estados, incluindo o de Célia (2004), que o realiza no município de Nova Venécia, noroeste do Espírito Santo, estado alvo de nossa pesquisa. Nesse trabalho, Célia realizou significativo trabalho acerca das vogais médias pretônicas na fala culta da referida cidade capixaba. Tal pesquisa pautou-se num estudo da Sociolinguística Variacionista, sendo realizada a partir de entrevistas aplicadas a nove informantes do sexo feminino, de nível superior completo e naturais do município. As informantes foram divididas em três faixas etárias: 25 a 35 anos; 36 a 55 anos e mais de 56 anos.

Célia selecionou para análise, variáveis linguísticas como nasalidade; vogal tônica; distância; vogal pretônica seguinte; atonicidade; consoante precedente; consoante seguinte e estrutura silábica. E como variável extralinguística, faixa etária.

Os resultados obtidos nessa pesquisa mostraram que as vogais médias pretônicas [e, o] realizam-se tanto alteadas [i, u], quanto abaixadas [ɛ, ɔ], e que tal variação se dá pelo processo de assimilação do traço de altura da vogal seguinte, independente de sua tonicidade. Observou também que um fator bastante relevante na aplicação da regra de alteamento é a nasalidade da pretônica.

A partir dos resultados obtidos nessa pesquisa, observando que o abaixamento verificado na comunidade estudada não é tão escasso quanto no Rio de Janeiro, nem tão recorrente quanto no estado da Bahia, Célia supõe que o dialeto capixaba é possivelmente uma região de transição entre os dialetos do norte e os do sul do Brasil, divisão proposta por Nascentes.

Em Minas Gerais, muitos trabalhos acerca das vogais pretônicas já foram apresentados, como por exemplo, o de Alves (2008), intitulado *O comportamento fonológico das vogais médias em posição pretônica no dialeto de Belo Horizonte*.

Foram utilizados nesse trabalho três *corpora* distintos, que têm em comum o fato de os informantes serem nascidos e criados em Belo Horizonte; terem curso superior completo e faixa etária de 20 a 38 anos.

Sob a ótica da Teoria da Otimalidade, Alves constatou, na capital mineira, a presença tanto da vogal fechada “*r[e]boco*”, como de vogal aberta “*r[ɛ]lógio*”, e ainda a ocorrência de vogal alta “*m[i]nino*”. A autora observou que no dialeto de Belo Horizonte existe uma tendência dos falantes para a realização da vogal média em posição pretônica.

Segundo Alves (2008), a variação das vogais médias pretônicas ocorre devido a diferentes processos fonológicos, como neutralização, harmonia vocálica e redução vocálica. Considerando, porém, a

complexidade de usos desse tipo de vogais, a autora sugere uma pesquisa mais aprofundada para entender melhor o comportamento das vogais nessa posição na capital mineira.

Analisando dados de fala da região metropolitana de Belo Horizonte, Viegas e Veado (1982) observaram a postulação da regra morfo-fonológica (responsável pelas alternâncias [e] ~ [i] e [o] ~ [u] do registro coloquial do dialeto carioca), formulada por Lemle em 1974, (*apud* VIEGAS; VEADO, 1982).

As autoras observaram, porém, na capital mineira, que as alternâncias expostas acima não podem ser capturadas adequadamente por uma regra categorial, conforme propõe Lemle. Isso porque os ambientes que propiciam a elevação de /e/ e /o/ não são coincidentes no condicionamento de cada variável, e as diferenças, em termos de aplicação da regra, não são significativas. As autoras sugerem que, em termos estruturais, as variáveis devem ser descritas separadamente. Há também fatores não estruturais que impedem a análise a partir de uma regra categorial, como classe social, idade, sexo e estilo de fala, fatores que estão diretamente correlacionados ao alicamento de /e/ e /o/.

Na fala coloquial de oito informantes da capital mineira, as autoras observaram alguns ambientes fonológicos que parecem influenciar a elevação das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica:

- a) para /e/, por ordem: início de palavra; seguida de sílaba contendo vogal alta acentuada; em sílaba DE e DES; seguida de sílaba contendo /e/; seguida de sílaba contendo /a/ acentuado; posição não inicial, em sílaba travada; alternando-se com uma realização tônica com timbre aberto; em sílaba CCV.

- b) para a vogal /o/: seguida de vogal alta acentuada; seguida de nasal; seguida de vogal baixa acentuada; seguida de /a/ acentuado; alternando-se com uma realização tônica com timbre aberto; em sílaba CCV; em sílaba travada; seguida de outra sílaba contendo /o/.

Por fim, as autoras, contrariando em alguns aspectos a regra proposta por Lemle, concluem que,

morfologicamente, não se pode restringir o alçamento aos sufixos com vogal alta acentuada que formam nomes e verbos; quando vogais /e/ e /o/ co-ocorrem num mesmo item léxico, a regra não se aplica obrigatoriamente tantas vezes quantas houver condições; há uma escala hierárquica de influência quando ambientes que atuam favorável ou desfavoravelmente co-ocorrem num item léxico. (VIEGAS; VEADO, 1982, p. 69).

Ainda no estado mineiro, Carneiro e Magalhães (2009) analisaram o sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari, cidade localizada na região do Triângulo Mineiro. Nesse trabalho, os autores propuseram-se verificar os processos fonético-fonológicos em que as vogais pretônicas estão inseridas, tais como a harmonia vocálica, a neutralização, o abaixamento e a elevação de vogais.

Para esse estudo, utilizaram-se um *corpus* cujos dados foram obtidos por meio de entrevistas com informantes naturais da região. Pautando-se na metodologia sociolinguística, foram selecionadas duas variáveis: faixa etária (de 15 a 30 anos; de 31 a 50 anos e mais de 50 anos) e escolaridade (indivíduos de 1 a 4 anos de permanência na escola

e escolaridade superior). Os autores observam que o gênero dos entrevistados foram escolhidos aleatoriamente, não sendo considerado para tal trabalho, visto que em outras pesquisas, tal variável não apresentou resultados relevantes.

Os resultados dessa pesquisa mostraram que o dialeto do Triângulo Mineiro assemelha-se ao dialeto mineiro de Belo Horizonte, em pesquisa realizada por Viegas em 1987 (*apud* CARNEIRO e MAGALHÃES, 2009), e ao dialeto gaúcho, por Bisol (1981), que mostram que o processo de alçamento é superior ao de abaixamento das vogais em contexto pretônico. Carneiro e Magalhães observam também que as pretônicas sofrem mais variações na zona rural do que na zona urbana, fato que atribuem ao grau de escolaridade, ou talvez à espontaneidade do falar rural. Observam, por fim, que palavras compostas por três ou mais sílabas são mais propícias à variação das pretônicas do que as palavras dissilábicas.

Também no estado de Minas Gerais, agora no município de Pará de Minas, Viana (2008) realizou um estudo sobre as vogais médias pretônicas. Para tal, foram selecionados 36 informantes estratificadamente distribuídos por sexo, faixa etária, escolaridade, classe social e estilo.

Baseando-se na Teoria da Sociolinguística Quantitativa, Viana considerou as seguintes variáveis linguísticas: nasalidade, atonicidade, vogal tônica, estrutura da sílaba, distância da vogal tônica, contexto precedente, estado da glote, contexto seguinte e classe da palavra.

Nessa pesquisa, Viana observou ocorrência das três principais formas de variação da média pretônica: alteamento, manutenção e abaixamento da vogal média, sendo a manutenção a forma mais

frequente notada entre os pará-minenses. Dentre os contextos linguísticos observados, os mais relevantes em relação à regra de alteamento foram a atonicidade; a vogal tônica anterior; as sílabas travadas e a distância 2 da vogal tônica. Já para o abaixamento da vogal média, destacaram-se os fatores: vogal tônica – posição; vogal tônica – altura; vogal tônica – nasalidade; contexto precedente – modo; estado da glote do contexto precedente; contexto seguinte – modo; estado da glote do contexto seguinte e classe de palavras.

No estado de São Paulo, Tenani e Silveira (2008) analisaram o comportamento das vogais médias pretônicas no português culto falado na região de São José do Rio Preto, noroeste do Estado. O trabalho, intitulado *O alçamento das vogais médias na variedade culta do noroeste paulista*, teve como modelo teórico-metodológico a Sociolinguística Quantitativa. Para tal pesquisa, as autoras utilizaram o *corpus* do banco de dados Iboruna, do qual selecionaram 16 inquéritos de fala de informantes do gênero feminino, com nível superior completo, distribuídos em quatro faixas etárias: de 16 a 25 anos; de 25 a 36 anos; de 36 a 55 anos e mais de 55.

Tenani e Silveira pressupunham que a faixa etária dos indivíduos fosse significativa para a verificação de possíveis mudanças em tempo aparente, ou que essa variação fosse uma questão de gradação etária. Observaram, porém, que a aplicação da regra de elevação da vogal apresentou baixo percentual na região estudada, não permitindo, assim, uma categorização da regra conforme a faixa etária em que se encontrava o falante.

Essa pesquisa mostra, por fim, que, na fala culta da região paulista de São José do Rio Preto, as vogais médias [e] e [o]

predominam sobre as vogais altas [i] e [u], não havendo, assim, tendência à regra de alçamento.

Callou e Leite (1986), analisando as vogais pretônicas no falar carioca, apresentam uma tentativa de descrição mais sistemática sobre o tema. Para esse breve estudo, foi utilizado parte do *corpus* coletado na cidade do Rio de Janeiro para o Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC).

O material selecionado para análise consta de seis gravações de falantes naturais cariocas, filhos de carioca, do sexo masculino, com nível superior completo, pertencentes a duas faixas etárias (25 - 35 e 56 em diante), e distribuídos por zonas de residência (sul, norte e suburbana).

Esse trabalho, além de observar a extensão da regra de harmonização vocálica, teve por objetivo mapear o sistema das vogais pretônicas e explicar as possíveis variações do português falado por cariocas com formação universitária.

Quanto à aplicação da regra, foi observado, segundo as autoras, certo equilíbrio entre a elevação das vogais /e/ e /o/ orais: 28% e 29%, respectivamente, entre as vogais nasais [ẽ] e [õ] houve grande desproporção: a primeira apresentou percentual de elevação de 50% em relação à segunda, de 1%.

Além dos casos de elevação das vogais estudadas, Callou e Leite encontraram alguns casos de abaixamento das vogais (5%), contrariando alguns estudos, como o de A. Houaiss e Souza da Silveira (*apud* CALLOU; LEITE, 1986).

Na Região Sul, várias pesquisas também abordaram a realização das vogais em posição pretônica. Dentre essas, uma das mais citadas foi realizada por Bisol (1981).

Utilizando dados de entrevistas realizadas nas cidades de Porto Alegre, Veranópolis, Taquara e Livramento, além de dados do Projeto NURC, Leda Bisol realiza um estudo acerca do comportamento da vogal pretônica interna. Trata-se de sua tese de doutorado, concluída em 1981.

A autora analisa o processo de harmonização vocálica, observando os seguintes contextos: nasalidade, tonicidade, distância, paradigma, atonicidade, sufixação, contexto fonológico precedente e seguinte. Entre as variáveis extralinguísticas, Bisol aborda os fatores etnia, sexo, situação e idade.

Como resultados dessa pesquisa, a autora observou que a variação da pretônica está relacionada a diversos fatores. Os mais relevantes foram: a vogal alta imediatamente seguinte; a atonicidade; a nasalidade que favorece a elevação de [e] e desfavorece a de [o]; a consoante vizinha, quando a alveolar tende a reter a média pretônica; a labial, que alteia o [o] e preserva o [e]; e a velar e a palatal, que favorecem a regra.

Nesse estudo, Bisol observa o uso moderado da regra no dialeto gaúcho, apresentado nos quatro grupos sociolinguísticos pesquisados, confirmando a realização fechada das vogais médias pretônicas.

Também no estado do Rio Grande do Sul, Schwind (2002) volta a analisar esses tipos de vogais, observando o comportamento das vogais pretônicas também sob a ótica da harmonização vocálica. Nesse trabalho, o autor focaliza a harmonia que eleva as pretônicas /e/ e /o/,

que ele considera o alvo da regra, a fim de aproximar-se das vogais altas [i] e [u], que ele chama de “gatilho” da regra.

Schwindt assume nessa pesquisa

que a harmonização vocálica é uma regra variável, em moldes labovianos, motivada por fatores linguísticos e sociais, que tem baixa aplicação no português brasileiro e que, do ponto de vista da mudança linguística, é um processo estável, conforme atestam análises de diversos dialetos. (SCHWINDT, 2002, p. 162).

O autor, utilizando dados do Projeto Varsul (Variação Linguística Urbana na Região Sul) , revê a harmonização vocálica no dialeto gaúcho – trabalho também realizado por Bisol, em sua tese de doutoramento.

Schwindt trabalha com variáveis linguísticas tais como a nasalidade, contexto precedente, contexto seguinte, tonicidade, entre outras, que julga ser interessantes para a análise em questão. Entre as variáveis extralinguísticas, trabalha com os itens escolaridade, sexo, faixa etária e região. Lembramos que tais dados foram ainda submetidos a rodadas estatísticas pelo pacote VARBRUL, de modo a sistematizar os dados de seu trabalho.

Schwindt observa em sua pesquisa que a regra de harmonização vocálica apresentou crescimento no dialeto gaúcho nas últimas décadas. O autor deixa claro, porém, que tal crescimento não indica mudança, pois, além de esse número não ser tão significativo, não está relacionado a motivações sociais. Segundo ele, são os fatores linguísticos, próprios do sistema, os principais condicionadores da harmonização vocálica, sendo a prioridade de ocorrência para [e], o contexto precedente e, para

[o], a contiguidade³. Schwindt conclui também que o exame dos fatores linguísticos sinaliza para a existência de outra regra de cunho fonético, que coexiste com a regra fonológica da harmonização vocálica.

Ainda na cidade gaúcha de Porto Alegre, Klunck (2007), em sua dissertação de mestrado, se propõe analisar as vogais médias pretônicas, orientada pela professora Leda Bisol.

Segundo Klunck, as vogais pretônicas já foram objeto de estudo em diversos trabalhos, especialmente os casos de neutralização e harmonização vocálica. A autora focaliza, no entanto, a variação da pretônica em contexto em que não há presença de uma vogal alta, principal ativador da regra. Ela utiliza amostra do banco de dados do Projeto Varsul, mais especificamente, da cidade de Porto Alegre. A teoria que a autora utiliza como embasamento é a teoria da variação linguística na perspectiva de William Labov.

Trabalhando com diversas variáveis linguísticas, as selecionadas como estatisticamente relevantes foram: contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente, altura da vogal da sílaba seguinte, altura da vogal da sílaba precedente, distância da tônica, tipo de sílaba e nasalidade. Quanto às variáveis sociais, as mais relevantes foram por ordem: gênero e grau de escolaridade. As demais não demonstraram grande relevância.

A hipótese adotada por Klunck, ao iniciar esse estudo, era a de que a elevação da pretônica sem motivo aparente deveria ocorrer moderadamente no dialeto gaúcho – fato comprovado em sua pesquisa.

³ Schwindt (2002) define contiguidade como a proximidade entre a pretônica em variação e a vogal alta, a qual o autor chama de “gatilho” da regra de alçamento.

Por fim, ainda na Região Sul do país, agora em Curitiba, capital paranaense, Marchi e Stein (2007) verificaram *O alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente*, dando continuidade ao trabalho realizado por Klunck (2007). A amostra utilizada pelas autoras faz parte do banco de dados do Varsul (Variação Linguística Urbana na Região Sul), e a pesquisa foi feita seguindo a Teoria da Variação Linguística de Labov. A hipótese inicial das autoras previa que, na cidade de Curitiba, por apresentar hábitos linguísticos mais conservadores, a regra de elevação das vogais médias pretônicas não teria grande expressividade, fato comprovado ao final da pesquisa.

Marchi e Stein observaram, nesse trabalho, fatores linguísticos como a distância da sílaba tônica, tipo de sílaba, altura da vogal precedente, altura da vogal seguinte, posição da pretônica, consoante precedente, consoante seguinte e nasalidade. Quanto aos fatores de natureza extralinguística, observaram o gênero, a faixa etária e a escolaridade dos informantes.

As autoras também confirmaram a pouca expressividade de uso da regra de elevação da vogal média pretônica sem motivação aparente, confirmando assim os indícios de que, na Região Sul, esse uso é pouco frequente. Contudo, os resultados percebidos nesse trabalho, na cidade de Curitiba, indicam que alguns fatores favorecem mais o alçamento, como a palatal na sílaba seguinte, no caso da vogal /e/; a dorsal em sílaba precedente, que favorece o uso da regra para a vogal /o/; e a nasalidade para /e/.

Em abordagem mais geral, vimos ainda a obra *Como falam os brasileiros*, de Leite e Callou (2002) que, em suas explanações a

respeito da diversidade linguística no Brasil, citam também o caso do vocalismo átono nos aspectos fonéticos da fala culta.

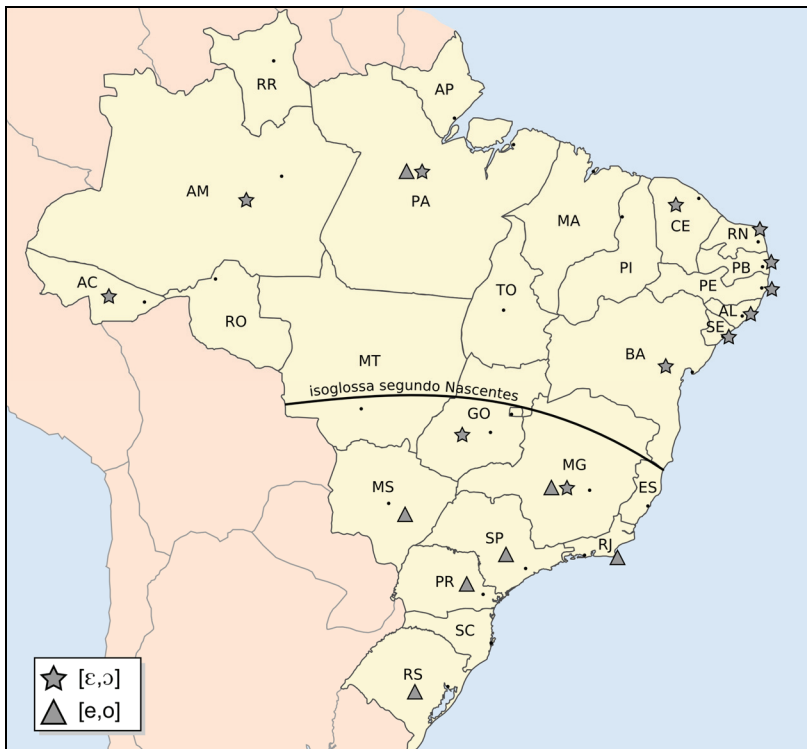
Retomando a afirmação de Antenor Nascentes de que as vogais pretônicas estabelecem a linha divisória entre os falares do Norte (que optam pela realização aberta da vogal) e os falares do Sul (que preferem a realização fechada), as autoras comparam os dados do Projeto NURC, em pesquisa realizada nas cidades de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Paulo. Obtiveram então os seguintes percentuais relacionados ao uso das pretônicas médias abertas [ɛ] e [ɔ]: 60% em Salvador, 47% em Recife, 5% no Rio de Janeiro e 0% em São Paulo e Porto Alegre. Com esses resultados, confirmam a previsão de Nascentes e afirmam que é possível separar Salvador e Recife, em termos linguísticos, das demais capitais estudadas.

Para Leite e Callou (*op. cit.*), a opção por uma vogal baixa aberta [ɛ] ou [ɔ], ou por uma alta fechada, [i] ou [u], está relacionada a condicionantes estruturais e sociais, como a presença de vogal alta ou baixa na sílaba acentuada (por exemplo: *c[u]ruja* e *p[i]pino*, em vez de *c[o]ruja* e *p[e]pino*; e *P[ɛ]lé* e *b[ɔ]lota*, em vez de *P[e]lé* e *b[o]lota*). Segundo elas, consoantes adjacentes também podem favorecer o alçamento das vogais médias, como a lateral palatal [lh] (*c[u]lher* e *m[i]lhor*), e também as consoantes labiais [p, b, f, v, m], que provocam elevação apenas de /o/ (*m[u]leque*, *b[u]neca*), apesar da presença de uma vogal aberta em sílaba tônica.

Em relação a variáveis extralinguísticas, observam que as mulheres apresentam maior aplicação da regra de elevação que os homens, o que, segundo elas, demonstra mais inovação no uso da

variante. Quanto à faixa etária, os resultados mostraram, no caso das pretônicas, que no Rio de Janeiro a regra de elevação é mais frequente entre os mais velhos; já em Recife, é entre os mais jovens que se observa maior elevação tanto da vogal anterior /e/, quanto da posterior /o/.

A partir dos trabalhos explanados, é possível representar cartograficamente a diatopia do comportamento das vogais médias pretônicas no País (ver Mapa 1), em relação ao abaixamento das vogais médias, considerando o quadro de Klunck (2007), além de alguns estudos realizados pelos autores aqui citados. Esclarecemos que os dados linguísticos indicados no mapa representam os resultados de estudos recentes e a isoglossa é aquela proposta por Antenor Nascentes. Apesar de o mapa indicar que em Minas Gerais e Goiás ocorre somente a regra de abaixamento, nesses estados correm as três regras (abaixamento, manutenção e alçamento), como demonstra o quadro 4, adiante.



Mapa 1: realização das vogais médias pretônicas no PB

Observando o Mapa 1, notamos claramente a separação feita por Nascentes em 1953: mais ao sul do país, ocorrência de vogais fechadas, e ao norte, maior ocorrência das médias abertas.

Como síntese dos trabalhos apresentados neste capítulo, e ainda utilizando-nos do quadro exposto por Klunck (2007), mostramos, a seguir, um quadro comparativo com os principais resultados adquiridos pelos autores estudados. Tais realizações dizem respeito à variação ternária da vogal média pretônica: manutenção da vogal média [e], [o], abaixamento [ɛ], [ɔ] e alçamento da pretônica [i], [u].

Região	Estados	[e], [o]	[ɛ], [ɔ]	[i], [u]
Norte	Amazonas		✓	
	Pará	✓	✓	
	Acre		✓	
Nordeste	Ceará		✓	
	R. G. do Norte	✓	✓	
	Paraíba		✓	
	Pernambuco		✓	
	Alagoas		✓	
	Sergipe		✓	
	Bahia		✓	✓
Sudeste	Minas Gerais	✓	✓	✓
	Rio de Janeiro	✓		
	São Paulo	✓		
Sul	Paraná	✓		
	R. G. do Sul	✓		
Centro-oeste	M. G. do Sul	✓		✓
	Goiás	✓	✓	✓

Adaptado de Klunck, 2007, p.18

Quadro 4: realização das pretônicas no PB

Observando o Quadro 4, notamos que existe grande regularidade em relação à ocorrência da regra de abaixamento da vogal em contexto pretônico. Já em relação à regra de alçamento da vogal pretônica, observamos poucos dados. Porém ao que nos interessa, nesta pesquisa, percebemos que nos estados que se limitam com o Espírito Santo

(Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro), as três regras mostram-se bem distribuídas.

2 A Dialetoologia no Brasil

A Dialetoologia, ramo da Linguística que estuda a variação da língua na perspectiva espacial, tem história bastante antiga, visto que a variação nas línguas (independentemente de qual seja) pode ser observada até mesmo nos antigos textos bíblicos (ARAGÃO, 2006a).

Para Mounin (*apud* ARAGÃO, 2006a, p. 6), a Dialetoologia é o

domínio da Linguística concernente ao estudo dos dialetos. Se diz do estudo dos dialetos particulares, mas sobretudo e mais a propósito, o estudo comparativo de um conjunto de dialetos cobrindo uma certa área linguística.

A história da Dialetoologia no Brasil divide-se inicialmente em duas épocas, propondo-se, como marco divisório, o período que se estende de 1957 a 1959. Nesse período acontecem no país, grandes eventos em torno desse “novo” campo da Linguística, tais como: o 3º e 4º colóquios Internacionais de Estudos Luso-Brasileiros, 1º Congresso Brasileiro de Etnografia e Dialetoologia, o 1º Simpósio de Filologia Românica, e a publicação, em 1958, da primeira parte das *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil, de Antenor Nascentes*, publicado em dois volumes, em 1958 e 1961, (*apud* BRANDÃO, 1991).

Porém, Ferreira e Cardoso (1994) apresentam posteriormente, uma formulação tripartida da história da Dialetoologia no Brasil. Além das duas primeiras épocas propostas por Nascentes, as autoras consideram como nova fase a retomada do projeto, em 1996, de um atlas nacional. Décadas após a publicação da obra de Nascentes, surge

enfim o projeto *Atlas Lingüístico do Brasil*, hoje em andamento, do qual participam renomados pesquisadores de diversas Universidades brasileiras.

Considera-se que o primeiro estudo de caráter dialetológico sobre a variação regional do português do Brasil surgiu no ano de 1920. Trata-se de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, cuja obra despertou a atenção de estudiosos da época e serviu de incentivo a outros trabalhos de natureza dialetal.

Em 1923, publicou-se *O linguajar carioca em 1922*, de Antenor Nascentes (NASCENTES, 1923). Reeditada em 1953, esta obra traz, nessa segunda edição, novas propostas de divisão do Brasil em áreas dialetais. Tal proposta divide o território brasileiro em seis subfalares, apoiados em observações colhidas nas viagens de Nascentes por todo o país. São eles os subfalares amazônico, nordestino, baiano, mineiro, fluminense e sulista, reunidos em dois grupos: do norte e do sul, e ainda um território considerado de falar incaracterístico, no centro-oeste. A obra de Nascentes ainda hoje é usada como ponto de partida para diversos estudos da variação linguística brasileira.

Outro nome de grande importância no campo da Dialetologia é o do professor Serafim da Silva Neto, que ao longo dos anos 40 e 50, sempre buscou divulgar a importância de se criar uma “mentalidade dialetológica nacional”. Para Silva Neto, a Dialetologia está ligada a um estudo mais amplo, que é a Etnografia. Assim, a coleta linguística que ele propunha estava ligada a crenças, hábitos, cultura, entre outros aspectos, do indivíduo na sociedade. Inclusive, em sua obra *Guia para estudos dialetológicos*, o autor, além de sugerir uma metodologia para

pesquisa de campo, sugere, ainda, temas para estudos e uma proposta de questionário para ser aplicado em pesquisas dialetológicas.

Estava, então, lançada a semente para o surgimento de diversos atlas linguísticos. A Dialetologia, atualmente, não trata apenas da variação regional, de dialetos e falares de uma região específica; esse campo envolve também as variações sociais, culturais e estilísticas, marcas presentes em qualquer grupo linguístico. Assim, os estudos dialetais admitem dois caminhos: 1) o enfoque diatópico e 2) o enfoque sociolinguístico.

2.1 A Geografia Linguística

Eugênio Coseriu (1955) designa a Geografia Linguística como um método dialetológico e comparativo que pressupõe o registro em mapas, tratados nessas áreas como cartas linguísticas, de grande número de formas linguísticas (fônicas, lexicais e morfossintáticas) comprovadas mediante coleta direta, através de entrevistas, em rede de pontos prévia e criteriosamente selecionados. É, ainda, a partir dos atlas linguísticos, que podemos melhor visualizar a distribuição dos dialetos no espaço geográfico, que muitas vezes coincide com aspectos políticos, físicos, étnicos e culturais da comunidade linguística.

Além da distribuição gráfica dos fenômenos linguísticos, um atlas contribui para a observação de vários aspectos como, por exemplo, o caráter conservador ou inovador, ou até mesmo o desaparecimento de algumas variantes da língua. Com isso, pode-se deduzir se uma variante caminha para uma mudança e até mesmo o trajeto dessa possível inovação (a partir de que ponto surgiu e para onde caminha a mudança). Os atlas linguísticos permitem também (e esse é um dos principais

objetivos), traçar linhas (isoglossas) para delimitar as áreas onde existem regularidades no dialeto, para assim fazer as análises antes mencionadas.

Razky, Lima e Oliveira (2006) apresentam três argumentos que justificam a elaboração de um atlas linguístico:

- pesquisa linguística variacionista;
- história da língua (documentação);
- política linguística (política de ensino).

Desses argumentos, os autores enfatizam a questão séria e necessária, mas ainda pouco discutida, que diz respeito à política de ensino. Nesse eixo, chamam atenção sobre a diversidade fonética e sua influência na fala e na escrita da maioria das crianças em fase de aprendizagem da língua.

Dentre as dificuldades que enfrenta uma criança em fase inicial de aprendizagem da escrita (como a não-correspondência entre grafia e representação fonética (*comesou*), ou a dificuldade de separar unidades na escrita (*porisso*)), há ainda muitas outras dificuldades ligadas a variações dialetais, como em *famiia* (família), *tauba* (tábua), *brusa* (blusa), etc.

A partir dos problemas de ensino-aprendizagem de língua materna relacionados à variação dialetal, os autores sugerem melhor conhecimento do professor sobre as variedades locais. Uma variedade não deve ser, de forma preconceituosa e traumática, substituída por meio da escola – cujo papel é ensinar a norma padrão – sem, necessariamente, erradicar a norma utilizada pelo aluno. Assim, para que se obtenha maior sucesso no processo de ensino do aluno, o professor deve, sem dúvida, conhecer a variedade dos aprendizes, e mostrar-lhes novas

possibilidades de fala e escrita, no caso, da norma culta e da norma padrão. Nesse sentido, um atlas linguístico ofereceria subsídios para a formação do professor na área da variação linguística.

Apesar das publicações das obras de Nascentes, em 1958 e 1961, e Silva Neto, em 1957, a Geografia Linguística iniciou-se no Brasil, em 1963, quando se publicou o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de Nélson Rossi. A partir desse trabalho, bem como outros atlas publicados posteriormente, as bases metodológicas, de coleta e organização foram aos poucos aprimoradas.

Apesar de se tratar de um campo relativamente novo no Brasil, principalmente no que diz respeito à construção, efetivamente, de atlas linguísticos, o tempo, os estudos e, sobretudo, os recursos financeiros que demanda a elaboração de um atlas, significativos trabalhos de âmbito regional já foram realizados no Brasil, dentre eles, os já publicados (ARAGÃO, 2006b):

- **Atlas prévio dos Falares Baianos:** como mencionamos, este foi um marco nos trabalhos da Geografia Linguística. Elaborado pelo Professor Nelson Rossi, a obra possui volume único, publicado no ano de 1963. O atlas engloba 50 localidades do estado da Bahia, contabilizando 100 informantes. O questionário possui 164 questões, tendo sido geradas 209 cartas linguísticas.

- **Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais:** os principais responsáveis pela construção do EALMG foram José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio. Planejado para ser publicado em quatro volumes, a primeira publicação

aconteceu no ano de 1977. Foram realizados inquéritos em 116 municípios do Estado, onde foram entrevistados 83 informantes. O questionário possui 415 questões.

- **Atlas Linguístico da Paraíba:** apresenta três volumes, o último ainda não foi publicado. A publicação dos dois primeiros volumes ocorreu no ano de 1984. Maria do Socorro de Aragão e Cleuza Palmeira de Menezes foram as precursoras de tal trabalho. Realizaram entrevistas em 25 municípios-base e 75 municípios-satélite. O atlas conta com 107 informantes e seu questionário apresenta 877 questões.

- **Atlas Linguístico de Sergipe:** coordenado pelo professor Nelson Rossi, contou também com a colaboração de Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Nadja Andrade, Suzana Cardoso e Vera Rollemberg. Foi publicado em 1987. Os inquéritos foram realizados em 15 localidades, contando com 30 informantes. Seu questionário possui 700 questões, apresentando na publicação, 180 cartas.

- **Atlas Linguístico de Sergipe II:** foi realizado como trabalho de Tese de Doutorado da professora Suzana Cardoso, publicado no ano de 2005, tendo como objetivo dar prosseguimento ao atlas anterior. Nesse trabalho a autora utilizou-se de dados coletados entre 1963 e 1964 e até esse momento não explorados. Os 30 informantes foram selecionados dentre as 15 localidades escolhidas. O questionário deste atlas conta com 700 questões, apresentadas em 108 cartas linguísticas.

- **Atlas Linguístico do Paraná:** foi o quinto atlas do país a ser publicado, tratando-se da Tese de Doutorado da professora Vanderci de Andrade Aguilera, em 1994. Nesse trabalho, 65 localidades foram percorridas, totalizando 130 informantes entrevistados. Seu questionário possui 325 questões, sendo analisadas em 203 cartas linguísticas.

- **Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS:** primeiro atlas do Brasil a englobar um trabalho em nível de região. Coordenado inicialmente por Walter Koch e depois por Cléo Altenhofen, conta com vários colaboradores, distribuídos em equipes nos três estados em que a pesquisa foi realizada. Sua rede de pontos apresenta, ao todo, 294 localidades, sendo 106 no Paraná, 86 em Santa Catarina e 102 no Rio Grande do Sul. O questionário desse atlas conta, ao todo, com 711 questões. Foi publicado no ano de 2002, em dois volumes. O volume 3, que trata das cartas semântico-lexicais, está no prelo.

- **Atlas Geo-Sociolinguístico do Pará:** Abdelhak Razky foi o pesquisador responsável pela construção desse trabalho. Foram selecionadas 10 localidades pertencentes às seis mesorregiões do Pará, onde foram entrevistados 40 informantes. O questionário deste atlas totaliza 157 questões, sendo o aproveitamento dessas questões distribuídos em 600 cartas linguísticas. Este é o primeiro atlas sonoro do país, sendo publicado em 2004.

- **Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul:** sob a coordenação de Dercir Oliveira, Aparecida Negri Isquerdo, Maria José Gomes e

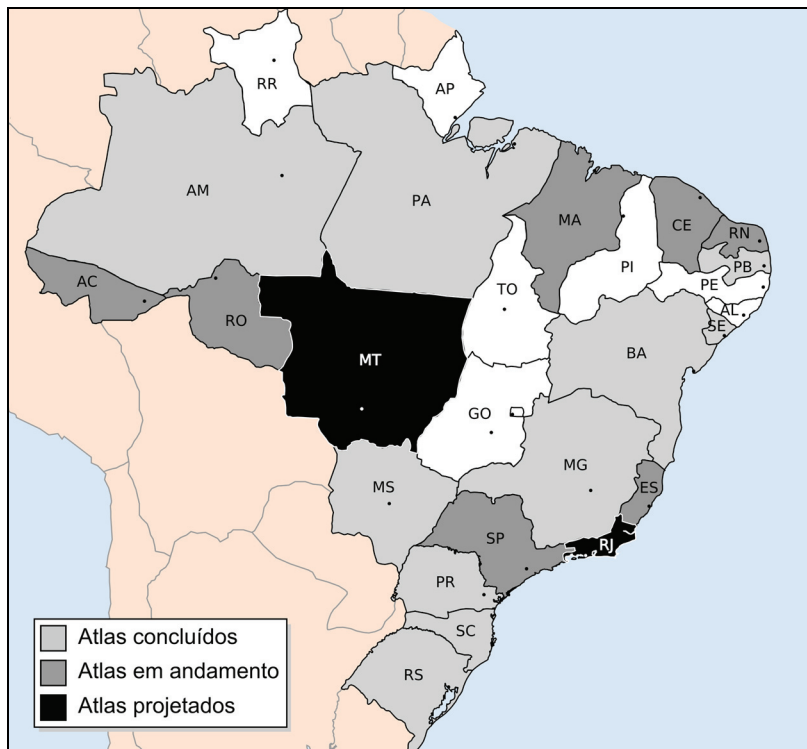
Albana Xavier Nogueira, o ALMS conta com 33 pontos de inquéritos. Em tal trabalho, foi aplicado aos informantes um questionário lexical, com 510 questões e um questionário fonético-fonológico, com 47 questões, além de uma narrativa. Em cada localidade, foram entrevistados quatro informantes de ambos os sexos, cuja escolaridade máxima não ultrapassava a 4ª série do Ensino Fundamental. Trabalhou-se aqui com duas faixas etárias: 18 a 30 anos e de 45 a 70 anos.

- **Atlas Linguístico do Amazonas:** o Atlas Linguístico do Amazonas consta de 107 cartas fonéticas e 150 cartas semântico-lexicais. Cada ponto de inquérito é formado por seis informantes distribuídos por gênero e três faixas etárias: 18 a 35 anos; 36 a 55 anos e 56 anos em diante, totalizando 54 indivíduos com nível de instrução de até no máximo a 4ª série do Ensino Fundamental. Tal trabalho é fruto da tese de doutorado de Maria Luiza de Carvalho Cruz, em 2004.

Existem ainda, em andamento no Brasil, diversos atlas linguísticos estaduais:

- Atlas Linguístico do Estado do Ceará
- Atlas Linguístico do Estado de São Paulo
- Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro
- Atlas Etnolinguístico do Acre
- Atlas Linguístico do Maranhão
- Atlas Linguístico do Rio Grande do Norte
- Atlas Linguístico do Mato Grosso
- Atlas Linguístico do Espírito Santo.

O Mapa 2 mostra a situação e o andamento dos diversos atlas distribuídos pelo país:



Dados colhidos do site Atlas Linguístico do Brasil, em 24/09/09

Mapa 2: situação dos atlas estaduais no Brasil

Vistos os atlas estaduais concluídos ou em andamento, resta falarmos do Projeto do Atlas Linguístico do Brasil, um dos maiores projetos geolinguísticos em construção no país.

Esse projeto foi idealizado por Antenor Nascentes e por Serafim da Silva Neto na década de 1950. Passado tanto tempo de sonhos, estudos, levantamento de recursos e programação, o Atlas Linguístico

do Brasil (ALiB) iniciou-se, efetivamente, no ano de 1996, sob a coordenação de um Comitê Nacional presidido por Suzana Cardoso (UFBA), com a participação de dezenas de pesquisadores de diversos estados brasileiros.

A rede de pontos do ALiB é composta por 250 localidades, distribuídas por todo o país, contabilizando cerca de 1100 informantes. O questionário totaliza mais de 500 questões, distribuídas em questionário semântico-lexical, morfossintático, fonético-fonológico, além e questões de prosódia, pragmática, discurso semi-dirigido e texto para leitura. O ALiB apresenta-se em fase de aplicação dos inquéritos.

O ALiB também inova em relação à dialetologia tradicional, de caráter monodimensional (um único informante por ponto, do sexo masculino, de idade avançada e da zona rural), ao incorporar outras dimensões diastráticas, tais como, idade, gênero e escolaridade (esta só nas capitais), estilos de fala e informantes urbanos. Trata-se do que se convencionou chamar de Geolinguística Pluridimensional (RADTKE; THUN, 1996).

2.2 A Sociolinguística

De acordo com Lope Blanch, (*apud* ARAGÃO, 2006a, p. 7), “se a Dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical”.

O citado comentário coloca dentro dos estudos dialetais os aspectos sociais, visto que inseridos nas regiões dialetais, encontram-se indivíduos diferenciados por faixa etária, grau de escolaridade, enfim, trata-se, sobretudo, de um ser social.

A variação linguística abordada a partir das condições sociais do falante recebe o nome de variação social ou diastrática e pode ser estudada correlacionando-a ao parâmetro da variação geográfica (ou diatópica).

A variação diatópica diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, podendo ser observadas entre falantes de origens geográficas distintas. A variação diastrática, por sua vez,

relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Nesse sentido, podemos apontar os seguintes fatores relacionados às variações de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social (ALKIMIM, 2001, p. 35).

A preocupação com a variação social se intensificou e começou a ser sistematizada, principalmente, a partir da década de 1960 com a implementação dos estudos sociolinguísticos e, sobretudo, pela influência dos trabalhos de Labov. Em um de seus mais importantes trabalhos na ilha de Martha's Vineyard, Labov, para compreender a variação previamente observada na ilha, busca correlações entre o traço linguístico pesquisado (a centralização dos ditongos) e traços sociológicos, método ainda hoje considerado primordial para a análise linguística.

E esse se tornou um dos focos da Sociolinguística: correlacionar aspectos linguísticos e sociais no estudo da língua em uso nas comunidades de fala. Mollica (2008) discute a relevância das variáveis não linguísticas nesses tipos de pesquisa. Isso porque, quando

analisamos a fala de um indivíduo, ou de um grupo, fatores como gênero/sexo, idade, escolaridade e classe social não podem ser deles desagregados. E como visto nas mais diversas pesquisas de cunho linguístico, esses fatores, sem dúvida, são grandes condicionantes nos casos de variação.

Ressaltamos, por fim, que Dialetoлогия e Sociolinguística são interdependentes e complementares. Embora seus métodos possam ser diferentes, não se mostram de nenhum modo incompatíveis. Essa aproximação da dialetoлогия tradicional, de caráter monodimensional, cujo foco era quase que exclusivamente a variação diatópica, com a sociolinguística, cujo foco principal é a variação diassocial, é defendida, dentre outros autores, por Radtke & Thun (1996).

Margotti (2004), em relação ao tema, acrescenta que

(...) no lugar do tratamento monodimensional, que restringe a análise ao recorte horizontal da variação diatópica, coloca-se a perspectiva da dialetoлогия pluridimensional, a qual reúne no mesmo enfoque a análise das dimensões horizontal e vertical (social) da variação linguística. Como se sabe, a língua não é somente um complexo de variedades regionais, mas também uma superposição de variedades sociais (MARGOTTI, 2004, p.102).

Desse modo, a dialetoлогия deixa de se ocupar tão somente das variedades rurais da língua para dar conta também de outras dimensões linguísticas associadas ao mundo moderno das cidades, da mobilidade populacional e dos meios de comunicação de massa.

3 A comunidade linguística: o estado do Espírito Santo

3.1 Contexto socio-histórico

Dividido o país, no início da colonização portuguesa no Brasil, pelo sistema de capitanias, coube um desses pedaços de terra a Vasco Fernandes Coutinho, terra essa correspondente ao atual estado do Espírito Santo. As capitanias possuíam uma largura que variava de 200 a 700 km, do Tratado de Tordesilhas até o litoral. A capitania do Espírito Santo abrangia, além do atual Estado capixaba, grande parte da área hoje correspondente ao de Minas Gerais. A área que corresponde atualmente às terras capixabas foi doada por D. João III a Vasco Coutinho em 1534, chegando o donatário ao Espírito Santo no ano de 1535, acompanhado de 60 homens. Como a chegada da caravela Glória aconteceu num dia de domingo e esse dia, no calendário cristão, é consagrado ao Espírito Santo, a capitania recebeu esse nome.

Observemos assim, o Mapa 3, que retrata a divisão do país em capitanias hereditárias.



Adaptado do site <http://www.juserve.de/rodrigo>

Mapa 3: as capitâncias hereditárias

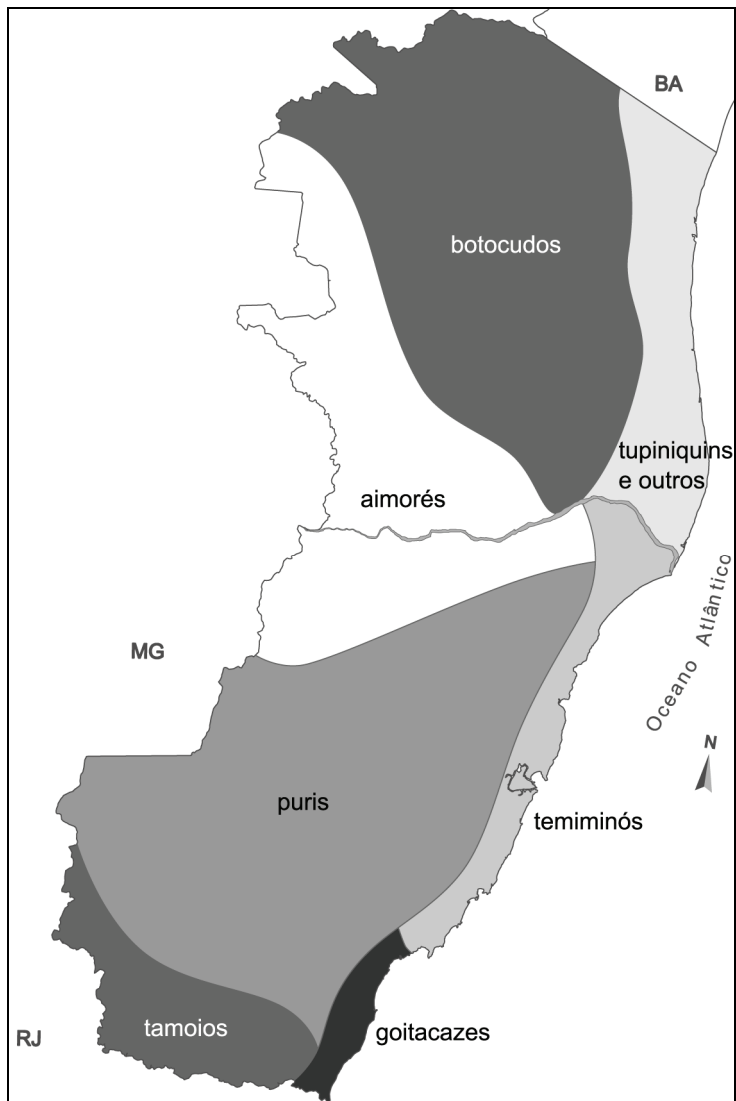
Durante os três primeiros séculos de colonização, os donatários e governadores limitaram-se à exploração de terras próximas à vila do Espírito Santo. Dentre os fatores que “atrasaram” a exploração do sertão capixaba estão a ferocidade de hostis tribos indígenas que habitavam todo o território doado; a dificuldade de vias de comunicação, que no início era predominantemente fluvial; e ainda o interesse do governo nacional em manter uma “barreira verde” durante todo o período de exploração das jazidas auríferas na região das Minas Gerais, proibindo a construção de estradas para o interior e impedindo a navegação dos rios para os sertões capixabas.

Na época da chegada de Vasco Coutinho à capitania, não se sabe ao certo o número de indígenas ali existentes, mas toda ela era tomada por índios de diversas tribos. Tupiniquins e temiminós ocupavam a área litorânea e, apesar de terem recebido com hostilidade os estrangeiros, acabaram, em sua maioria, sendo cristianizados pelos jesuítas da Companhia de Jesus, chegados na capitania no ano de 1551.

Existem ainda muitas controvérsias sobre a origem dos índios que habitavam o território do Espírito Santo, mas os aimorés eram, nas proximidades da vila instalada em Vitória, os mais temidos, como relatam as obras historiográficas sobre o Estado. Habitavam o interior da capitania, ao sul, puris, tamoios, goitacazes e temiminós, e ao norte, os ferozes botocudos⁴, existentes nessa região até por volta das décadas de 40 e 50, “desaparecendo” à medida que novas vilas iam surgindo.

⁴ Conforme Moreira e Perrone (2007, p. 22), “[...] botocudos eram índios de várias tribos (crenaques, nacun, nac-requês, pancas, manharigéns, incutera, aimorés, goitacazes), que tinham como característica comum o uso do botoque no lábio inferior [...]”.

A ocupação indígena no Espírito Santo pode ser melhor visualizada no Mapa 4.



Adaptado de Moreira, 2001, p. 14

Mapa 4: tribos indígenas pré-vascaínas

Constatando a presença de ouro no Brasil, a partir do final de 1600, iniciou-se a corrida por esse precioso metal. Essas ricas minas se localizavam na faixa de terra compreendida pelos limites traçados na carta de doação a Vasco Coutinho. Porém, a distância do litoral, as barreiras naturais, como a Serra dos Aimorés, e a presença dos botocudos, fazia da região aurífera, um campo quase impenetrável naquela época, fato pelo qual não houve reclamação sobre o direito de posse da região. Ainda assim, a faixa litorânea capixaba, com seus portos naturais, foi considerada perigosa, pois poderia permitir possíveis invasões estrangeiras às minas. Pretendendo então proteger a distante região das Minas Gerais⁵, foram tomadas algumas medidas para isolar a costa da capitania, tais como a construção de fortificações, o fechamento do Rio Doce⁶ para navegação e a proibição de construção de estradas para o interior.

Por esses motivos, entre o período de 1535 a 1813, a colonização deu-se predominantemente no litoral, expandindo-se para o interior do Estado a partir desta última data⁷.

No final do século XVIII, existiam no Espírito Santo cerca de 22 mil pessoas⁸, com predomínio de escravos e índios, distribuídos precariamente entre as seis vilas até então existentes: vila do Espírito

⁵ Em 1720, Minas Gerais foi elevada à condição de capitania, se desvinculando formalmente do Espírito Santo com o objetivo de isolar a zona aurífera, evitando a infiltração estrangeira.

⁶ O Rio Doce era, na época, o principal meio de entrada para o interior da capitania, considerando a inviabilidade de acesso por terra por causa da presença dos botocudos.

⁷ O avanço rumo à exploração até então nunca havia ultrapassado três léguas da costa.

⁸ Conforme recenseamento feito pelo capitão-mor Inácio João Monjardim, em 1790.

Santo (atual região de Vila Velha), Vitória, Guarapari, Benevente, Nova Almeida e Itapemirim.

3.1.1 Imigração européia no Espírito Santo

Segundo Costa *et al* (1999), a imigração no Espírito Santo está relacionada à crise do regime escravocrata no Brasil, à necessidade de ocupação de vazios demográficos e à diversificação da produção agrícola.

A imigração iniciou-se no Estado a partir de 1813 (quando chegaram os primeiros estrangeiros) e foram os imigrantes os responsáveis pelo desbravamento e povoamento do interior, adentrando a desconhecida área através dos rios navegáveis em sua parte baixa.

Assim, diante desse esvaziamento populacional, objetivando povoar a capitania e receber mão de obra, foram trazidos, em 1813, das ilhas dos Açores para o Brasil⁹ grande número de ilhéus, dentre os quais 248 colonos direcionados ao Espírito Santo. Para motivar os açorianos a enfrentar a rispidez das capitanias, foram oferecidos a eles benefícios, como terras, ferramentas, carros-de-boi e mesada para dois anos. No Espírito Santo, esses estrangeiros acomodaram-se na localidade de Viana.

De acordo com Regina Hees e Sebastião Pimentel (*apud* MOREIRA; PERRONE, 2007), o fluxo mais significativo de emigrantes, partindo principalmente da Europa, ocorreu entre meados e final do século XIX, ou seja, no período imperial do Brasil. Além dos

⁹ Objetivavam também o povoamento de outras capitanias, visto o reduzido número de pessoas na colônia.

açorianos, registrou-se a vinda de alemães, pomeranos, poloneses, italianos, dentre outros.

Além desses, também foram trazidos, no mesmo ano da chegada dos açorianos ao município de Viana, 34 imigrantes espanhóis das Ilhas Canárias, enviados para uma fazenda na região de Linhares. Ao proprietário dessa fazenda foi dada a missão de demarcar as terras nas regiões próximas à Bahia¹⁰ e distribuí-las aos imigrantes.

Os imigrantes alemães vieram para o Estado nos anos de 1847 e 1857, mas infelizmente não se têm informações quanto ao número de pessoas. Esse colonos, vindos na primeira data, fundaram a colônia de Santa Isabel, que foi posteriormente desmembrada, resultando no núcleo de Campinho. Em 1857, os alemães foram assentados em Santa Leopoldina, onde fundaram a colônia. A localidade de Viana também recebeu a influência da colonização alemã, quando, por volta do ano de 1865, sob a proteção do coronel João Manoel Nunes Ferreira, algumas famílias foram instaladas nos “sertões” do município.

Os imigrantes italianos, por sua vez, vieram para o Espírito Santo no ano de 1840, instalando-se inicialmente em Guarapari, espalhando-se depois para outros municípios. Mas foi a partir dos anos 70 do séc. XIX, que a imigração italiana intensificou-se no Estado, quando a maioria dos italianos se instalou no Estado capixaba. As áreas inicialmente destinadas ao assentamento dos italianos foram Santa Cruz, atual município de Aracruz, e Timbuí, que corresponde ao território dos municípios de Fundão, Santa Teresa, São Roque do Canaã, Itaguaçu, Itarana, Ibirapu e João Neiva. Após a abolição da escravidão, novas

¹⁰ Terra nessa época, tomada pela capitania de Porto Seguro, reincorporada ao Espírito Santo após a independência do Brasil.

áreas foram destinadas aos imigrantes italianos: Colatina e Venda Nova do Imigrante. Também há presença de imigração italiana nos municípios de Santa Leopoldina e Santa Maria de Jetibá.

A imigração italiana iniciou-se no período colonial e estendeu-se até o regime republicano. Porém no ano de 1895 o governo italiano proibiu a vinda dos seus cidadãos para o Espírito Santo¹¹. Apesar dessa proibição, a entrada de imigrantes italianos não cessou, mas diminuiu consideravelmente. O fator definitivo para a redução do fluxo de entrada desses imigrantes foi a crise cafeeira nos anos posteriores.

Também, em 1859, alguns colonos europeus vieram da Pomerânia para o Estado. De acordo com Moreira e Perrone (2007, p. 62),

nesse período, a região da atual Alemanha era formada por 36 províncias, cada uma com sua língua e identidade cultural. A unificação da Alemanha (1871) ocorreu quando muitos pomeranos já estavam no Brasil, ou seja, antes do processo de imposição do alemão e da supressão dos chamados “dialetos” ou “língua menor” naquela região.

No Espírito Santo, esses imigrantes ocuparam a região de Santa Leopoldina, vivendo isolados e sem acompanhamento técnico e cultural, como aconteceu com outros pomeranos e grupos europeus que foram para os EUA, Canadá e Austrália (MOREIRA; PERRONE, 2007). Os

¹¹ Essa decisão foi tomada após a divulgação de um relatório redigido pelo cônsul italiano em uma visita ao Estado. Nesse relatório, o cônsul Nagar (nome que intitulava o relatório) denunciava as péssimas condições a que os italianos eram submetidos em terras capixabas. Tal proibição culminou com um surto de malária ocorrido na região do Rio Doce. Conforme o documento, 300 italianos teriam morrido, abandonados pelo governo estadual.

pomeranos do Espírito Santo mantêm, ainda hoje, práticas étnico-culturais como a língua e as religiões.

No Estado, registra-se a presença de pomeranos nos municípios de Pancas, Baixo Guandu, Laranja da Terra, Afonso Cláudio, Vilão Pavão, Santa Teresa, Santa Maria de Jetibá e Domingos Martins.

Observou-se ainda, no Estado, a presença de luxemburgueses, que chegaram a Santa Leopoldina em 1859; mas poucos permaneceram. A maioria foi em busca de centros maiores; os que ficaram dedicaram-se ao transporte de tropas de mulas e outros à agricultura. Esses imigrantes foram, em sua maioria, incorporados pela comunidade alemã, bem mais expressiva na região, tendo como elemento facilitador o conhecimento prévio da língua.

Já os imigrantes poloneses, em 1872, eram 580 pessoas. O primeiro grupo desembarcou em Vitória e foi conduzido para Santa Leopoldina. Lá foi dividido em 4 subgrupos. No ano seguinte chegaram duas novas levas. Dispersos, o maior grupo formou o Patrimônio dos Polacos, hoje Santo Antônio de Canaã, no município de Santa Teresa.

Mais tarde, com o fim da Primeira Guerra, o desemprego, a fome e a destruição provocaram um processo de emigração em massa da Polônia. Os poloneses que chegaram ao Espírito Santo, em 1928, criaram um assentamento no núcleo de Águia Branca.

Em relação aos suíços, o primeiro grupo de imigrantes chegou ao Espírito Santo em 1856, sendo composto por um núcleo de 12 famílias, totalizando 90 pessoas, assentadas inicialmente no núcleo de colonização denominado Rio Novo do Sul. Outro grupo de suíços, descontentes com o tratamento que receberam em São Paulo, aportou

em Vitória em março de 1857. Era composto por 117 pessoas, e receberam lotes em Santa Leopoldina (colônia de Santa Maria Suíça).

De acordo com Tschudi (2004), de 1856 a 1894, o Espírito Santo recebeu 280 imigrantes provenientes da Suíça, a maioria dos quais – 207 colonos – desembarcou entre os anos de 1856 e 57. A partir de 1857 o desembarque se deu esporadicamente e em número reduzido. Somente após vinte anos um terceiro grupo, composto por 36 colonos, chegou à província.

Esse mesmo período coincide com a imigração de austríacos, belgas, holandeses e luxemburgueses. Observamos, porém, que a maior parte dos suíços que aqui chegaram são provenientes dos cantões de língua alemã. Tais fatores contribuíram para uma aproximação junto aos demais grupos étnicos que chegaram depois à Santa Leopoldina e os que já estavam em Santa Isabel, permitindo, assim, o entrecruzamento das famílias e a convivência em um meio comunitário. A maioria, porém, não permaneceu nessa região e migrou para o sul do Brasil; outros para Vitória. Já no início do século XX, alguns descendentes foram para o norte do Estado.

Observamos, por fim, a presença, em menor número, de holandeses, que chegaram no ano de 1858, estabelecendo-se em Santa Leopoldina e de tiroleses (austríacos), que também marcaram presença nesse mesmo e diversificado município.

No Mapa 5, podemos observar o movimento imigratório no Estado.

levados juntamente com imigrantes suíços para o núcleo de Rio Novo do Sul.

3.1.2 Índios do Espírito Santo

Não existem dados concretos acerca da quantidade de índios que os jesuítas deixaram no Estado quando foram expulsos. Balestrero (1986) comenta dados não oficiais de uma estatística da Companhia de Jesus, feita em 1750, de que esse número alcançava cerca de 40.000 indígenas.

É inegável a influência dos silvícolas na colonização do solo capixaba. No Espírito Santo, muitas localidades e acidentes geográficos têm seus nomes originários do vocabulário indígena. Também no artesanato, ainda hoje sobrevive a influência indígena com a confecção das tradicionais panelas de barro. Prova da influência indígena, na época, é a forte aceitação da língua tupi dentro da Capitania, comumente falada, especialmente em Vitória, onde em 1795, a Câmara Municipal proibiu severamente sua aprendizagem e uso.

Os índios, sob auxílio dos jesuítas, depois de “amansados”, se espalhavam pelo litoral, fundando aldeias, em algumas das quais se ergueram cidades importantes dentro e fora do Estado. Exemplo disso é a conhecida cidade de Cabo Frio, no Rio de Janeiro, colonizada pelos índios capixabas de Benevente, para ali levados (em grupos de 500) pelo padre André de Almeida, em 1617.

No Espírito Santo, diversos municípios tiveram seu princípio como aldeia indígena, exemplos as cidades de Linhares, Aracruz, Guarapari, Anchieta, Fundão (originário de Nova Almeida), Iconha (desmembrado de Piúma, a princípio uma aldeia), dentre outros.

Com a expulsão dos jesuítas, em 1760, grande número de indígenas voltou para o recesso das matas, diminuindo, assim, o ritmo da colonização.

Os últimos grupos de indígenas localizados no Estado habitavam o norte capixaba, última área a ser ocupada. Segundo Balestrero (1986, p.83), quando no avanço rumo ao interior,

o “selvagem”, localizado a alguns quilômetros de Vitória, batera em retirada, dando lugar à conquista pacífica e harmoniosa da terra pelo colono estrangeiro que vinha trabalhar (...).

Apesar de sabermos que a ocupação do interior capixaba não se deu assim de forma tão pacífica, e indagarmos sobre o real rumo dos silvícolas, poucas informações temos a respeito desse elemento tão importante na cultura do povo capixaba.

Como já comentamos, existem hoje, no Espírito Santo, oito aldeias indígenas: cinco de remanescentes tupiniquins e três aldeias guaranis, cujos primeiros índios do grupo chegaram ao Estado por volta da década de 70, em busca da “terra sem males”, juntando-se assim aos irmãos tupiniquins.

3.1.3 Negros no Espírito Santo

Apesar da reduzida população, o Espírito Santo chegou a possuir um considerável número de escravos, objetivando suprir a falta de mão-de-obra.

Em recenseamento apresentado pelo capitão-mor Inácio João Monjardim, no ano de 1790, os dados mostravam que a população

estava calculada em 22.293 habitantes, com maciço predomínio de escravos e índios sobre os brancos.

Conforme Balestrero (1986, p.21):

Em 1870, existiam na Província 18.772 escravos, dos quais 4.992 africanos e 13.780 brasileiros. Em 1875, esse número se elevou para 22.659, diminuindo depois, em 1888, quando a 13 de maio a escravidão foi extinta, ocasião em que possuíamos 13.403 escravos, dos quais 6.995 somente no Itapemirim.

Dados mais recentes do censo de 1991 apontam que os negros somavam 1,6 milhão, totalizando 65% da população capixaba. (*apud* OSÓRIO *et al*, 1999).

Observamos que a presença do negro no Estado resultou em grande influência e caracterização da população capixaba. Na cultura popular, as manifestações de origem africana são um traço marcante. Dentre essas podemos lembrar o ticumbi, no norte do Estado; as tradicionais bandas de congo, do litoral; e os jongos e caxambus, no sul do Espírito Santo.

As regiões ocupadas pelos negros até o fim do século XVIII foram determinadas pela economia de cada uma delas. Concentrados no cultivo da cana-de-açúcar e de mandioca e na criação de gado e pesca, os negros localizaram-se nas regiões norte, nos atuais municípios de São Mateus, Conceição da Barra e Linhares; na região central, nas cidades de Vitória, Serra, Santa Leopoldina, Vila Velha e Guarapari; e ao sul, em Anchieta, Itapemirim, Marataízes e Presidente Kennedy.

Os negros de Santa Leopoldina “desceram” para a capital capixaba, onde foram “empurrados” para a periferia, manguezais e morros da cidade.

3.1.4 Migrações

Por volta de 1812, fluminenses, mineiros e paulistas (em menor número), atraídos pelo objetivo de realizar a produção cafeeira no Espírito Santo, como já realizavam no Vale do Paraíba, haja vista a baixa ocupação territorial do Estado, colonizaram o sul capixaba, inicialmente Itabapoana (Mimoso do Sul e imediações, Cachoeiro de Itapemirim, Muqui, Guaçuí, Alegre e Castelo).

Como também já mencionado, o norte do Estado, devido a inúmeras dificuldades de penetração nas matas, a falta de capital para construção de estradas e as barreiras naturais, foi a última e tardia região a ser ocupada. O processo de colonização dessa área iniciou-se no século XVI, contudo ainda no final do século XIX, o Espírito Santo apresentava sérios obstáculos à ocupação das terras do norte, mantendo o isolamento dessa região.

No século XVI, o tímido povoamento da região norte realizou-se através de três grandes linhas de penetração litorânea, pelos rios Piraquê-Açu, Doce e São Mateus. Nesse século, o movimento dessa penetração se fez através de migração de contingentes populacionais em três grandes arcos, conforme observado em Borgo *et al* (1996):

- 1) do sul do Espírito Santo para a fronteira agrícola do norte do Estado;
- 2) de Minas Gerais para a região da Serra dos Aimorés, nascente do rio São Mateus;

3) da Bahia para o extremo norte do Estado.

A ocupação do Espírito Santo, marcada pela intensa imigração em diversas localidades do Estado, objetivava a exploração do solo capixaba. Muitos vieram motivados pela exploração de madeira da grande área virgem do norte, e pela produção cafeeira. Imigrantes europeus, cearenses, baianos e mineiros adotaram o lucrativo comércio do café como forma de sobrevivência. Uma grande crise na produção cafeeira, contudo, mudou drasticamente a situação desses povos.

Ainda no período do regime militar (décadas de 60 e 70), a crise econômica provocada principalmente pela erradicação dos cafezais, e a esperança de melhores condições de vida na capital – quando se observa crescente processo de industrialização – resultou num desenfreado êxodo rural. Com o aumento desordenado da população da Grande Vitória, viu-se a necessidade de reestruturação dos serviços públicos, que já não conseguiam atender a nova demanda. Somam-se a esses fatores a degradação ambiental, desemprego, a favelização, a marginalização e demais efeitos correlatos. Observemos na Tabela 1, o rápido aumento da população da Grande Vitória.

Município	1960	1970	1980
Cariacica	39.608	101.422	189.089
Serra	9.192	17.286	82.581
Vila Velha	55.589	123.742	203.406
Vitória	83.351	133.019	207.747

Fonte: Moreira e Perrone, 2007, p.138

Tabela 1: aumento populacional da Grande Vitória

Além do êxodo rural de habitantes do Estado na década de 70, a implantação de grandes indústrias na Grande Vitória atraiu também habitantes do leste de Minas, sul da Bahia e Rio de Janeiro, causando uma expansão descontrolada da capital.

Em 1995 foi assinado o protocolo de intenções para a criação da Região Metropolitana da Grande Vitória. Em 1999 foi incorporada à região, a cidade de Guarapari e, em 2001, a cidade de Fundão. Assim, a região metropolitana conta hoje com seis municípios, contabilizando uma população de mais de 1,6 milhão de habitantes.

3.2 Aspectos físicos, políticos e geográficos

O estado do Espírito Santo possui 78 municípios, distribuídos em 12 microrregiões, objetivando, assim, auxiliar a administração estadual e o direcionamento de investimentos para os centros regionais.

O Estado limita-se ao norte com os estados da Bahia e Minas Gerais; ao sul, com o estado do Rio de Janeiro; a oeste, com os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro; e a leste, com o Oceano Atlântico.

Sua população é composta por mais de 3.000.000 de habitantes (67,9 hab./km²), estando 79,5% localizados nas zonas urbanas e 20,5% nas rurais. Estima-se que a maioria da população seja formada por descendentes de europeus.

A Grande Vitória conta com mais de 50% da população capixaba e dos estabelecimentos industriais, sendo responsável por aproximadamente 70% da arrecadação dos principais impostos.

Observamos que o crescimento populacional da Grande Vitória deu-se, principalmente, nas três últimas décadas, juntamente com um crescimento econômico relacionado a todo o Estado. Isso foi um reflexo

da dinâmica econômica e social que vem alterando o modo de vida da população capixaba.

O Estado destaca-se pelo número, ainda hoje, crescente de indústrias, localizadas principalmente na região metropolitana ou municípios próximos a ela, fato que atrai grande contingente, não só de cidades interioranas, mas também de seus estados vizinhos.

Enfim, o Espírito Santo é um Estado que possui grande potencial de desenvolvimento, crescimento esse que pode se estender a diversas áreas, não só industrial, mas na agricultura, na área portuária, no turismo, e na área petrolífera – em ascensão no Estado.

4 Metodologia

O presente trabalho dialetológico segue os princípios e estratégias da geolinguística pluridimensional, que incorpora, além da dimensão espacial (variação diatópica), outras dimensões, tais como as sociais (variação distrática) e a dimensões estilísticas ou de registro (variação diafásica).

Os dados desta pesquisa foram fornecidos pelo Projeto *Atlas Linguístico do Espírito Santo – ALES*, e pelo *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. O primeiro atlas conta com informantes da zona rural e o segundo com informantes da zona urbana.

Para maior clareza quanto à forma de coleta do material linguístico a ser analisado e quanto à sua representatividade geossociolinguística relativa ao Espírito Santo, seguem-se informações mais detalhadas sobre cada um desses projetos.

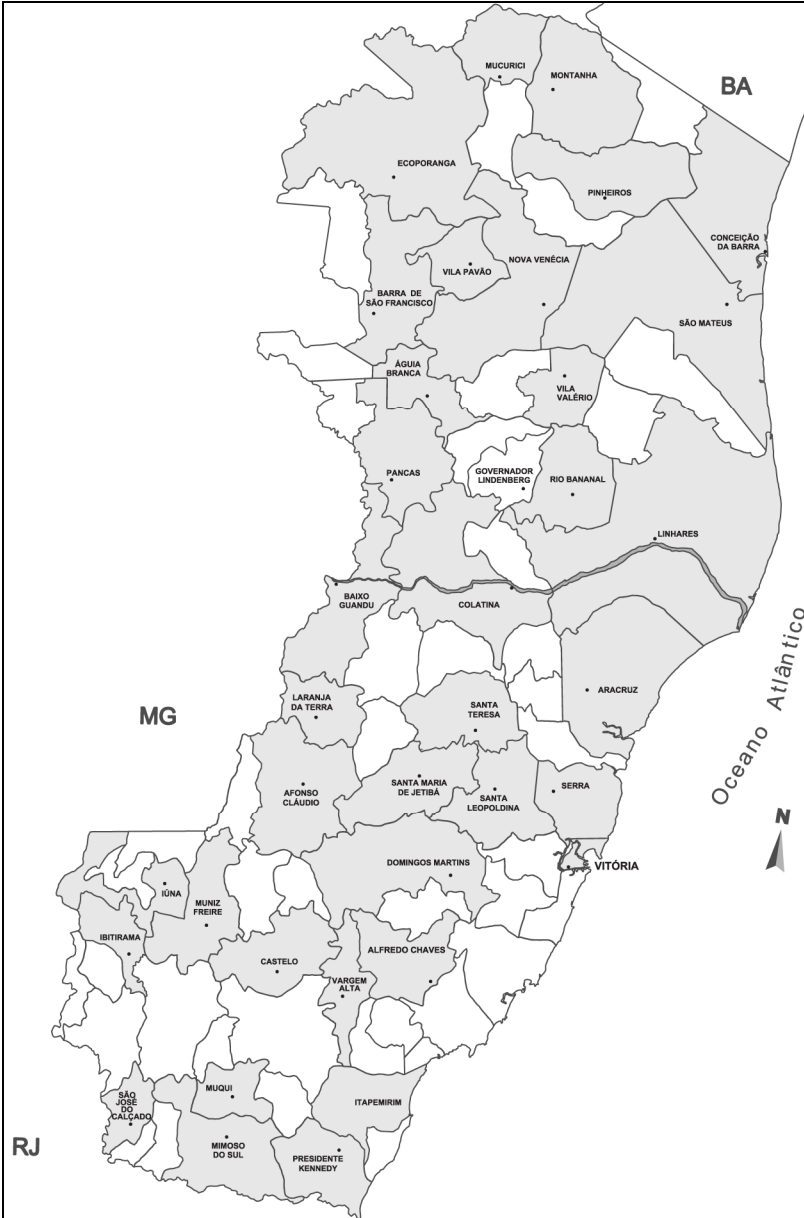
4.1 Atlas Linguístico do Espírito Santo – ALES

O Atlas Linguístico do Espírito Santo, tendo como embasamento os princípios da Geografia Linguística, tem como um de seus objetivos analisar a distribuição das variantes fônicas, léxicas e morfossintáticas no Estado (RODRIGUES, 2008).

O ALES, projeto ainda em desenvolvimento, é coordenado pela prof. Dr^a Catarina Vaz Rodrigues da Universidade Federal do Espírito Santo. Essa pesquisa compreende duas fases: a primeira abrange os dialetos rurais, e a segunda contará com entrevistas nas zonas urbanas.

Nesta dissertação, utilizaremos dados colhidos na primeira fase, com informantes das zonas rurais capixabas.

A escolha de seus informantes seguiu critérios dialetológicos tradicionais. Assim, sendo um atlas de cunho rural, os informantes deveriam apresentar, preferencialmente, os seguintes critérios: serem nascidos no local da entrevista; serem os pais e o cônjuge da mesma localidade; serem analfabetos ou terem, no máximo, a 4ª série; serem pouco viajados; não terem vivido muito tempo fora da localidade; terem aparelho fonador em boas condições e idade entre 30 e 55 anos. Em cada ponto de inquérito, foram entrevistados dois informantes: um homem e uma mulher. Ao todo, foram coletadas entrevistas em 35 pontos, conforme Mapa 6.



Mapa 6: rede de pontos do ALES

Quanto à seleção das localidades de inquérito, a escolha foi feita após aprofundado estudo acerca das características físicas, econômicas e culturais dos municípios, considerando, para isso, a divisão por microrregiões definida pelo IBGE. Para evitar que algumas áreas ficassem sem representação, o Estado foi dividido em células de 5.000 km², seguindo-se um critério já utilizado no *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul* (ALERS).

Também levou-se em consideração a rede de pontos proposta por Antenor Nascentes em 1922 e os pontos selecionados para os inquéritos do ALiB (Barra de São Francisco, São Mateus, Vitória, Santa Teresa e Guaçuí), os quais foram reavaliados, levando em conta as necessidades particulares para o atlas estadual.

Outro critério de grande relevância para a escolha das localidades foi o fator histórico, tendo sido priorizadas as cidades mais antigas, representativas histórica e culturalmente.

O ALES conta em seu questionário com discursos semi-dirigidos, questionário lexical (QL), que inclui 227 questões *abertas*, questionário fonético-fonológico (QFF), composto de 25 questões *fechadas*, que averigam as realizações de consoantes e vogais em ambientes previamente estabelecidos, e o questionário morfossintático, que agrupa seis itens.

A partir desse material, e com o intuito de investigar o comportamento das vogais pretônicas, utilizamos os resultados de algumas questões do questionário fonético-fonológico, tendo ainda, como apoio, dados do questionário lexical.

Sabemos tratar-se de questionários de diferentes aspectos: enquanto no QFF as respostas são *fechadas*, ou seja, espera-se a

pronúncia de determinadas palavras, no QL as respostas variam de acordo com os conhecimentos individuais do informante. Porém, apesar dessas diferenças, acreditamos encontrar no material coletado pelo ALES, dados relevantes para dar conta dos objetivos do presente estudo.

A seguir, apresentamos os itens lexicais averiguados nesta dissertação. Tais itens são relativos às respostas obtidas entre os informantes do ALES:

Questionário Fonético-fonológico:

- questão 02 – resposta: *gordura*
- questão 03 – resposta: *mentira*
- questão 08 – resposta: *tesoura*
- questão 10 – resposta: *travesseiro*

Questionário Lexical:

- questão 04 – resposta: *cachoeira*
- questão 11 – resposta: *trovão / trovoad*
- questão 13 – resposta: *menino/a*
- questão 14 – resposta: *neblina*
- questão 40 – resposta: *amendoim*
- questão 218 – resposta: *moringa*

Essas respostas, obtidas dos questionários do ALES, resultaram em diversas cartas linguísticas, usadas para nossa análise neste trabalho.

Para melhor visualização do gênero dos informantes, as cartas linguísticas relacionadas ao ALES mostram dois ângulos em cada ponto de inquérito: o ângulo direito representa o informante do sexo feminino e o ângulo esquerdo, o masculino, conforme o esquema

Lembramos, por fim, que, no decorrer da apresentação das cartas linguísticas, alguns ângulos não estão preenchidos. Isso porque, na realização dos inquéritos, algumas perguntas não foram respondidas pelos informantes, não havendo, desse modo, registro da variante em questão.

4.2 Atlas Linguístico do Brasil – ALiB

Ainda em vias de desenvolvimento, o ALiB tem por meta a realização de um atlas geral no Brasil no que diz respeito à Língua Portuguesa (ver www.alib.ufba.br). Considerando a grande extensão do nosso País, a rede de pontos de inquérito conta com 250 localidades, distribuídas por todo o território nacional. Para a seleção desses locais, levaram-se em consideração fatores como a extensão de cada região, os aspectos demográficos, culturais, históricos e a natureza do processo de povoamento da área.

No estado do Espírito Santo, além da capital Vitória, foram selecionadas quatro localidades: Barra de São Francisco, São Mateus, Santa Teresa e Guaçuí. Dessas cidades, até o momento, foram realizadas as entrevistas na capital e nas localidades de Barra de São Francisco e São Mateus. Vale lembrar que, diferentemente, de outros atlas regionais (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil – ALERS, por exemplo) ou estaduais (Atlas Linguístico do Espírito Santo – ALES, por exemplo), o ALiB seleciona informantes urbanos em cidades de grande e médio porte, inclusive as capitais. Apesar de se distinguir do ALES também nesse item, vemos as entrevistas de Vitória como um

complemento de nossa investigação, visto que a capital não está inserida na rede de pontos do atlas linguístico estadual.

Lembramos ainda que o perfil dos informantes do ALiB mostra-se diverso, em alguns pontos, do atlas do Espírito Santo: os informantes devem ser da localidade pesquisada e os pais também devem cumprir esse quesito. Porém, quanto à faixa etária, os informantes foram classificados em duas faixas: 18 a 30 anos (Faixa 1) e 50 a 65 anos (Faixa 2), contemplando sempre um homem e uma mulher. Em relação à escolaridade, os informantes devem ter no máximo até a 8ª série do Ensino Fundamental. Nas capitais estaduais, além desses quatro informantes e respectivas características, incluem-se ainda mais quatro informantes de nível universitário: um homem e uma mulher da primeira faixa etária, e um homem e uma mulher da segunda faixa.

O Atlas Linguístico do Brasil trabalha com três tipos de questionários: o questionário fonético-fonológico, que consta de 159 perguntas, além de mais 11 questões de prosódia; o questionário semântico-lexical, com 202 perguntas e o morfossintático, composto de 49 questões. Observamos que, além desses três questionários, o projeto apresenta questões de pragmática (04), questões de metalinguística (06), temas para discurso semi-dirigido e um texto para leitura.

Considerando os amplos questionários preparados pelo ALiB, verificamos a possibilidade de trabalhar com as mesmas questões destacadas no ALES, sabendo que há diversos itens lexicais comuns aos dois projetos. Trabalhamos também com alguns itens que pertencem exclusivamente ao ALiB. São eles: (a) relativos à vogal /e/ pretônica – *terreno, cebola, perfume, presente e falecido*; (b) relativos à vogal /o/

pretônica – *borboleta, bonito, tomate, borracha, adotado, cotó e camomila.*

Nesta dissertação, nas cartas elaboradas para este trabalho, representamos as ocorrências fonéticas dos itens do ALiB, utilizando uma cruz dupla com oito ângulos, cada qual representando um dos oito indivíduos entrevistados, conforme o esquema:

1	2
3	4
5	6
7	8

As características sociolinguísticas de cada um desses oito informantes estão explicitadas no Quadro 5, a seguir:




Informante	Sexo	Faixa etária	Escolaridade
1	Masculino	Faixa 1	Primário
2	Feminino	Faixa 1	Primário
3	Masculino	Faixa 2	Primário
4	Feminino	Faixa 2	Primário
5	Masculino	Faixa 1	Superior
6	Feminino	Faixa 1	Superior
7	Masculino	Faixa 2	Superior
8	Feminino	Faixa 2	Superior

Quadro 5: características dos informantes do ALiB nas capitais

4.3 Tratamento dos dados

Para o mapeamento dos dados desta pesquisa, oriundos do corpus dos Projetos ALES e ALiB no estado do Espírito Santo, fizemos uma adaptação do mapa disponível no sítio do Instituto Jones dos Santos Neves (www.ijsn.es.gov.br).

Para cada variável analisada, criamos um símbolo, apresentando cada processo estudado, de acordo com o Quadro 6:

Símbolo	Vogais	Processo
	[e] ou [o]	Manutenção da vogal média
	[i] ou [u]	Alçamento da vogal média
	[ɛ] ou [ɔ]	Abaixamento da vogal média

Quadro 6: símbolos das variáveis analisadas

Observamos que a legenda de cada mapa mostra a variável com a qual estamos tratando, de modo que não haverá dúvidas sobre um ou outro item que o símbolo representa /e/ ou /o/.

Os dados analisados foram contabilizados conforme cada caso em questão, somando-se, em seguida, o percentual de ocorrência de cada um para posterior elaboração de mapas, tabelas e gráficos.

4.3.1 Análise dos dados

Além de observar a variação das vogais médias pretônicas a partir dos mapas, achamos conveniente analisar as variáveis quanto aos seus fatores linguísticos e extralinguísticos.

Os fatores sociais e geográficos considerados foram:

1. **Pontos de inquérito:** Mucurici (ponto 1); Montanha (ponto 2); Ecoporanga (ponto 3); Pinheiros (ponto 4); Conceição da Barra (ponto 5); Vila Pavão (ponto 6); Barra de São Francisco (ponto 7); Nova Venécia (ponto 8); São Mateus (ponto 9); Águia Branca (ponto 10); Vila Valério (ponto 11); Pancas (ponto 12); Rio Bananal (ponto 13); Linhares (ponto 14); Colatina (ponto 15); Aracruz (ponto 16); Laranja da Terra (ponto 17); Santa Teresa (ponto 18); Serra (ponto 19); Afonso Cláudio (ponto 20); Domingos Martins (ponto 21); Iúna (ponto 22); Muniz Freire (ponto 23); Ibitirama (ponto 24); Alfredo Chaves (ponto 25); Vargem Alta (ponto 26); Muqui (ponto 27); Itapemirim (ponto 28); São José do Calçado (ponto 29); Mimoso do Sul (ponto 30); Presidente Kennedy (ponto 31); Baixo Guandu (ponto 32); Santa Maria de Jetibá (ponto 33); Santa Leopoldina (ponto 34); Castelo (ponto 35) e Vitória (ponto 36).
2. **Zona de procedência:** rural e urbana.
3. **Sexo/Gênero:** feminino e masculino.

Por outro lado, os fatores linguísticos selecionados foram os seguintes:

1. **Distância da sílaba tônica:** nessa variável observamos a posição da pretônica analisada em relação à sílaba tônica. Consideramos *l* para uma sílaba precedente à

tônica (*menino*); e 2 quando duas sílabas precedem a tônica (*amendoim*).

2. **Tipo de sílaba:** segundo Collischonn (2001), a diferença entre sílabas leves e sílabas pesadas está na sua estrutura interna: na primeira, o ataque é ramificado; na segunda, a rima é ramificada. Assim, também consideramos o peso silábico nesta análise, observando as *sílabas leves* (*bonito*) e *pesadas* (*gordura*). Lembramos que sílabas leves são constituídas por V ([o]relha), CV ([to]mate) ou CCV ([pre]feito); enquanto as sílabas pesadas são constituídas por VC ([or]çamento), CVC (con[ver]sar), CCVC ([pres]tar) ou V + semivogal ([lei]teiro).
3. **Contexto fonológico precedente:** Rodrigues e Araújo (2007) observaram essa variável como uma das principais na aplicação da regra de elevação. Também aqui achamos conveniente observar esse contexto e, assim, classificamos os contextos em *bilabial* (*mentira*), *alveolar* (*tomate*), *labiodental* (*travesseiro*), *velar* (*cotó*) e *álveo-palatal* (*cachoeira*).
4. **Contexto fonológico seguinte:** como no item anterior, o contexto seguinte foi observado a fim de verificar sua influência na regra de alçamento. Também aqui observamos os contextos *bilabial* (*camomila*), *alveolar* (*moringa*), *labiodental* (*trovão*) e *glotal* (*borracha*).

5. **Altura da vogal tônica:** a partir desta variável observamos a influência da altura da vogal da sílaba tônica junto à pretônica. Diversos autores constataram grande influência da qualidade da vogal tônica na vogal pretônica. Nesta pesquisa, foram analisadas as *vogais altas (bonito), médias (presente) e baixas (tomate)* na sílaba tônica.
6. **Posição da pretônica em estudo:** averiguamos também se a posição da pretônica exerce alguma influência na regra de elevação da vogal média. Classificamos assim as posições em *inicial (tesoura)* e *não-inicial (amendoim)*.
7. **Nasalidade:** a variável nasalidade foi observada em diversos trabalhos como uma das regras que favorecem a aplicação da regra de elevação. Os contextos são classificados em *oral(cebola)* e *nasal (menino)*.

5 Apresentação dos dados

Como já anunciado, observamos o comportamento variável das vogais médias /e/ e /o/ em posição pretônica. Lembramos que três pronúncias têm sido registradas no português do Brasil:

- a) Pronúncia elevada, na qual as médias /e/ e /o/ são produzidas na forma [i] e [u]: *m[i]lhor, c[u]meço*;
- a) Pronúncia média-fechada, quando /e/ e /o/ permanecem na forma [e] e [o]: *m[e]lhor, c[o]meço*;
- b) Pronúncia abaixada, na qual /e/ e /o/ são produzidas na forma média aberta [ɛ] e [ɔ]: *m[ɛ]lhor, c[ɔ]meço*.

Seguimos, aqui, a denominação de Graebin (2008), que subdivide as variantes /e/ e /o/ em (i) elevação; (ii) manutenção da média; e (iii) abaixamento.

Tratando-se de um trabalho relacionado à Geografia Linguística, registramos a variação diatópica em cada um dos pontos linguísticos do Espírito Santo – comunidade linguística em questão.

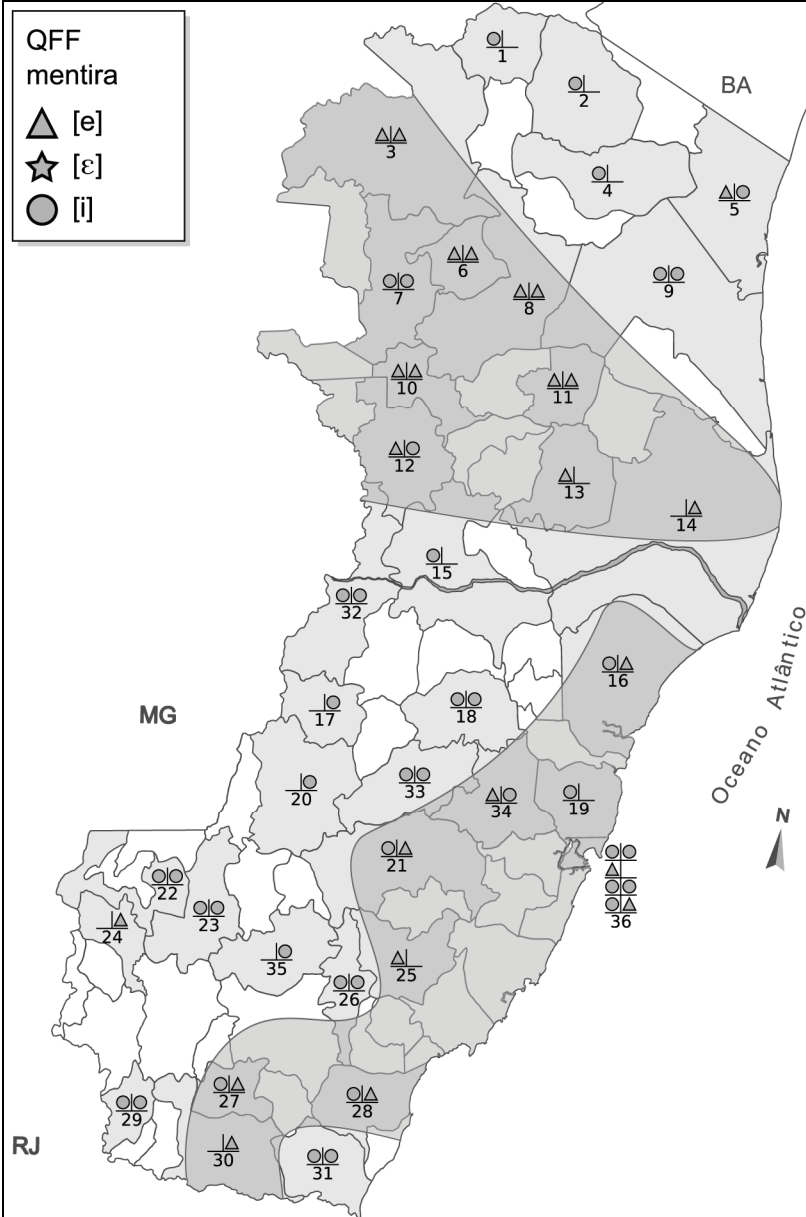
O estudo da realização da vogal média em posição pretônica foi feito a partir de questões aplicadas nos inquéritos do Atlas Linguístico do Espírito Santo e do Atlas Linguístico do Brasil, presentes nos questionários Fonético-fonológico e Semântico-lexical.

A primeira constatação a fazer é que a análise dos dados selecionados para a presente pesquisa revela que não existe presença significativa das variantes médias baixas [ɛ, ɔ] no Espírito Santo. No Estado são comuns, porém, as formas médias [e, o], que variam com as

vogais altas [i, u]. Essa variação é notada em todo o Estado capixaba, sendo essa variação dependente do contexto vocálico, bem como da localidade dos informantes entrevistados.

5.1 A vogal pretônica /e/

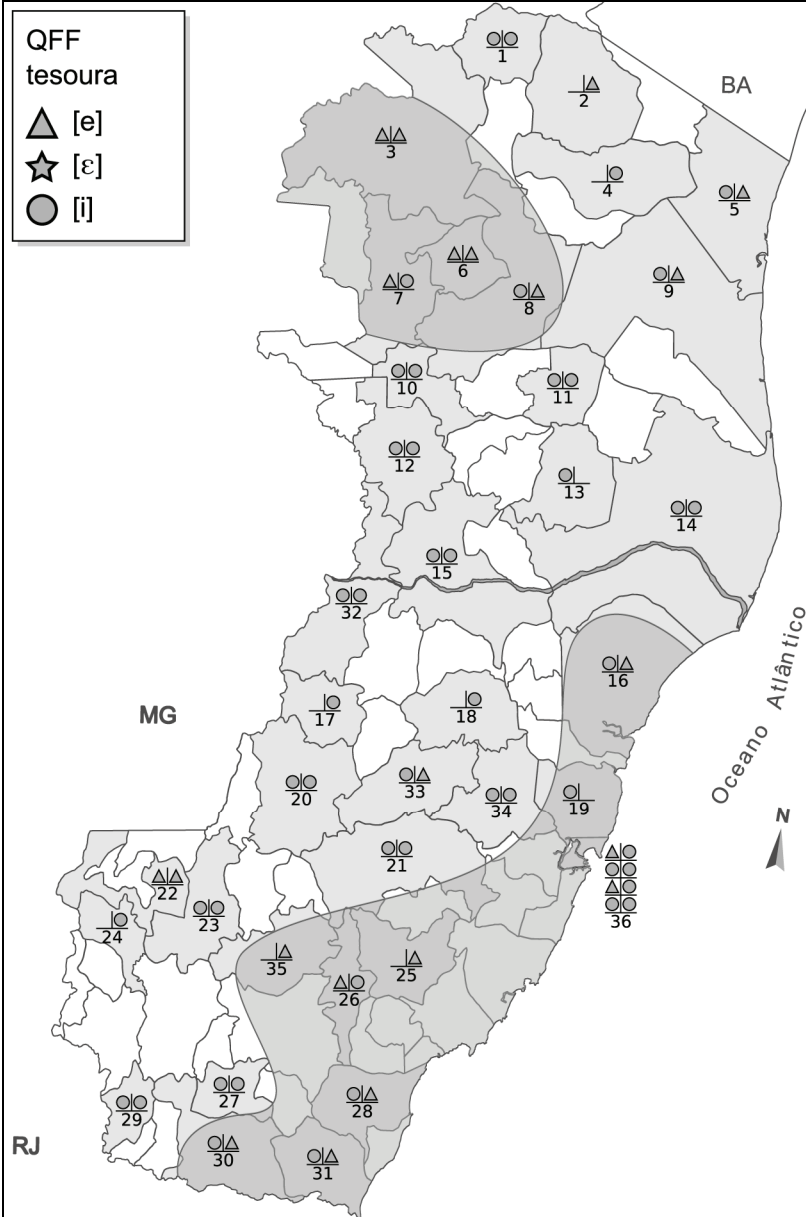
Em geral, foi observada, no território capixaba, maior ocorrência de realização de alçamento da vogal /e/ em [i] no contexto pretônico, embora tenhamos observado também, no caso de alguns vocábulos, predominância da manutenção da vogal média [e]. Vejamos a seguir o comportamento, em particular, dos itens lexicais incluídos nesta pesquisa.



Carta 1: QFF mentira

A Carta 1 diz respeito à realização da média pretônica do item lexical “mentira”. A distribuição diatópica dessa variante indica uso predominante da forma [e] em espaços limítrofes com o estado de Minas Gerais, a noroeste do Espírito Santo; o mesmo se verifica ao sul do Estado, porém mais próximo ao litoral, partindo do norte do Rio de Janeiro. Já em pontos mais próximos ao limite com a Bahia, no extremo norte capixaba e também a sudoeste, coincidindo com a barreira natural, a Serra do Caparaó, ao sul de Minas Gerais, é mais frequente a variante alta [i]. Na capital, também se observa a predominância da variante alta.

Observamos na realização deste item grande regularidade da regra de alçamento nas regiões sudeste e noroeste capixabas. Porém, nas outras regiões, apesar da alta incidência de manutenção da vogal média pretônica, registramos que o alçamento também se faz presente, inclusive concomitantes nas mesmas localidades. É o caso nos pontos 12, 16, 21, 27, 28, e 34.

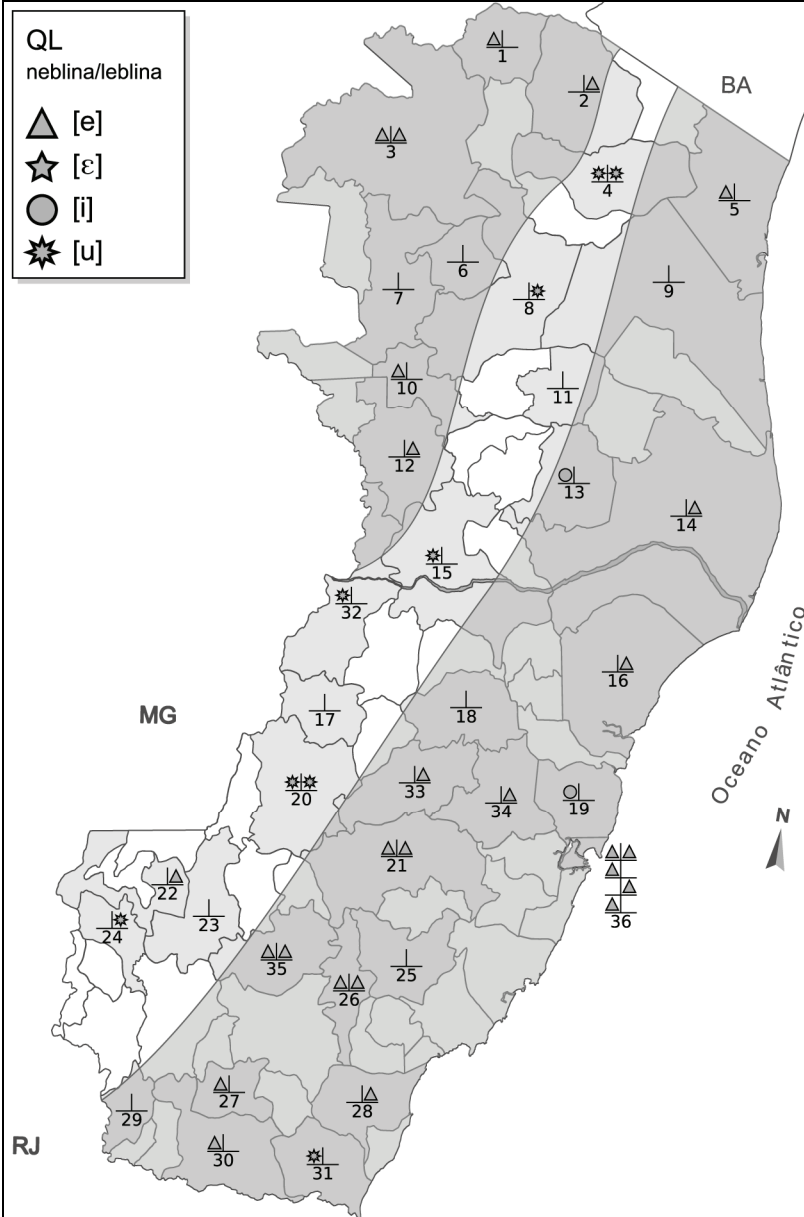


Carta 2: QFF tesoura

Em relação ao item “tesoura”, também analisado nesta pesquisa, foi observada maior ocorrência da regra de alçamento no norte do Estado. A manutenção da vogal média pretônica, por sua vez, é ainda observada, assim como no item anterior (Carta 1), do Rio de Janeiro, mais a leste do Espírito Santo, estendendo-se até a região de Aracruz (ponto 16) e em pequena parte do noroeste, limitando-se com Minas Gerais.

Observamos também que alguns itens têm realizações distintas no mesmo ponto, por exemplo, nas localidades 5, 9, 8, 16, 28, 30, 31 e 34, enquanto as mulheres optam pelo alçamento, os homens preferem a manutenção da média pretônica. Por outro lado, nos pontos 7 e 16, a situação se inverte: enquanto as mulheres mantêm a vogal média, os homens, por sua vez, realizam o alçamento. Essas realizações simultâneas também podem ser observadas na capital.

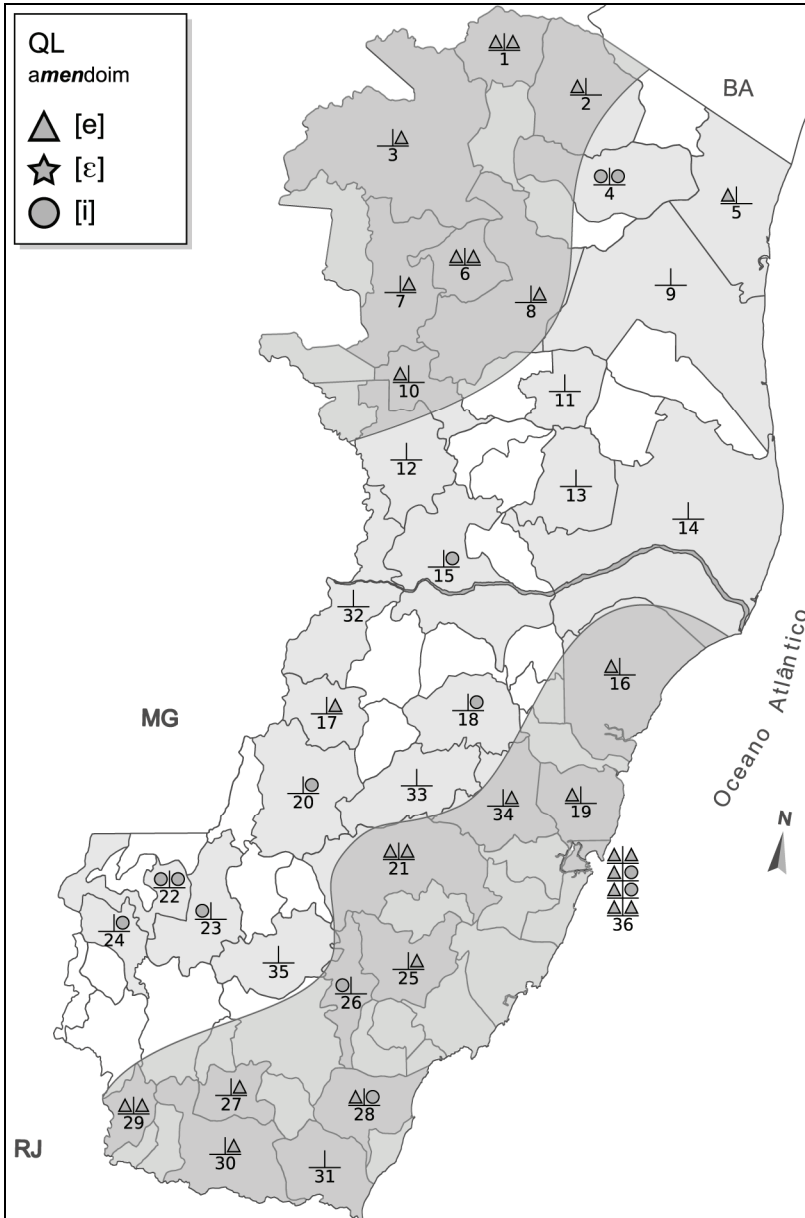
Tal fato indica, como já anunciamos, maior realização da regra de alçamento no Estado capixaba.



Carta 3: QL neblina/leblina

Quanto à realização do vocábulo “neblina”, por se tratar de um item do questionário semântico-lexical, observou-se grande variação na obtenção das respostas entre os informantes. Aqui a vogal média [e] predomina na maioria dos pontos, sobretudo no sudeste capixaba. O alçamento no entanto, foi observado somente nos pontos 13 e 19, resultando na forma (*n[i]blina*). Tal ocorrência resulta da assimilação da vogal alta posterior, ou seja, um caso de harmonização vocálica.

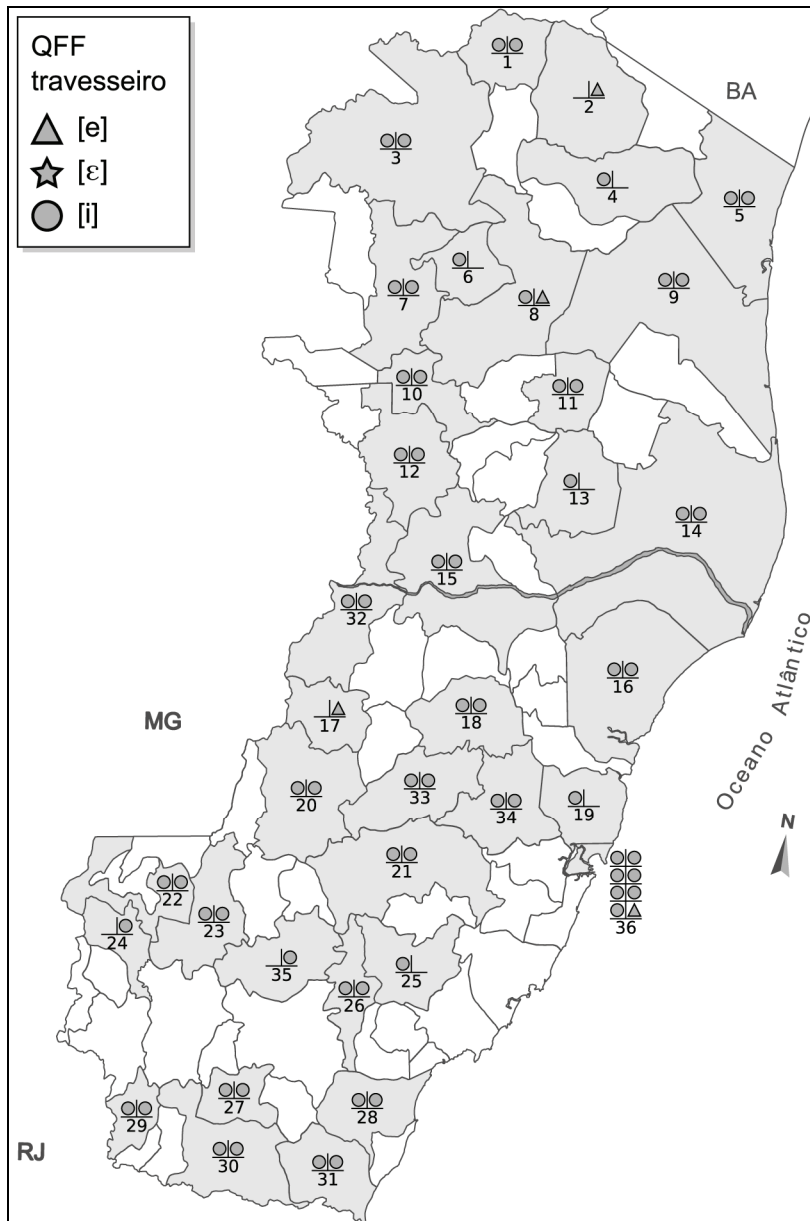
Também ocorre harmonização numa estreita faixa que vai do extremo norte, limitando-se com a Bahia, até o sudoeste, quando a variante alta [u] resulta na pronúncia de /nublina/ ou /lublina/.

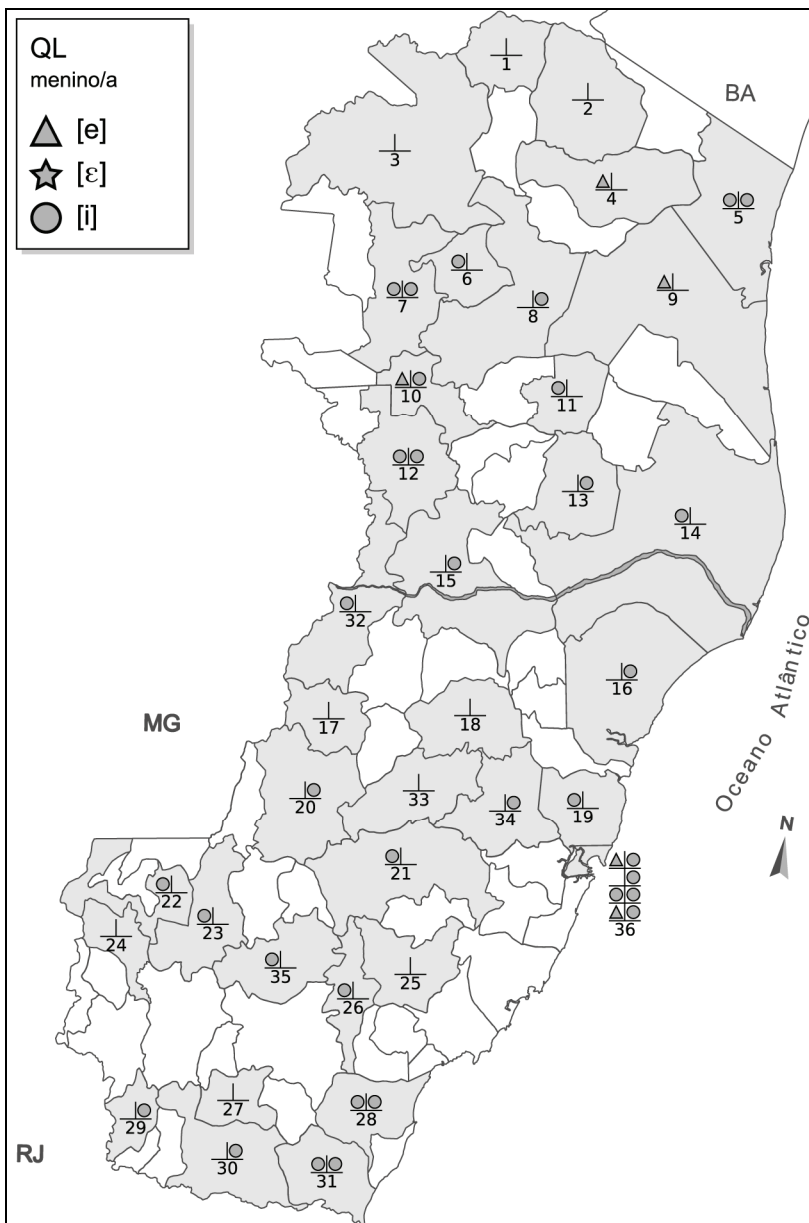


Carta 4: QL amendoim

A realização do vocábulo “amendoim” mostra uma distribuição semelhante aos itens até então apresentados: a noroeste e sudeste do Espírito Santo, os informantes parecem optar pela manutenção da vogal média /e/; já a sudoeste, observamos maior ocorrência de alçamento. Notamos, portanto, na parte nordeste – divisa com a Bahia – até a região do Caparaó (sudoeste), que esse vocábulo é pouco pronunciado, não sendo realizado em diversos pontos nessas regiões. Na capital, percebemos também predominância da média pretônica /e/.

Nos mapas até então observados, vimos alguns indícios de possíveis áreas dialetais. Contudo, no presente trabalho, presenciamos também vocábulos em que a variação é praticamente inexistente. Mais especificamente, nos itens “travesseiro” e “menino/a”, notamos presença maciça da regra de alçamento da vogal pretônica /e/, como podemos conferir na Carta 5 e na Carta 6.





Carta 6: QFF menino/a

Nos pontos 2 e 17 da Carta 5, registramos apenas a variante [e]. No ponto 8 [e] concorre com [i], e na capital, ponto 36, consta apenas um registro de [e] para 7 de [i].

Quanto às variantes fonéticas para menino, Carta 6, com exceção dos pontos 4, 9, 10 e 36, onde se registrou a variante [e], nas demais o alçamento é categórico.

Um fato observado é a não ocorrência desses vocábulos em diversos pontos (1, 2, 3, 17, 18, dentre outros), o que pressupõe variação lexical.

Perante essa situação, notamos que podem existir outras motivações, além de fatores extralinguísticos e estruturais, que condicionam os casos de variação da média pretônica, fato que observaremos mais aprofundadamente na sequência desta pesquisa. Caberia aqui uma discussão sobre difusão lexical. Optamos, no entanto, por não fazê-la visto que esse não é o foco, nem a base teórica que adotamos.

Ressaltamos que alguns outros vocábulos foram analisados neste trabalho. Tais itens referem-se aos dados do ALiB, restritos à região metropolitana da Grande Vitória, os quais não coincidem com os aplicados no ALES, daí o motivo pelo qual não geraram cartas. São eles: *cebola, perfume, falecido, presente e terreno*.

Sintetizando os dados obtidos quanto à aplicação ou não da regra de alteamento da vogal média pretônica, a Tabela 2 mostra o total de ocorrência da vogal /e/ em todo o Estado, juntando os dados do ALES com os do ALiB:

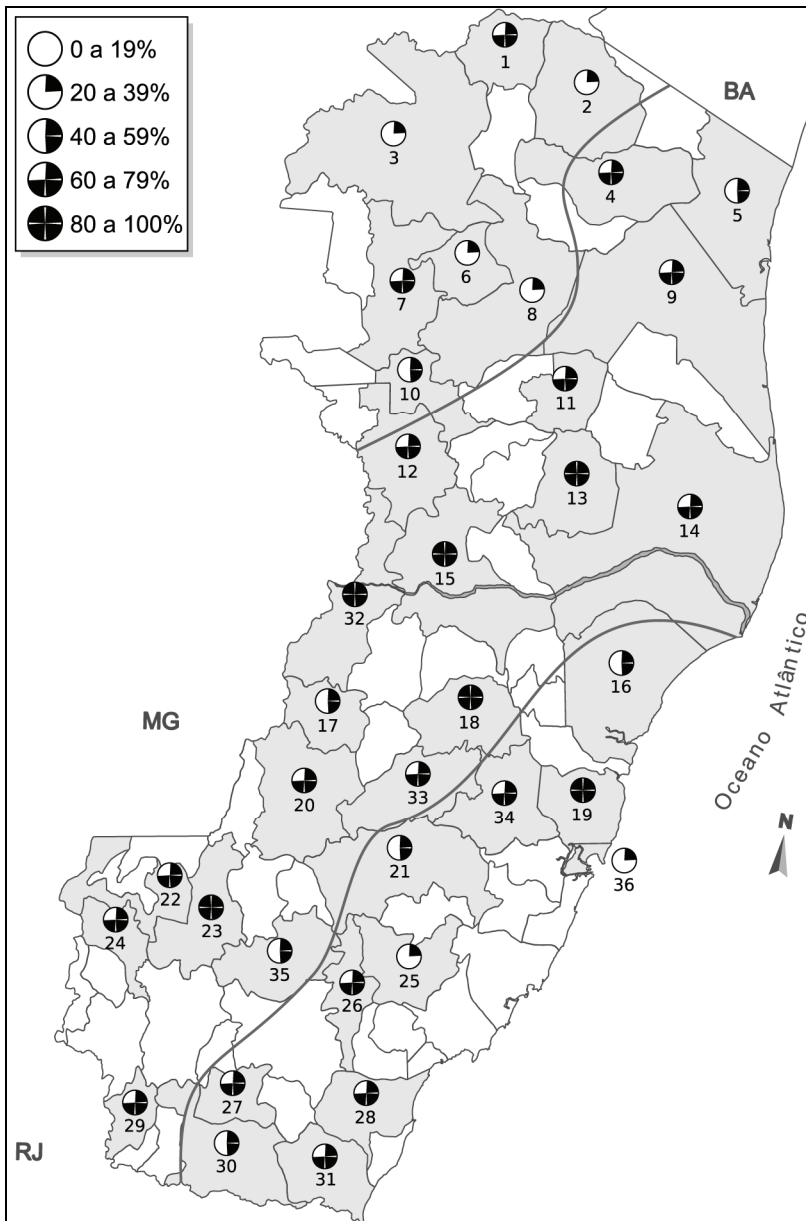
Vogal	Ocorrências	Percentual
[e]	138	39,0
[i]	204	57,6
[ɛ]	3	0,8
outros	9	2,6
Total	354	100,0

Tabela 2: comportamento da vogal média pretônica /e/ no ES

Observando os dados gerais em relação à vogal pretônica /e/, vemos que a variante alta [i] é predominante na capital capixaba (57,6%).

A variante média baixa [ɛ] foi observada em casos isolados, não tendo ocorrência significativa no Espírito Santo. Também verificamos, em alguns poucos casos, a ocorrência de [u] em variação com a vogal média /e/, no caso, na palavra “neblina” → “lublina” ou “nublina” –, que apesar de se tratar de um caso de harmonização vocálica, tal realização (/e/ → [u]) não se inclui em nossa proposta de estudo.

Sabemos que as diferentes realizações da vogal média pretônica também delimitam variação dialetal. Essa distribuição espacial da vogal pretônica /e/ na comunidade linguística em questão, especificamente quanto ao processo de alçamento, pode ser visualizada no Carta 7, que mostra o total geral de ocorrência de /e/ → [i].



Carta 7: o alçamento da vogal pretônica média /e/

A Carta 7 evidencia, em relação à realização da regra de alçamento de /e/, que parece haver no noroeste capixaba menor incidência de alçamento: até a linha que delimitamos, não se observa nenhuma ocorrência de 100%. Na região central e parte do extremo norte do Estado, estendendo-se ao sudoeste, em direção à Serra do Caparaó, percebemos ser esse o trecho onde há mais utilização da regra. E ao sul, limitando-se com o Rio de Janeiro, numa faixa mais próxima aos municípios litorâneos que se estende até o município de Aracruz (ponto 16), notamos também ocorrência relativamente menor de alçamento, incluindo a capital.

Como se verifica, considerando a totalização dos dados, os números são relativamente mais altos para a regra de alçamento. Apesar disso, não podemos confirmar a existência de áreas e subáreas dialetais no Espírito Santo, apenas sugerimos indicações superficiais de possível ocorrência de áreas para [e] e para [i].

5.1.1 Fatores linguísticos

5.1.1.1 A vogal pretônica /e/ e a distância da sílaba tônica

Aqui, consideramos 1 para uma sílaba precedente à tônica (*menino*) e 2 quando duas sílabas precedem a tônica (*amendoim*).

Realizações da vogal pretônica /e/	Com distância 1	Com distância 2
[e]	110 (35,1%)	28 (68,3%)
[i]	191 (61,0%)	13 (31,7%)
[ɛ]	3 (1,0%)	–
outros	9 (2,9%)	–
Total	313	41

Tabela 3: vogal pretônica /e/ e a distância da sílaba tônica

Trabalhos como os de Marchi e Stein (2007) e Klunck (2007) também verificaram o peso da distância entre a vogal pretônica e a vogal tônica. No primeiro trabalho, essa variável foi considerada pelo programa VARBRUL como uma das mais relevantes: para /e/ as distâncias 2 e 4 mostraram-se mais sensíveis à elevação, enquanto que para a vogal /o/ as posições 3 e 4 foram apontadas como as mais favoráveis. Já no trabalho de Klunck, a distância 2 apresentou pouco favorecimento; a distância 1 mostrou-se como fator neutro e a distância 3 apresentou índices muito baixos, indicando não exercer influência alguma nesse processo.

Os resultados da Tabela 3 apontam para uma maior ocorrência de alçamento quando em distância 1 (61,0%). Em contrapartida, observamos que na distância 2 existe uma tendência ao não alçamento da vogal pretônica.

5.1.1.2 A vogal pretônica /e/ e o tipo de sílaba

Marchi e Stein (2007) apontam essa variável como relevante na regra de alteamento da pretônica. Assim, também, consideramos o peso silábico nesta análise, observando as sílabas *leves* (*cebola*) e *pesadas* (*perfume*).

Realizações da vogal pretônica /e/	Em sílaba leve	Em sílaba pesada
[e]	79 (32,7%)	59 (52,7%)
[i]	151 (62,4%)	53 (47,3%)
[ɛ]	3 (1,2%)	–
outros	9 (3,7%)	–
Total	242	112

Tabela 4: vogal pretônica /e/ e o tipo de sílaba

De acordo com os dados apresentados na Tabela 4, a sílaba leve mostra-se mais propensa ao alçamento da vogal média pretônica.

Encontramos em algumas literaturas registros de que sílabas pesadas são mais resistentes a mudanças e as leves mais vulneráveis. De fato, trabalhos como os de Klunck (2007) e Marchi e Stein (2007) apresentaram conformidade com as expectativas de que a sílaba leve é mais favorável ao alçamento, embora Klunck tenha observado tal fato somente em relação à média pretônica /e/.

5.1.1.3 A vogal pretônica /e/ e o contexto fonológico precedente

Observamos em diversos trabalhos sobre a vogal pretônica /e/, a análise dessa variável, como em Bisol (1981) e Célia (2004). Apesar de apresentarmos neste trabalho um número reduzido de vocábulos, optamos por também verificar se há relevância do contexto fonológico precedente na variação da pretônica no português falado no Espírito Santo.

Com esse fim, as consoantes que precedem as vogais médias pretônicas foram classificadas quanto ao seu modo de articulação: *bilabiais* (*mentira, menino*); *alveolares* (*neblina, cebola*), e *labiodentais* (*traveseiro*). Observemos os resultados na Tabela 5.

Realizações da vogal pretônica /e/	Precedida de bilabiais	Precedida de alveolares	Precedida de labiodentais
[e]	70 (44,3%)	64 (50,4%)	4 (5,8%)
[i]	87 (55,1%)	52 (40,9%)	65 (94,2%)
[ɛ]	1 (0,6%)	2 (1,6%)	–
outros	–	9 (7,1%)	–
Total	158	127	69

Tabela 5: vogal pretônica /e/ e o contexto fonológico precedente

Aqui notamos que as labiodentais são, proporcionalmente, as mais favorecedoras da regra de alçamento (94,2%). Nesta pesquisa, os itens lexicais que aparecem em tal contexto apresentam alçamento quase que categórico.

As consoantes bilabiais aparecem também como fortes favorecedoras do alçamento (55,1%), enquanto as alveolares apresentam-se com o menor percentual (40,9%).

5.1.1.4 A vogal pretônica /e/ e o contexto fonológico seguinte

Assim como se verificou o contexto fonológico precedente, achamos conveniente observar também o contexto fonológico seguinte. Aqui também agrupamos os itens conforme o ponto de articulação da consoante seguinte em: *bilabiais (neblina, cebola)*, *alveolares (mentira, amendoim)* e *glotais (terreno)*, conforme podemos observar na Tabela 6.

Realizações da vogal pretônica /e/	Seguida de bilabiais	Seguida de alveolares	Seguida de glotais
[e]	33 (73,3%)	98 (32,5%)	7 (87,5%)
[i]	3 (6,7%)	201 (66,8%)	–
[ɛ]	–	2 (0,7%)	1 (12,5%)
outros	9 (20,0%)	–	–
Total	45	301	8

Tabela 6: vogal pretônica /e/ o contexto fonológico seguinte

Constatamos que as consoantes alveolares apresentam maior propensão à regra de alçamento (66,8%). Por outro lado, as demais consoantes no contexto seguinte tendem à manutenção da vogal média pretônica /e/.

5.1.1.5 A vogal pretônica /e/ e a vogal da sílaba tônica

Sabendo que a vogal tônica exerce papel crucial na regra de alçamento da pretônica, observamos o comportamento da variável em questão classificando-as em *alta* (*menino*) e *média* (*cebola*), conforme a Tabela 7.

Realizações da vogal pretônica /e/	Seguida de vogal tônica alta	Seguida de vogal tônica média
[e]	93 (48,2%)	45 (28,0%)
[i]	90 (46,7%)	114 (70,8%)
[ɛ]	1 (0,5%)	2 (1,2%)
outros	9 (4,6%)	–
Total	193	161

Tabela 7: vogal pretônica /e/ e a vogal da sílaba tônica

Os dados apontam para maior utilização da regra de elevação da pretônica mediante a presença de vogal tônica média (70,8%).

Tal realização contraria os trabalhos de alguns autores, dentre eles, o de Schwindt (2002), em que observa que o processo de alçamento das vogais médias é favorecido pela presença de vogal alta na sílaba imediatamente seguinte, o que o autor chama de “gatilho da regra”.

Vale ressaltar que também os ditongos foram considerados como vogais médias, como nas palavras “tesoura” e “travesseiro”, considerando-as como vogal média + semivogal.

5.1.1.6 A vogal pretônica /e/ e a posição da pretônica em estudo

Propomos, neste tópico, averiguar se a posição da pretônica exerce alguma influência na regra de elevação da vogal média. Para isso, classificamos as posições das sílabas em *inicial (tesoura)* e *não inicial (falecido)*.

Realizações da vogal pretônica /e/	Em sílaba inicial	Em sílaba não inicial
[e]	103 (43,0%)	35 (30,7%)
[i]	126 (52,5%)	78 (68,4%)
[ɛ]	2 (0,8%)	1 (0,9%)
outros	9 (3,7%)	–
Total	240	114

Tabela 8: vogal pretônica /e/ e a posição da pretônica em estudo

De acordo com os dados da Tabela 8, a sílaba não inicial apresenta maior ocorrência de alçamento em relação à sílaba inicial. Resultados semelhantes foram observados por Marchi e Stein (2007) em que a posição da pretônica não inicial mostrou-se relativamente mais favorecedora da regra.

5.1.1.7 A vogal pretônica /e/ e a nasalidade

Consideramos aqui os contextos *nasais (mentira, menino)* e *orais (tesoura, cebola)*. Observemos a ocorrência dessa variável, na comunidade linguística em questão, na Tabela 9.

Realizações da vogal pretônica /e/	Em contextos nasais	Em contextos orais
[e]	57 (39,6%)	81 (38,6%)
[i]	87 (60,4%)	117 (55,7%)
[ɛ]	–	3 (1,4%)
outros	–	9 (4,3%)
Total	144	210

Tabela 9: vogal pretônica /e/ e a nasalidade

Em conformidade com outros estudos, aqui também observamos que a regra de elevação é relativamente mais forte em contextos nasais. Porém, neste estudo, apesar da nasalidade apresentar índices acima de 60%, foi, dentre os fatores analisados, o que se mostrou menos relevante.

Diversos estudos que abrangeram a variável nasalidade em relação às vogais médias pretônicas – por exemplo, Bisol (1983), Rodrigues e Araújo (2007), Marchi e Stein (2007) e Klunck (2007) – mostraram esse fator como forte favorecedor da regra de alçamento.

Rodrigues e Araújo (2007) acreditam que o favorecimento de contextos nasais para a regra de elevação deva-se ao fato de haver, nesse contexto, abaixamento da úvula para a emissão do ar pelo nariz, de modo a serem obtidos os sons nasais, o que eleva as médias /e/ e /o/ para [i] e [u], respectivamente. Como essas variantes são as que se realizam mais próximas das fossas nasais, o falante, do ponto de vista articulatorio, é pressionado a elevar as médias /e/ e /o/.

5.1.2 Fatores extralinguísticos

5.1.2.1 A vogal pretônica /e/ e a zona de procedência

Analisamos as variedades rural e urbana de fala, representadas aqui, como já expusemos, por dados coletados para o ALES – que apresenta características de um atlas tradicionalmente rural – e para o ALiB – que representa a variedade urbana brasileira, neste caso, somente a área urbana da capital Vitória.

Observemos na Tabela 10 os resultados relativos à pesquisa realizada no estado do Espírito Santo em ambos os *corpora*:

Realizações da vogal pretônica /e/	Em falantes rurais	Em falantes urbanos
[e]	90 (32,6%)	48 (61,5%)
[i]	177 (64,1%)	27 (34,6%)
[ɛ]	–	3 (3,9%)
outros	9 (3,3%)	–
Total	276	78

Tabela 10: vogal pretônica /e/ e a zona de procedência

Os dados sinalizam para maior possibilidade de alçamento entre os habitantes da área rural do Estado. Acreditamos que o fato de haver maior índice de alçamento nas zonas rurais esteja relacionada ao baixo grau de escolaridade dos informantes dessas áreas, que possuem, no máximo, a 4ª série do fundamental. Os entrevistados do ALiB, ao contrário, habitam a capital e possuem escolaridade que varia entre os ensinos fundamental e superior.

Carneiro e Magalhães (2009) também verificaram a regra de alçamento nas zonas rural e urbana do município de Araguari, no estado de Minas Gerais. Em seu estudo, pela análise dos dados, observaram que as vogais pretônicas sofrem mais variações na zona rural do que na zona urbana. De acordo com os autores, tal fato pode ser explicado pelo grau de escolaridade ou mesmo pelo grau de espontaneidade dos falantes rurais.

Além desses autores, diversos outros também observaram se a zona de procedência seria relevante na aplicação da regra de alçamento. Rodrigues e Araújo (2007), por exemplo, também constataram em sua pesquisa que há mais probabilidade de alçamento na zona rural que na urbana.

5.1.2.2 A vogal pretônica /e/ em relação ao gênero dos informantes

Para analisar a influência da variável gênero dos informantes sobre as variantes [e] e [i] elaboramos a Tabela 11:

Realizações da vogal pretônica /e/	Na fala das mulheres	Na fala dos homens
[e]	74 (40,4%)	70 (39,1%)
[i]	102 (55,7%)	104 (58,1%)
[ɛ]	3 (1,7%)	–
outros	4 (2,2%)	5 (2,8%)
Total	183	179

Tabela 11: vogal pretônica /e/ em relação ao gênero dos informantes

Observando os dados da Tabela 11, percebemos que homens e mulheres realizam a regra de modos semelhantes. Mais precisamente, os dados mostram que ambos utilizam mais o alçamento, com pequena diferença a favor dos homens (58,1%).

Paiva (2008) afirma que não podemos ignorar, na análise da dimensão social da variação e da mudança linguística, que o fator gênero/sexo do falante esteja associado à diferença de ocorrência de certas variantes.

De fato, diversos estudos constataam ainda hoje, grandes diferenças entre a fala de homens e mulheres. Essa correlação entre o fator gênero/sexo e a variação linguística, muitas vezes, reflete a forma de organização social da comunidade de fala. Dentre outros motivos, o uso de formas mais próximas da língua padrão utilizadas pelas mulheres, também pode ser atribuído a uma estratégia de aceitação na sociedade, visto que sua posição está menos assegurada que a dos homens.

No entanto, talvez por não se tratar de uma variante estigmatizada, a diferenciação na fala das mulheres não foi aqui observada.

5.1.3 Considerações acerca da vogal média pretônica /e/

Conforme os resultados linguísticos expostos, os fatores que apresentaram maiores taxas percentuais de alçamento foram, em primeiro lugar o contexto fonológico precedente labiodental, com 94,2%, a presença de vogal média na sílaba tônica (70,8%) e a pretônica em sílaba não inicial (68,4%).

As demais variáveis apresentam-se na seguinte ordem decrescente: o contexto fonológico seguinte; tipo de sílaba; distância da sílaba tônica e nasalidade.

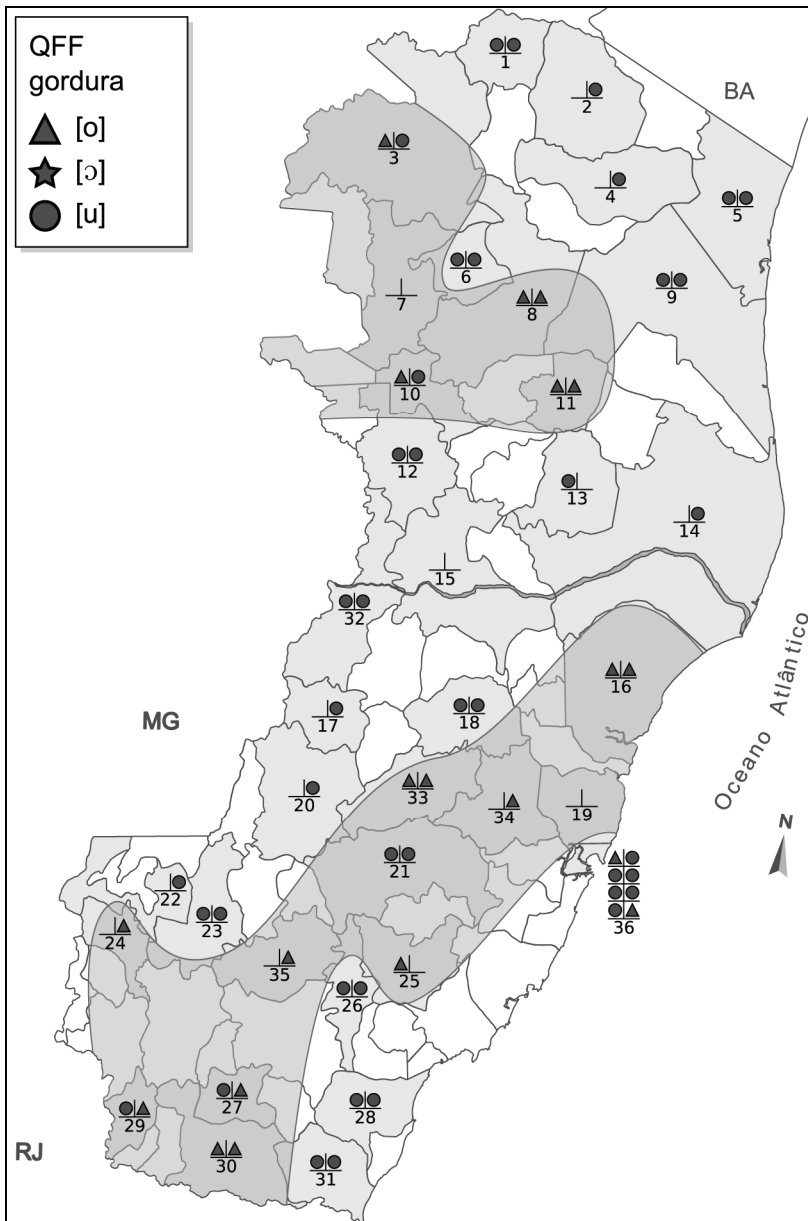
Já em relação aos fatores extralinguísticos, os dados indicam que o processo de alçamento mostra-se mais acentuado entre os falantes da zona rural quando comparados com os falantes de zona urbana. Nesse caso, concordamos com Carneiro e Magalhães (2009), que atribuem o fato de as pretônicas sofrerem mais alçamento na zona rural ao baixo grau de escolaridade ou mesmo à espontaneidade dos habitantes do interior. Neste item também cogitamos que o fator escolaridade reflita no grande percentual de alçamento da pretônica /e/ nas áreas rurais. Isso porque o perfil dos informantes do ALiB – representados na capital – abrange indivíduos na faixa 1 de escolaridade com até a 8ª série, além de informantes com nível superior, enquanto o máximo sugerido no ALES são informantes até a 4ª série.

O fator gênero, por sua vez, mostrou, de acordo com os dados, não ter grande relevância na regra. Homens e mulheres, apesar de realizarem mais a regra, não se diferenciam significativamente no uso da variante alteada.

Por fim, confrontando os resultados linguísticos e extralinguísticos com a Carta 7, o qual mostra a distribuição da regra no espaço geográfico do Estado capixaba, observamos que, em geral, existe maior propensão ao uso da regra de alçamento na região nordeste do Espírito Santo, e em vocábulos cuja consoante antecedente seja lábio-dental; a vogal da sílaba tônica seja média e a sílaba pretônica apresente-se em posição não inicial.

5.2 A vogal pretônica /o/

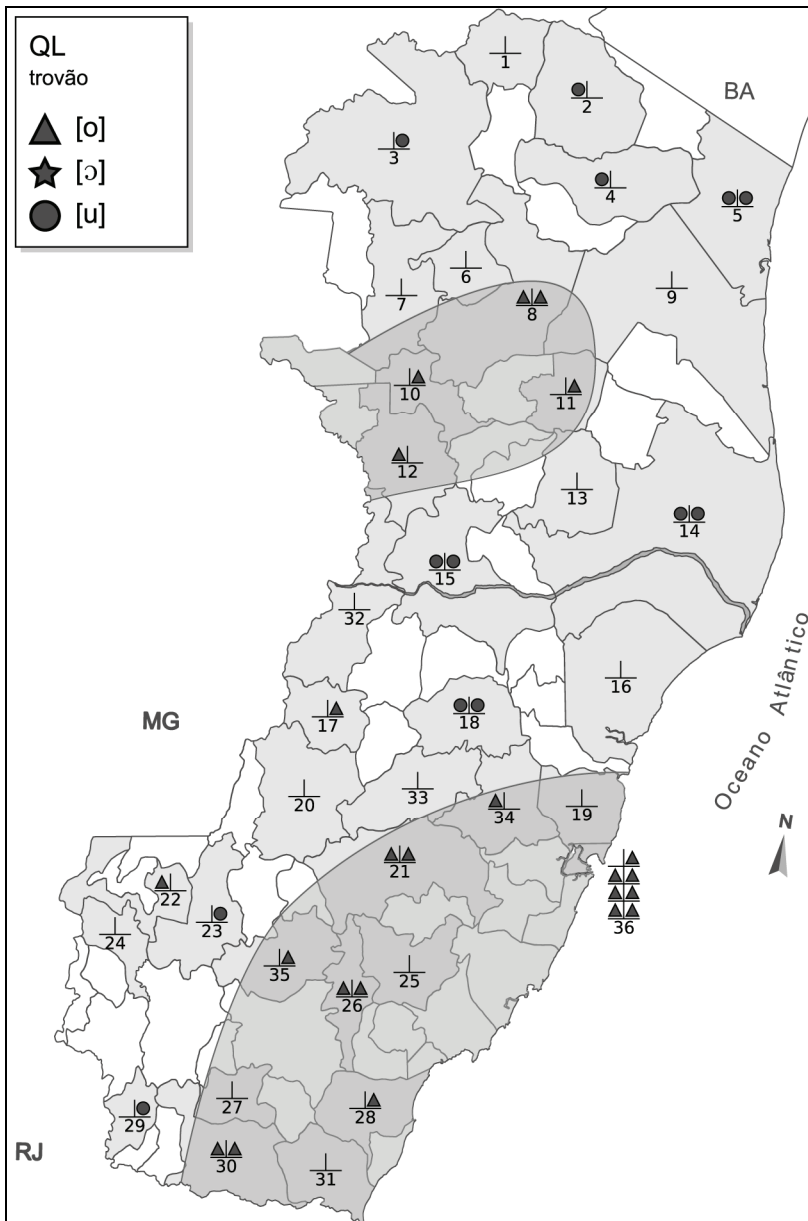
No caso da vogal média pretônica /o/, em dados gerais, registra-se a predominância da regra de alçamento. Em relação às possíveis áreas dialetais, os vocábulos comportam-se semelhantemente aos itens que portam a pretônica /e/. Mostraremos nas cartas, a seguir, os itens analisados.



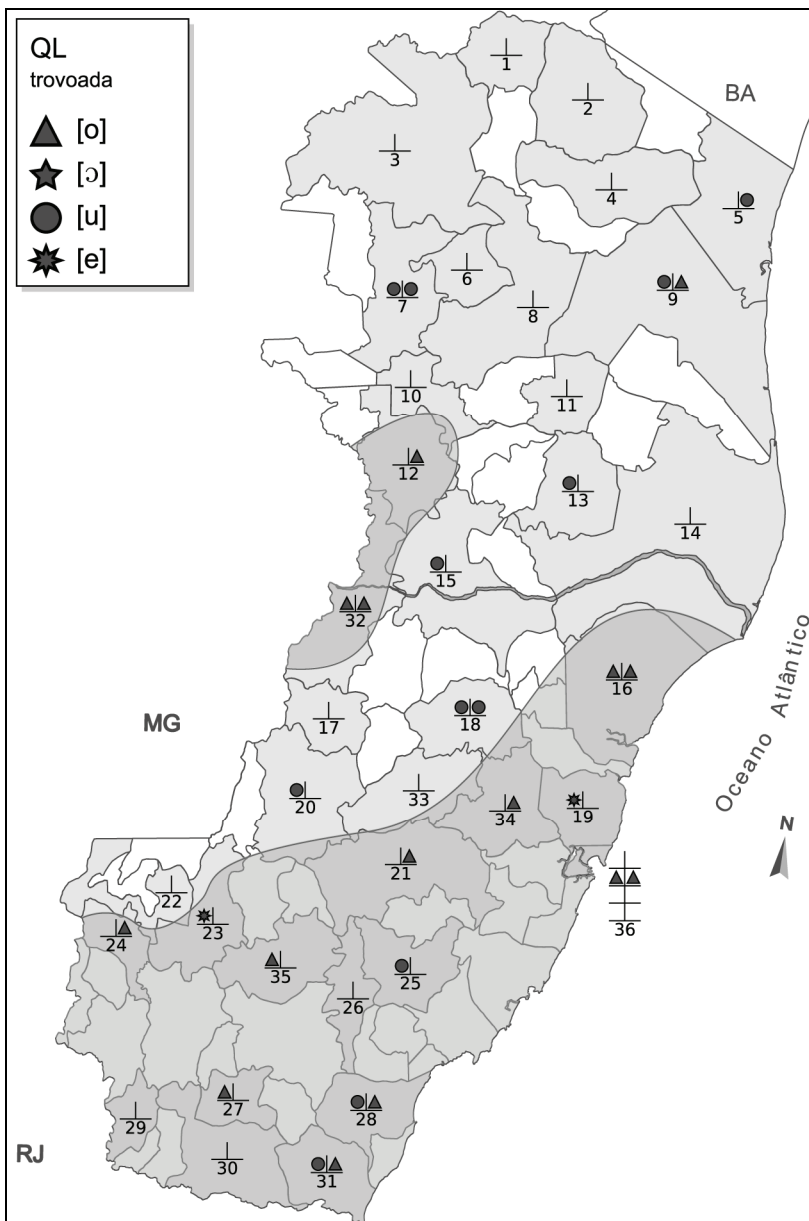
Carta 8: QFF gordura

No vocábulo “gordura”, a preservação da vogal média [o] foi observada em uma pequena faixa a noroeste do Estado, área próxima a algumas cidades mineiras; e também ao sul, numa faixa que se estende do limite com o Rio de Janeiro até o município de Aracruz (ponto 16), excluindo, porém, os pontos 26, 28, 31 e 36 (capital). Como podemos ver na Carta 8, o alçamento tem predomínio sobre a manutenção da vogal média /o/.

Observemos, na sequência, a realização dos itens “trovão” e “trovoada”:

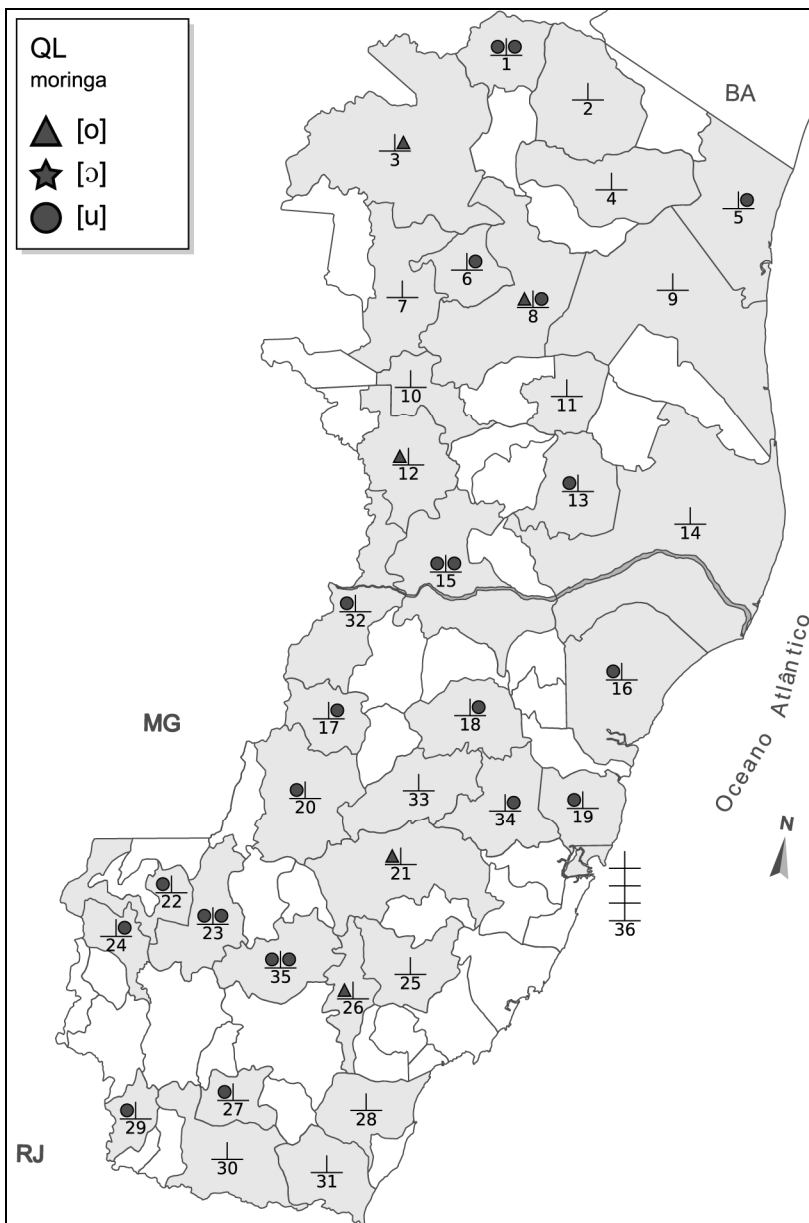


Carta 9: QL trovão



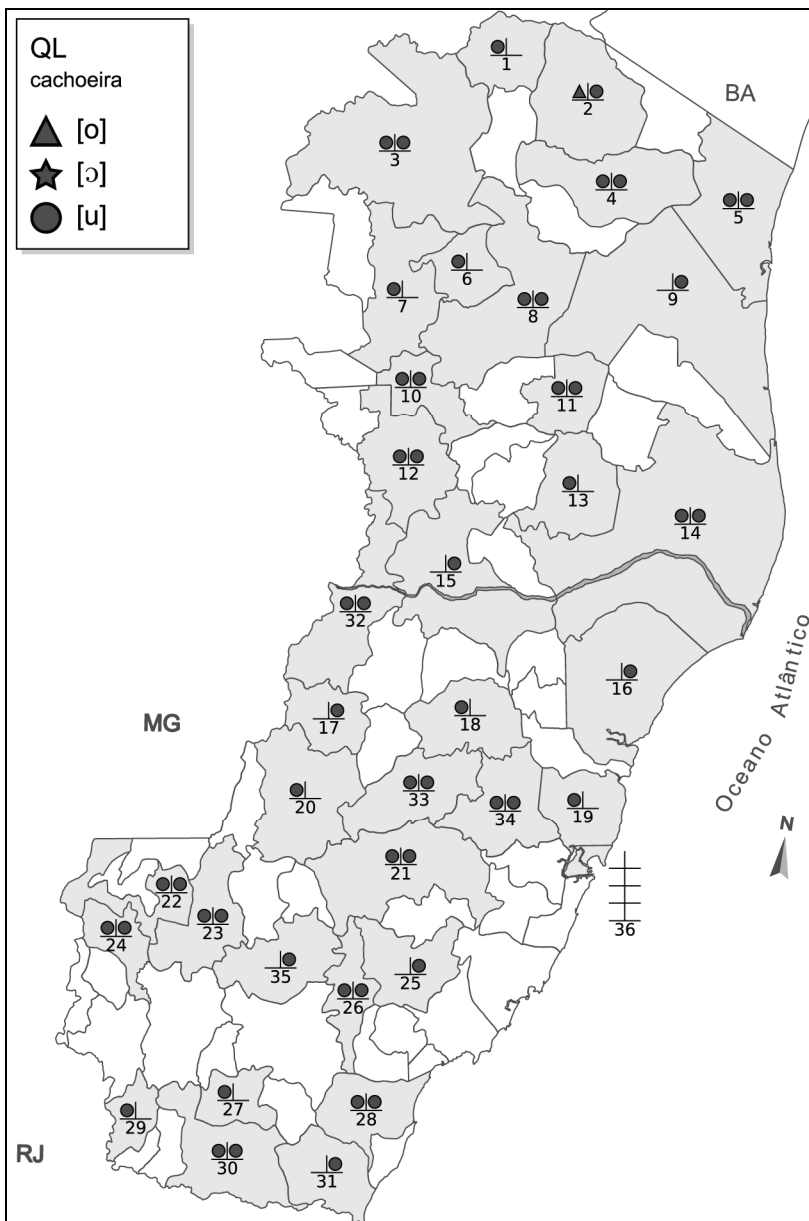
Carta 10: QL trovoada

Os itens “trovão” e “trovoada”, variantes lexicais da mesma questão, foram aqui mapeados separadamente devido à diferença dos vocábulos. No primeiro, vimos maior ocorrência de alçamento no nordeste capixaba e também a sudoeste; e de manutenção da média em pequena parte do noroeste e sudeste capixaba. Já em “trovoada”, notamos que a ocorrência de uma ou outra forma (alteamento e manutenção da média) não é muito bem delimitada. Porém, uma variação desse item que devemos registrar é o aparecimento da média [e] em dois pontos (19 e 23), sendo com isso pronunciado “trevuada” ou “trevoada”.



Carta 11: QL moringa

O termo “moringa”, por sua vez, realizou-se com mais frequência na área mais central do Estado, estendendo-se para o sudoeste. No extremo norte, assim como no extremo sul, sua realização foi nula. Quando realizado, esse item tendeu-se mais frequentemente à pronúncia da vogal média alta [u], ou seja, ao alçamento. Lembramos aqui que esse item não consta nos questionários do ALiB, por isso não há demonstração na capital (ponto 36).



Carta 12: QL cachoeira

Verificou-se ainda em relação à pretônica posterior média /o/, o comportamento do vocábulo “cachoeira”, que, por sua vez, apresentou uso categórico – com uma exceção (no ponto 2) – da variante alta [u]. Também esse item não consta nos questionários do ALiB.

Vale ressaltar que alguns vocábulos analisados, como *borboleta*, *tomate*, *bonito*, *borracha*, *camomila*, *cotó* e *adotado*, são relativos somente ao ALiB, representados no ponto 36, e não foram aqui mapeados por não apresentarem variação diatópica.

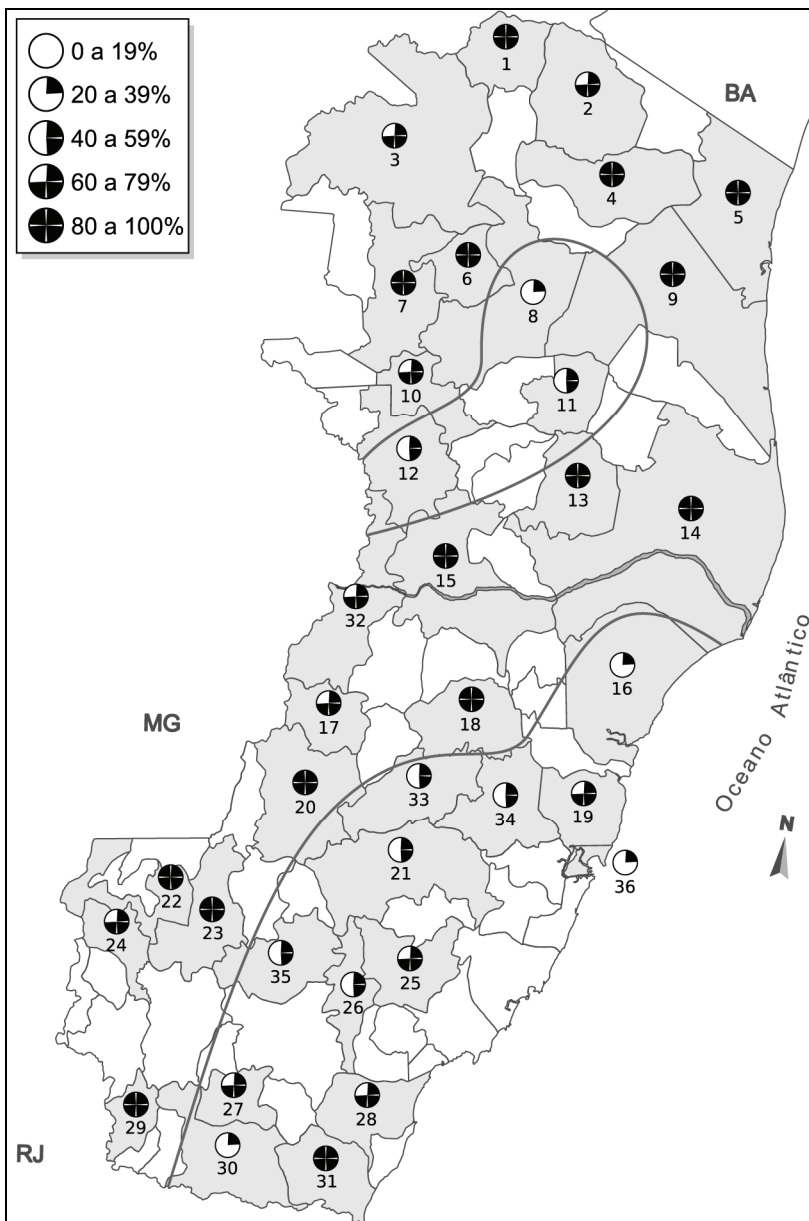
Enfim, verifiquemos os resultados gerais em relação ao comportamento da vogal média pretônica /o/:

Realizações da vogal pretônica /o/	Ocorrências	Percentual
[o]	96	36,8
[u]	156	59,8
[ɔ]	7	2,7
outros	2	0,7
Total	261	100,0

Tabela 12: comportamento da vogal média pretônica /o/ no ES

Os números aqui mostraram que a realização da regra de alçamento é bem mais alta em relação à vogal pretônica /o/. Vimos ainda que, assim como em /e/, a vogal pretônica posterior média apresenta números quase irrelevantes de abaixamento.

Quanto à distribuição geral do alçamento de /o/ no estado do Espírito Santo, verifiquemos a Carta 13.



Carta 13: o alçamento da vogal pretônica média /o/

A Carta 13, relativa ao alçamento da vogal pretônica média /o/, apresenta a seguinte situação: como ocorrido em /e/, há maior incidência da regra em todo o norte (exceto nos pontos 8, 11 e 12), estendendo-se até o sudoeste capixaba. E na região sudeste, do Rio de Janeiro, até a região litorânea abaixo do Rio Doce (até o ponto 16), percebemos menor ocorrência de alçamento.

Assim como observado na carta da pretônica /e/, existe na parte noroeste do Estado uma área onde a regra de alçamento é menos utilizada, embora, para /o/, essa área mostra-se, aparentemente, mais reduzida.

Em geral, observou-se a regra de alçamento mais presente entre as vogais médias pretônicas /o/ do que entre as médias /e/. Na região nordeste, apesar do predomínio de alçamento em ambos os tipos de vogais médias, vimos que para /o/, as ocorrências ficaram próximas ao total de 100%. O mesmo fato acontece na região sudoeste capixaba, onde também se observa maior ocorrência de alçamento.

Na região sudeste do Espírito Santo, no entanto, observamos uma leve vantagem na manifestação de alçamento entre as vogais médias pretônicas anteriores /e/. Já na capital, Vitória, os números de realização da regra permanecem os mesmos nas duas situações.

Todavia, apesar desses apontamentos a respeito da recorrência dessas áreas linguísticas, não há resultados que nos permita afirmar a existência de subáreas dialetais, isso devido ao reduzido material por nós analisado. Para isso, vemos a necessidade de estudos mais aprofundados a respeito do tema.

5.2.1 Fatores linguísticos

5.2.1.1 A vogal pretônica /o/ e a distância da sílaba tônica

Assim como foi analisada a distância da sílaba tônica em relação à vogal /e/, também aqui observamos essa mesma variável, de modo a averiguarmos se o comportamento tanto de /e/ quanto de /o/ se dão nas mesmas condições.

Também aqui o número de vocábulos nos permite dividir a distância em 1 (*gordura*) e 2 (*borboleta*), conforme a Tabela 13.

Realizações da vogal pretônica /o/	Com distância 1	Com distância 2
[o]	74 (33,0%)	22 (59,5%)
[u]	143 (63,8%)	13 (35,1%)
[ɔ]	7 (3,2%)	–
outros	–	2 (5,4%)
Total	224	37

Tabela 13: vogal pretônica /o/ e a distância da sílaba tônica

Conforme dados analisados, a vogal posterior pretônica /o/ parece mais propensa ao alçamento quando em posição imediatamente anterior à sílaba tônica (63,8%), mantendo em relação à variável distância da sílaba tônica, comportamento semelhante ao verificado com a vogal média tônica /e/.

5.2.1.2 A vogal pretônica /o/ e o tipo de sílaba

Classificamos, aqui, os vocábulos em *silaba leve* (*bonito, moringa*) e *silaba pesada* (*gordura*). Os resultados podem ser observados na Tabela 14.

Realizações da vogal pretônica /o/	Em sílaba leve	Em sílaba pesada
[o]	69 (35,9%)	27 (38,6%)
[u]	114 (59,4%)	43 (61,4%)
[ɔ]	7 (3,7%)	–
outros	2 (1,0%)	–
Total	192	70

Tabela 14: vogal pretônica /o/ e o tipo de sílaba

Assim como observado em diversos trabalhos, as sílabas leves são mais suscetíveis ao alçamento que as sílabas pesadas.

Porém, contrariando os resultados obtidos quanto à pretônica /e/, os dados da Tabela 14 apontam maior ocorrência de alçamento em sílaba pesada (61,4%), enquanto que em sílaba leve observamos menor percentual da regra (59,4%).

5.2.1.3 A vogal pretônica /o/ e o contexto fonológico precedente

Nessa variável, por tratar-se de vocábulos diferentes dos analisados em /e/, obviamente nem todos os tipos de consoantes coincidem. Nesse tópico observamos as consoantes segundo seus pontos de articulação: *bilabiais* (*moringa, bonito*), *alveolares* (*trovão, tomate*),

velares (cotó, gordura) e álveo-palatais (cachoeira), vistos na Tabela 15.

Realizações da vogal pretônica /o/	Precedida de bilabiais	Precedida de alveolares	Precedida de velares	Precedida de álveo-palatais
[o]	21 (36,2%)	52 (64,2%)	22 (32,4%)	1 (1,9%)
[u]	37 (63,8%)	25 (30,8%)	41 (60,3%)	53 (98,1%)
[ɔ]	–	2 (2,5%)	5 (7,3%)	–
outros	–	2 (2,5%)	–	–
Total	58	81	68	54

Tabela 15: vogal pretônica /o/ e o contexto fonológico precedente

Os dados apontam para maior ocorrência de alçamento da vogal pretônica /o/ quando precedida de consoantes álveo-palatais (98,1%), seguida de consoantes bilabiais (63,8%) e velares (60,3%). As alveolares, ao contrário, são as que menos favorecem a regra (30,8%).

5.2.1.4 A vogal pretônica /o/ e o contexto fonológico seguinte

Para verificarmos a influência do contexto fonológico seguinte na realização da vogal pretônica média posterior, fizemos a seguinte segmentação do *corpus*: vogal pretônica /o/ seguida de consoantes *alveolares (moringa, gordura)*, *bilabiais (camomila, tomate)*, *labio-dentais (trovão, trovoada)* e *glotais (borracha, borboleta)*. Observemos na Tabela 16 os resultados obtidos.

Realizações da vogal pretônica /o/	Seguida de bilabiais	Seguida de alveolares	Seguida de labio-dentais	Seguida de glotais
[o]	10 (71,4%)	35 (21,1%)	38 (58,5%)	13 (81,2%)
[u]	3 (21,4%)	125 (75,3%)	25 (38,5%)	3 (18,8%)
[ɔ]	1 (7,2%)	6 (3,6%)	–	–
outros	–	–	2 (3,0%)	–
Total	14	166	65	16

Tabela 16: vogal pretônica /o/ e o contexto fonológico seguinte

De acordo com os dados, os contextos seguintes favoráveis ao alçamento da vogal pretônica média /o/ foram, em ordem decrescente: ocorrência de consoantes alveolares (75,3%); ocorrência de labio-dentais (38,5%); ocorrência de bilabiais (21,4%) e ocorrência de glotais (18,8%).

5.2.1.5 A vogal pretônica /o/ e a vogal da sílaba tônica

Para a vogal anterior /e/, em contexto pretônico, as vogais tônicas mais favorecedoras da regra de alçamento foram as médias, contrariando assim a expectativa de que deve aparecer um “gatilho” na sílaba seguinte para que ocorra o alçamento.

Para a análise desse mesmo fator linguístico em relação à realização da vogal pretônica /o/, classificamos as vogais tônicas em *alta (gordura)*, *média (borboleta)* e *baixa (tomate)*, conforme Tabela 17.

Realizações da vogal pretônica /o/	Seguida de vogal tônica alta	Seguida de vogal tônica média	Seguida de vogal tônica baixa
[o]	28 (27,2%)	25 (24,8%)	43 (71,7%)
[u]	75 (72,8%)	69 (68,3%)	15 (25,0%)
[ɔ]	–	5 (4,9%)	2 (3,3%)
outros	–	2 (2,0%)	–
Total	103	101	60

Tabela 17: vogal pretônica /o/ e a vogal da sílaba tônica

Em relação à vogal posterior /o/, em contexto pretônico, confrontada com a vogal tônica, observamos, de acordo com a Tabela 17, que o “gatilho”, ou seja, a presença de uma vogal alta nas sílabas posteriores à sílaba pretônica, influencia na regra do alçamento. A presença das vogais médias e baixas, por sua vez, tem menor relevância para a utilização da regra.

Assim como em diversos outros trabalhos, observamos comportamentos distintos entre as vogais pretônicas /e/ e /o/, também em nossos dados presenciamos tal situação: para a vogal pretônica /o/, o “gatilho” favorece a regra, enquanto que para /e/ são as vogais médias da sílaba tônica que condicionam o alteamento da vogal pretônica.

5.2.1.6 A vogal pretônica /o/ e a posição da pretônica em estudo

Do mesmo modo que fizemos em relação à vogal pretônica /e/, averiguamos para a vogal /o/ se a posição da sílaba na qual se encontra a vogal pretônica em estudo influencia a regra de alçamento.

As sílabas foram também classificadas em *inicial* (*[to]mate*) e *não inicial* (*ca[m]omila*). Observemos então os resultados obtidos na Tabela 18.

Realizações da vogal pretônica /o/	Em sílaba inicial	Em sílaba não inicial
[o]	85 (44,5%)	11 (15,9%)
[u]	100 (52,4%)	55 (79,7%)
[ɔ]	6 (3,1%)	1 (1,4%)
outros	–	2 (3,0%)
Total	191	69

Tabela 18: vogal pretônica /o/ e a posição da pretônica em estudo

Assim como os resultados obtidos em relação à pretônica /e/, para a vogal posterior /o/, a sílaba não inicial também se apresentou mais relevante para o alçamento que a sílaba inicial.

5.2.1.7 A vogal pretônica /o/ e a nasalidade

Como vimos em 5.1.1.7 sobre a nasalidade em relação à pretônica /e/, diversos estudos apontam essa variável dentre as mais relevantes para a utilização da regra. Em vista disso, averiguamos também tal fator em relação à vogal pretônica /o/.

A nasalidade foi observada conforme contexto *nasal* (*moringa*) e *oral* (*bonito*). Observemos então a Tabela 19.

Realizações da vogal pretônica /o/	Em contexto oral	Em contexto nasal
[o]	88 (38,8%)	8 (23,5%)
[u]	130 (57,3%)	26 (76,5%)
[ɔ]	7 (3,0%)	–
outros	2 (0,9%)	–
Total	227	34

Tabela 19: vogal pretônica /o/ e a nasalidade

O fator nasalidade mostrou-se relevante na regra de alteamento da vogal média pretônica /o/ (76,5%). Trabalhos como o de Rodrigues e Araújo (2007) também consideraram esse fator relevante tanto para /e/ quanto para /o/. Leda Bisol (1983) observou que a vogal /e/ mostrou-se mais relevante e a vogal /o/, ao contrário, apresentou baixos índices de alçamento. Apesar dos poucos dados utilizados nesta análise, percebemos, aqui, o inverso do constatado em Bisol. Em contexto nasal, o alçamento da vogal pretônica /o/ mostrou-se mais atuante do que o alçamento da vogal pretônica /e/, com 76,5% e 60,4%, respectivamente.

5.2.2 Fatores extralinguísticos

5.2.2.1 A vogal pretônica /o/ e a zona de procedência

Além dos fatores linguísticos, confrontamos a realização da vogal pretônica média posterior com fatores extralinguísticos. Analisamos aqui a área de procedência dos falantes, considerando, como já explicamos anteriormente, que os informantes do ALES são rurais e os

informantes do ALiB são urbanos. Na prática, isso significa que a Tabela 20, permite a comparação entre a fala dos 70 informantes do ALES (35 pontos) e a fala dos 08 informantes do ALiB (um único ponto, a capital do Estado).

Realizações da vogal pretônica /o/	Na área rural	Na área urbana
[o]	54 (27,3%)	43 (61,4%)
[u]	142 (71,7%)	20 (28,6%)
[ɔ]	–	7 (10,0%)
outros	2 (1,0%)	–
Total	198	70

Tabela 20: vogal pretônica /o/ e a zona de procedência

Assim como em /e/, os dados mostraram, para /o/, ocorrência bem mais significativa da regra de alçamento da vogal média entre os informantes da zona rural (71,7%). Habitantes da região urbana apresentam maior uso da manutenção da vogal média (61,4%). Ressaltamos, no entanto, que a capital Vitória localiza-se no espaço dialetal (região sul e sudeste do Espírito Santo) que apresenta os índices mais baixos de alçamento da vogal /o/, conforme demonstra a Carta 13.

5.2.2.2 A vogal pretônica /o/ em relação ao gênero dos informantes

Do mesmo modo que observamos essa variável em relação à vogal média /e/, decidimos fazer essa observação em relação à vogal /o/. Analisando a média /e/, notamos que homens e mulheres realizam de modos semelhantes a regra de alçamento.

Realizações da vogal pretônica /o/	Na fala das mulheres	Na fala dos homens
[o]	49 (37,4%)	47 (37,0%)
[u]	77 (58,8%)	76 (59,8%)
[ɔ]	5 (3,8%)	2 (1,6%)
outros	–	2 (1,6%)
Total	131	127

Tabela 21: vogal pretônica /o/ e o gênero dos informantes

Como demonstrado na Tabela 21, também considerando a vogal média /o/, não percebemos diferença significativa em relação ao alçamento da vogal pretônica /o/ quando se compara a fala de homens e mulheres, embora os informantes masculinos utilizem um pouco mais tal regra (59,8%).

5.2.3 Considerações acerca da vogal média pretônica /o/

Considerando os diversos grupos de fatores aqui analisados, apontamos os que se mostraram, conforme os dados, mais relevantes quanto ao processo de alçamento da vogal média pretônica /o/.

Dentre os fatores linguísticos observados, destacamos o contexto precedente álveo-palatal como o mais relevante em relação ao alçamento da vogal média pretônica /o/, (98,1%). Em segundo lugar, observamos a posição da pretônica em estudo, com percentual de 79,7 em sílaba não inicial. Aqui, a nasalidade também se mostrou propensa ao alçamento (76,5%).

As outras variáveis verificadas tiveram relevância para a regra pela seguinte ordem: contexto fonológico seguinte (quando seguida de

consoantes alveolares), a vogal alta da sílaba tônica; a distância 1 da sílaba tônica e por fim, o tipo de sílaba.

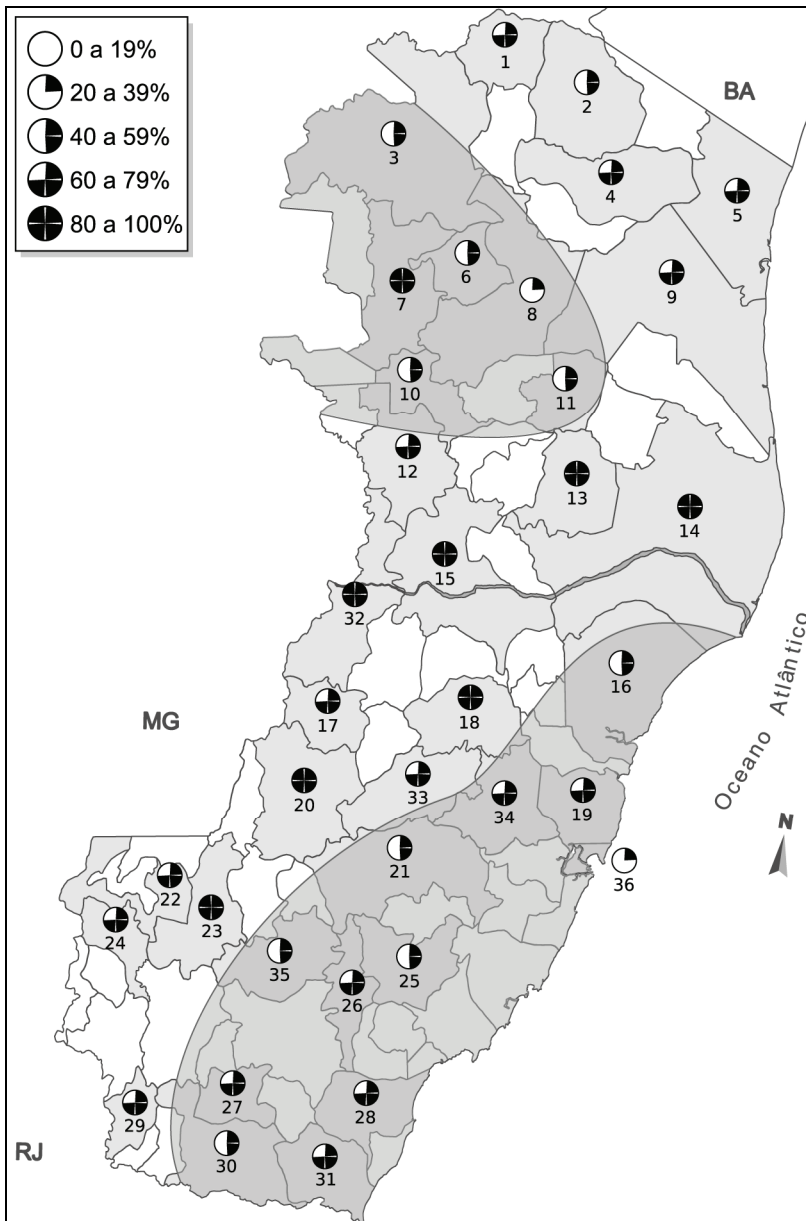
Como também foi observado em relação à vogal média pretônica /e/, a zona de procedência teve maior destaque entre os fatores extralinguísticos. Em /o/, os informantes da zona rural alcançaram o percentual de 71,7% de alçamento da regra. Os motivos aparentes para tal variação podem ser o conjecturado em /e/: o fato de os indivíduos entrevistados pelo ALES nas zonas rurais terem, de fato, menor escolaridade que os do ALiB, que compõem a base de dados referentes à zona urbana.

Também em relação ao gênero, em concordância com os dados obtidos para /e/, o alçamento da vogal /o/ não se mostrou condicionado por esse fator. A utilização de tal regra mostra-se proporcional na fala de homens e mulheres, com percentuais respectivos de 58,8% e 59,8%.

Observando ainda os resultados obtidos em confronto com os pontos de ocorrência do alçamento da vogal média pretônica /o/, conforme Carta 13, notamos que a regra é mais utilizada em parte do extremo norte do Estado, em localidades próximas dos limites com Bahia e Minas Gerais, e também coincidindo com /e/, na parte central capixaba, logo acima do Rio Doce, se estendendo pelo sudoeste até limites do estado do Rio de Janeiro. Lembramos que tais ocorrências, nessas áreas, estão relacionadas, prioritariamente, conforme dados obtidos, à presença de consoante precedente álveo-palatal, sílaba pretônica não inicial e vocábulos nasais.

5.3 Ocorrência geral do alçamento das vogais médias pretônicas

Por fim, mostramos a carta linguística que reúne as ocorrências gerais da regra de alçamento das vogais médias pretônicas – /e/ e /o/.



Carta 14: ocorrência geral de alçamento no ES

Conforme notado ao longo de nossa análise, apesar da predominância em todo o Estado, a regra de alçamento mostra-se mais relevante nas regiões nordeste e sudoeste. A observação das vogais /e/ e /o/, simultaneamente, ressaltam os dados obtidos até então na análise individual: no Espírito Santo, a regra de alçamento, é característica marcante do dialeto, embora observemos algumas particularidades em sua distribuição diatópica.

Vimos que algumas localidades, em particular, realizam a regra independentemente de qual seja a vogal média em questão. É o caso dos pontos 1, 4, 7, 9, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 22, 23, 24, entre outros. Por outro lado, observamos casos em que a regra dá-se mais em relação à média anterior /e/, dentre eles: 16, 26, 32 e 33. Existem ainda casos em que a vogal posterior /o/ é mais relevante que a anterior: 2, 3, 5, 6 e 25. A capital do Estado, por sua vez, mantém os mesmos percentuais nas duas vogais: 25% de realização da regra de alçamento.

A partir da distribuição da regra em questão, acreditamos na hipótese de que os estados vizinhos ao Espírito Santo influenciam o falar capixaba, como veremos mais detalhadamente no capítulo seguinte.

5.4 Vogais médias abertas no estado do Espírito Santo

Muitos estudos acerca das vogais médias pretônicas visam verificar, além do processo de alçamento, também o processo de abaixamento das mesmas: /e/ → [ɛ] e /o/ → [ɔ]. Estas realizações marcam, sobretudo, a divisão dialetal brasileira, estipulada por Nascentes em 1953 (*apud* ILARI; BASSO, 2006). Nascentes, além de

realizar a divisão dos dialetos brasileiros em subfalares, divide ainda o país em dois grandes grupos – do norte e do sul – sendo o falar do grupo do norte marcado, dentre outras características, pela realização de vogais pretônicas abertas, e o do sul, pela pronúncia fechada das mesmas.

Diversos autores, distribuídos por quase todos os estados do país, já realizaram estudos acerca da realização média aberta da pretônica. Brandão e Cruz (2005), em estudos sobre os estados do Amazonas e do Pará, confirmaram as conjecturas de Nascentes em relação às ocorrências das médias pretônicas [ɛ] e [ɔ] nessas áreas. Graebin (2008) e Silva (1992) também observaram o comportamento de médias abertas respectivamente nas cidades de Formosa (GO) e de Salvador (BA), confirmando os estudos de Nascentes sobre a pronúncia aberta no norte.

Também na região Sul, mais precisamente no estado do Rio Grande do Sul, Bisol (1981) confirmou a realização da pronúncia fechada da vogal em contexto pretônico.

Nos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais, Callou e Leite (1986) e Carneiro e Magalhães (2009) analisaram o comportamento das vogais médias pretônicas em seus respectivos estados. No estado carioca, predominam as vogais fechadas e, em Minas Gerais, os autores destacaram a ocorrência, embora em baixos percentuais, de abaixamento das vogais médias.

Desse modo, tendo em vista, principalmente, os resultados obtidos nos estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e Bahia, discutimos, a seguir, os dados obtidos acerca do processo de abaixamento da vogal média pretônica.

Como já comentamos, o número de ocorrências de abaixamentos no Estado capixaba¹² não se mostrou significativo (1,7%), como podemos observar na Figura 1:

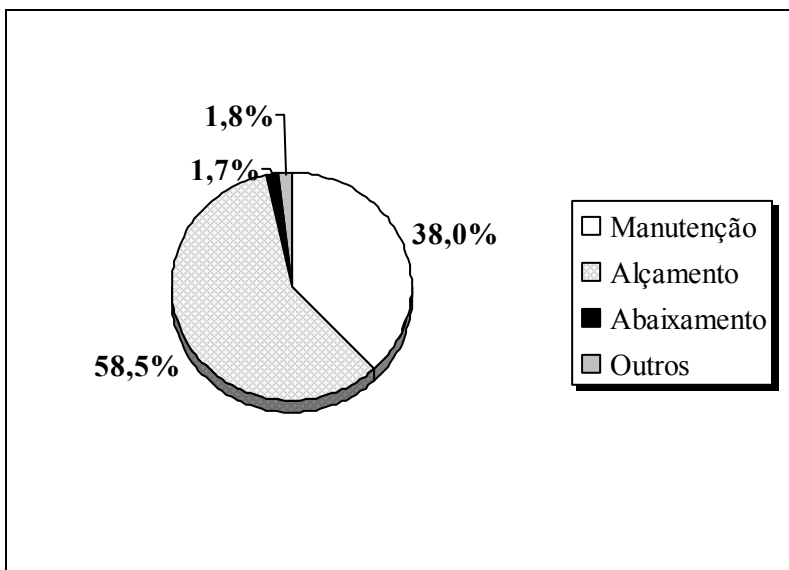


Figura 1: panorama geral das vogais médias pretônicas no ES

Como observado, os casos de abaixamento das vogais médias pretônicas representam um percentual inexpressivo. Vale ressaltar, além disso, que o abaixamento se dá exclusivamente entre os informantes do ALiB, ou seja, ocorre somente na área urbana – na capital, Vitória. Cabe ainda destacar que as mulheres são as principais agentes da regra de abaixamento: do total de 10 ocorrências da regra, 8 (80%) são realizadas por mulheres e apenas 2 (20%) por homens.

¹² No gráfico, foram contabilizados dados gerais de ocorrência tanto da vogal média /e/ quanto de /o/.

Graebin (2008), analisando o fator gênero quanto ao uso das vogais médias pretônicas, verificou que as mulheres se mostraram mais favoráveis ao uso das variantes [ɛ] e [i], enquanto os homens mostraram-se mais conservadores quanto à aplicação dessas regras. Também no estudo de Viana (2008) observou-se maior tendência de abaixamento entre as mulheres, embora o percentual de ocorrência seja menos contrastante que os resultados aqui observados.

Apesar de não se mostrar, aparentemente, uma variação em ascendência, o fato de as mulheres, em geral, utilizarem-se mais da regra de abaixamento, pode estar relacionado ao fato de essa regra não ser uma variável estigmatizada.

Em pesquisa no Espírito Santo, particularmente no município de Nova Venécia, no norte do Estado, Célia (2004) observa casos de abaixamento, sobretudo em contextos de vogais média baixas e baixas – fato não observado em relação aos vocábulos analisados em nossa pesquisa, exceto na palavra “cotó”, que seguiu a regra quase em sua totalidade de ocorrências (5/7). Porém, a própria autora reconhece que em Nova Venécia a regra de abaixamento está longe de ser categórica, não sendo essa pronúncia tão perceptível quanto nos falares mais ao norte. Ressaltamos ainda que a pesquisa de Célia contou somente com informantes femininos, o que enfatiza os resultados encontrados entre os informantes do ALiB.

Enfim, em relação à ocorrência de abaixamento da vogal média no estado do Espírito Santo, os dados mostram que tal regra não tem relevância, evidenciando que o Estado está inserido no falar do Sul, conforme a proposta de Nascentes em 1953 (*apud* ILARI; BASSO, 2006).

6 Abordagens geolinguísticas

6.1 Os limites do Espírito Santo

Com poucos estudos linguísticos realizados no Espírito Santo, ainda não podemos caracterizar dialetalmente o Estado. O fato de limitar-se com os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia – todos com fortes marcas linguísticas – desperta ainda mais nosso interesse sobre o possível dialeto capixaba.

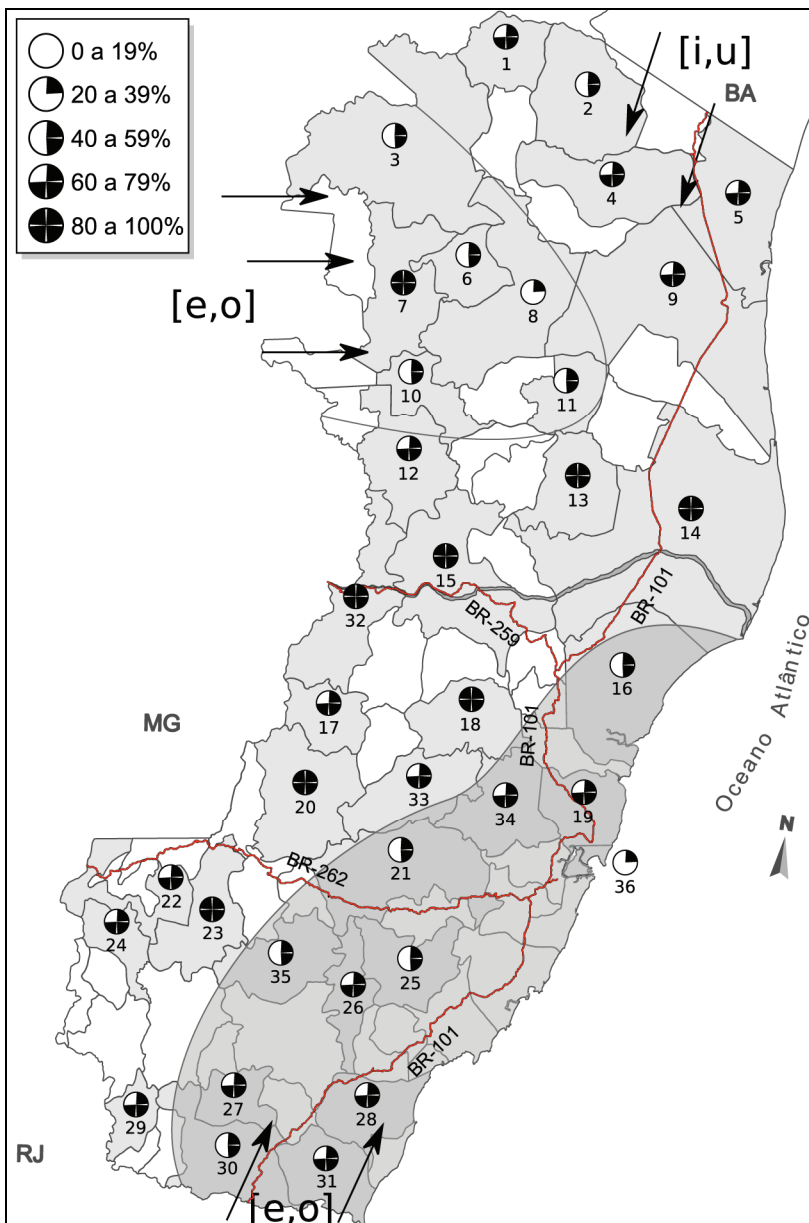
Estudos realizados nos estados vizinhos mostraram variação em relação ao comportamento das vogais médias em posição pretônica. Na Bahia, segundo estudos de Silva (1992) e também de Castro (1995), concorrem as formas altas [i, u], e as baixas [ɛ, ɔ], comuns em grande parte da região nordeste. Cardoso (2006), Alves (2008) e Carneiro e Magalhães (2009) mostram no território mineiro a presença tanto das variantes fechadas [e, o], quanto das médias abertas [ɛ, ɔ]. Já no estado do Rio de Janeiro, Callou e Leite (2002) e Cardoso (2006) apontam como principais variantes as médias fechadas [e, o].

Sabemos que a proximidade com outros dialetos pode realmente interferir nos falares vizinhos. No caso particular do Espírito Santo, por não termos nenhum referencial que fosse para nós um ponto de partida para caracterizarmos o dialeto capixaba, achamos, por conveniência, não descartarmos possíveis influências dos estados expostos.

Apesar das limitações que nos impõem os dados e os estudos dialetais até agora realizados no Espírito Santo, os resultados sobre a realização das vogais pretônicas nos permitem fazer as seguintes

conjecturas: ao norte, o falar baiano, conforme visto nos trabalhos de Silva (1992) e Castro (1995), parece influenciar o norte capixaba; a noroeste, as influências são mineiras; e, ao sul, uma corrente parece vir do Rio de Janeiro para o Estado, atingindo municípios mais a leste.

Observemos essas possíveis influências a partir da Carta 15, que mostra os resultados gerais (de /e/ e de /o/) da pretônica no Estado:



Carta 15: influência dos estados de MG, BA e RJ

Conforme a Carta 15, o percentual de ocorrência tanto da vogal /o/ quanto da vogal /e/, e contrastando com as principais rodovias do Estado, conjecturamos algumas possíveis influências provenientes de estados vizinhos citados anteriormente.

Na maioria dos mapas vistos neste trabalho, verificamos certa regularidade quanto à realização da regra de alçamento das vogais médias pretônicas: no noroeste, assim como no sudeste do Estado, observamos, em geral, número pouco menor de ocorrência da regra de alçamento; ao contrário, na região nordeste e na parte sudoeste capixaba, notamos maior uso da regra.

Já ressaltamos nessa pesquisa que não pretendemos aqui delimitar subáreas dialetais no Estado – mesmo porque nossa análise se restringe a somente à variação das médias pretônicas, o que por si só não permite demarcar isoglossas¹³. Porém, observando em alguns estudos já citados no capítulo 2, percebemos indícios de que os estados da Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro influenciam no falar capixaba quanto ao uso da regra aqui estudada.

Enfim, conforme a Carta 15, especulamos a noroeste do Estado influência da manutenção da média, advinda da proximidade entre municípios mineiros e capixabas; a nordeste observamos uma possível corrente proveniente da Bahia, onde a regra de alçamento se mostra bastante recorrente; e a sudeste capixaba, o estado do Rio de Janeiro parece exercer influência no Estado. Ressaltamos que essas duas últimas regiões podem ser influenciadas também pela BR 101, principal rodovia

¹³ Linha que, num mapa linguístico, indica as áreas em que se concentram determinados traços linguísticos.

do Estado e grande porta de entrada de baianos e cariocas no Espírito Santo.

A parte sudoeste capixaba, onde ocorreram os maiores percentuais da regra de alçamento, não apresentou, em nossos estudos, nenhuma motivação que nos ajudasse a entender tal comportamento. Apesar de parecer uma área de continuidade de uma possível influência baiana, tal hipótese não foi alimentada devido à localização do rio Doce, que separa norte e sul capixabas. A possibilidade de influência mineira também foi por nós descartada pois, apesar de Minas Gerais apresentar maior uso da manutenção da vogal média conforme Cardoso (2006), Alves (2008) e Carneiro e Magalhães (2009), existe nessa região uma extensa barreira natural entre os estados capixaba e mineiro, a saber, a Serra do Caparaó, que dificulta uma maior interligação entre esses dois estados.

Apesar de termos observado certa tendência, nessa região, ao uso da regra de alçamento, não averiguaremos essa parte do Estado mais aprofundadamente. Embora apresentemos nessa pesquisa alguns indícios de subáreas dialetais, acreditamos que pesquisas mais detalhadas sejam indispensáveis para uma melhor caracterização do dialeto estudado, em relação à regra de alçamento.

6.2 O Espírito Santo e o processo de colonização

Desde o período da colonização do estado do Espírito Santo, observa-se a presença de fluminenses, mineiros e paulistas (em menor proporção) que, atraídos pela produção cafeeira e aproveitando a baixa ocupação territorial do Estado, colonizaram o sul capixaba.

O norte do Estado, por sua vez, apresentou grandes obstáculos naturais e financeiros na ocupação dessas terras, prejudicando assim seu processo de ocupação.

Até meados do século XIX (em 1846), a população do Espírito Santo era de cerca de 50 mil habitantes. Porém, no início do século XX, essa situação se transformou: de 1920 a 1967, houve um crescimento populacional de 2543%. Isso foi devido às inovações nos transportes (a presença de automóveis no Estado), construção da ponte sobre o rio Doce, integrando norte e sul, entre outros progressos.

Os imigrantes foram responsáveis por boa parte dessa explosão populacional. Os alemães começaram a chegar ao Estado ainda no final do século XIX, formando os dois principais núcleos no vale dos rios Jucu e Santa Maria da Vitória.

Wagemann (*apud* MORAES, 1974), em Boletins Geográficos de 1948 e 1949 estima haver naquela época, no Espírito Santo, entre 17 e 18 mil alemães.

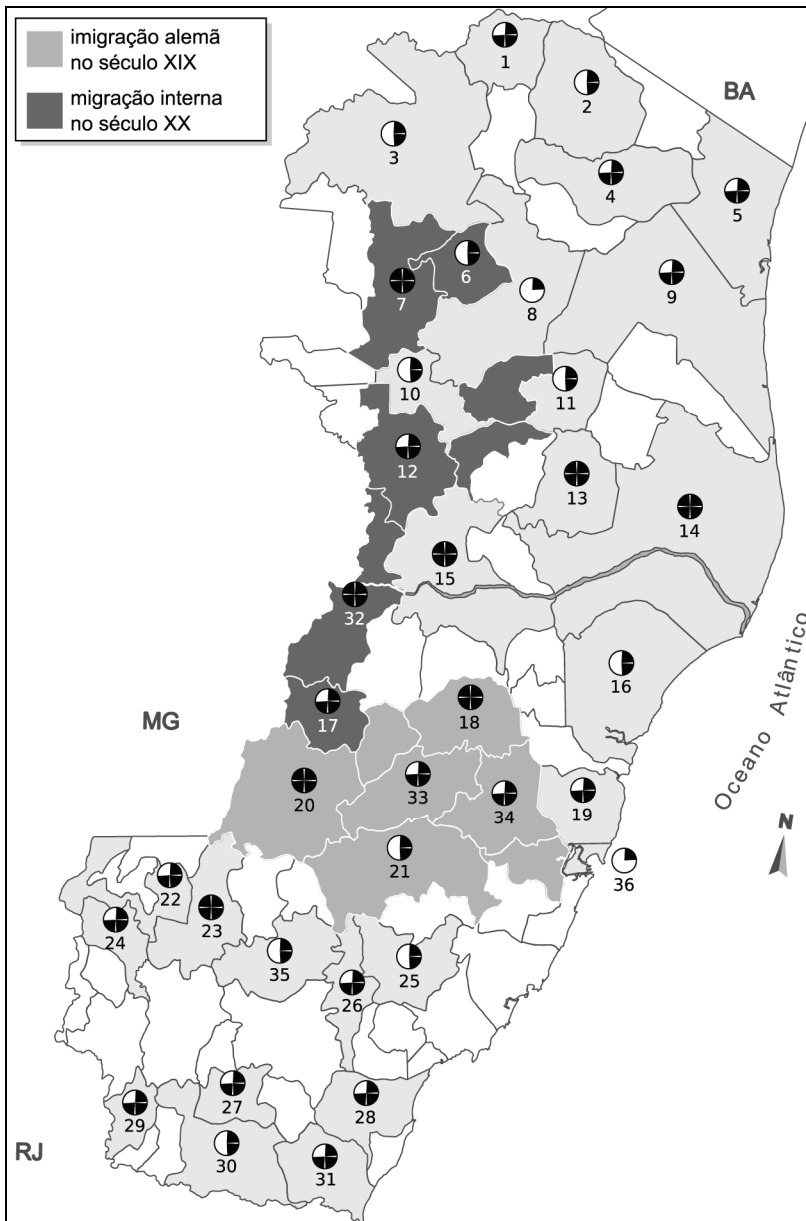
Também na segunda metade do século XIX, na mesma época em que vieram os alemães, grande contingente de imigrantes italianos começou a chegar no Brasil. No Espírito Santo, os primeiros italianos chegaram por volta de 1874. Aqui, ocuparam vários pontos do Estado: Santa Teresa (para onde se deslocou o maior número de imigrantes), Castelo, Rio Novo do Sul, Itapemirim, Colatina, Santa Leocádia (São Mateus) e Nova Venécia.

De todos os imigrantes vindos para o Espírito Santo, os italianos foram os mais numerosos, e fundaram diversas cidades capixabas.

Observemos na Carta 16 a presença de imigrantes no Espírito Santo desde o século XIX, a qual relacionamos com a carta de

ocorrência geral da regra de alçamento das vogais médias pretônicas no Estado.

Como alguns municípios reuniram mais de um grupo de imigrantes neste século, optamos por analisar tais grupos separadamente.



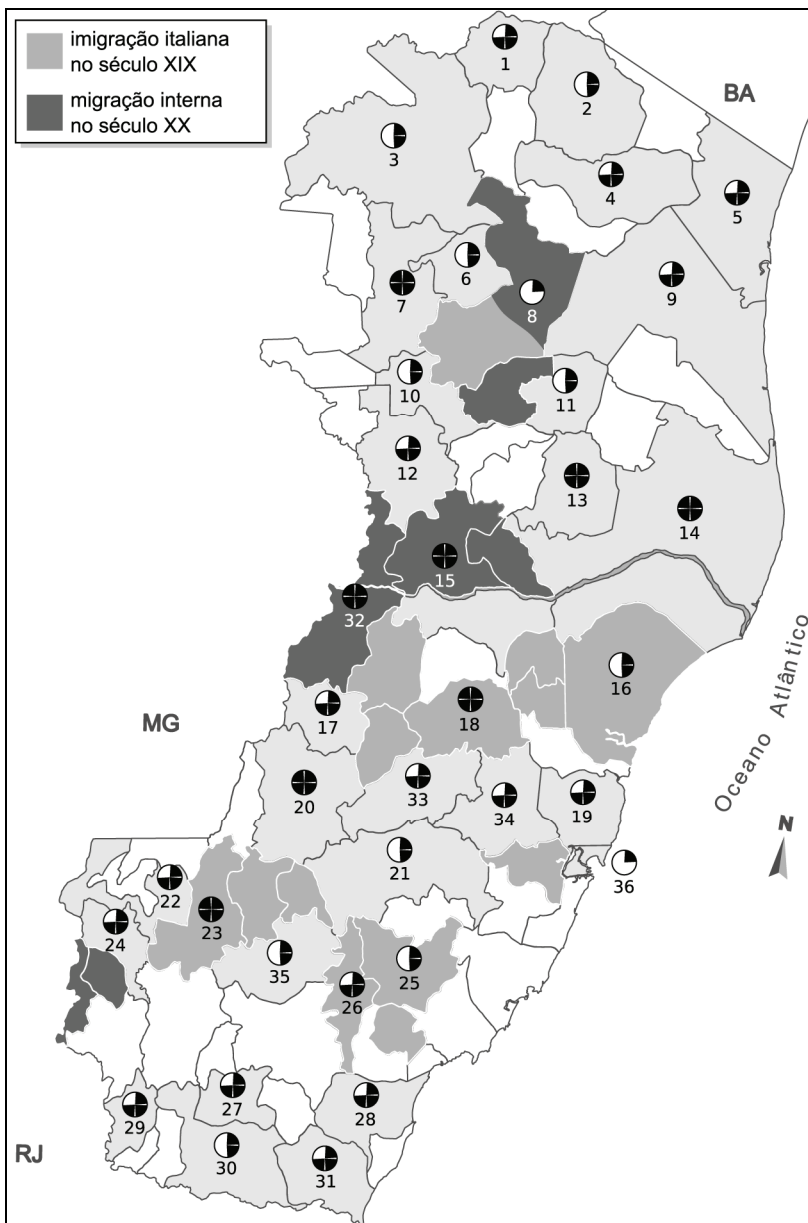
Adaptado de Moreira e Perrone, 2001, p. 47

Carta 16: imigração alemã no ES

Na Carta 16, assim como em todo o estado do Espírito Santo, percebemos mesmo na área de colonização alemã, grande ocorrência da regra de alçamento. Não pudemos observar contudo, nenhuma regularidade significativa quanto ao comportamento das médias pretônicas nessa região colonizada por imigrantes alemães.

Lembramos que os dados contrastados nessas cartas dizem respeito somente aos municípios de colonização européia, onde foram realizadas as entrevistas do ALES. Reconhecemos que caberia aqui uma análise mais detalhada em todas as cidades que, de alguma forma, influenciaram no processo de colonização do Estado.

Observemos também a presença de imigrantes italianos no Espírito Santo:



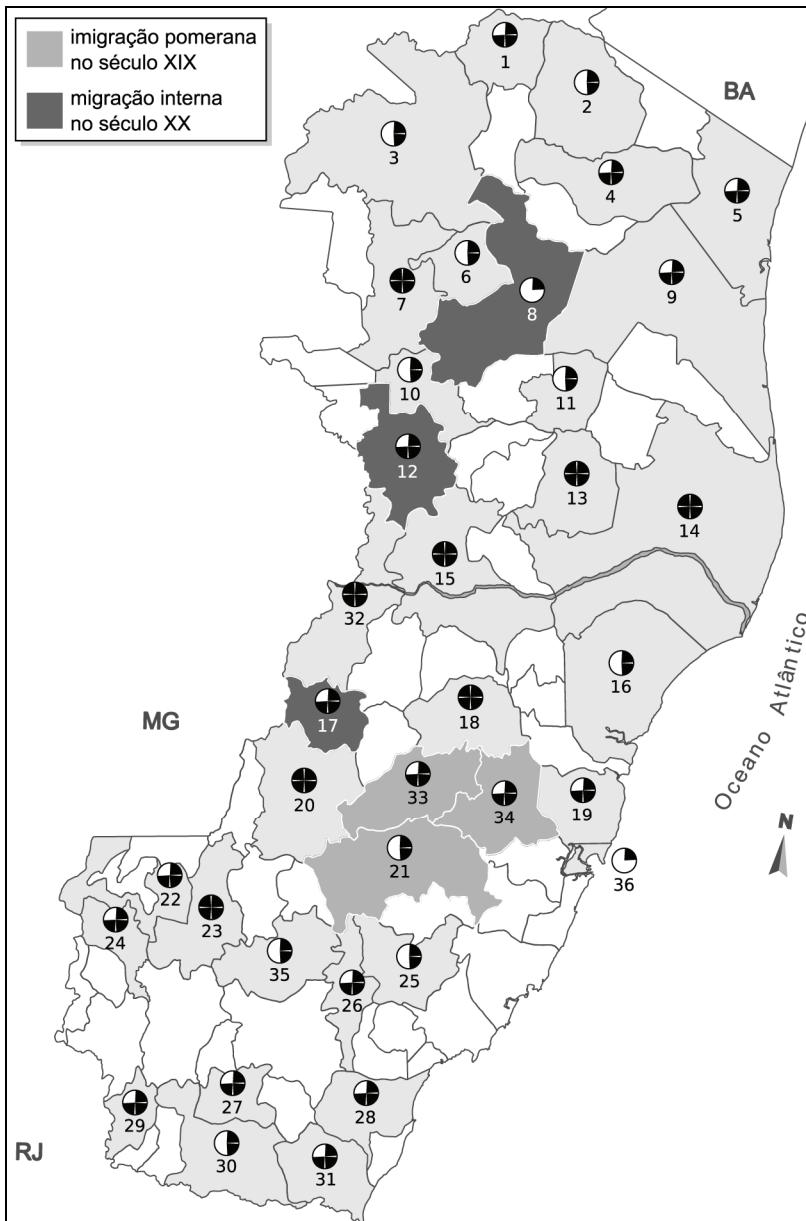
Adaptado de Moreira e Perrone, 2001, p. 47

Carta 17: imigração italiana no ES

Dentre os municípios investigados nos inquéritos do ALES e do ALiB e que tiveram influência dos italianos em sua colonização, observamos resultados pouco distintos dos apresentados até então: os municípios mais próximos ao litoral sul parecem ser menos favorecedores da regra de alçamento.

É evidente que um número maior de dados, que abrangessem todos os municípios de influência desses imigrantes, talvez nos mostrasse resultados diferentes. Porém, os dados obtidos por nossos informantes evidenciam que também a presença de imigrantes italianos no processo de ocupação de algumas áreas capixabas não interfere na variação das vogais médias pretônicas no estado do Espírito Santo.

Além de imigrantes alemães e italianos, o Estado acolheu outros estrangeiros a partir do século XIX. Dentre outros, também se faz ainda hoje relevante, a presença de imigrantes (e descendentes) pomeranos no Espírito Santo. Vejamos a localização desses no século XIX, no Estado.



Adaptado de Moreira e Perrone, 2001, p. 48

Carta 18: imigração pomerana no ES

Os descendentes de pomeranos são caracterizados, sobretudo, por serem tidos como um povo “conservador”. Durante o processo de ocupação preferiram instalar-se em lugares mais remotos, e preservarem suas cultura e língua – ainda hoje exercidas por essa comunidade.

A Carta 18, ao contrário dos outros apresentados nessa seção, mostrou que nos municípios de colonização pomerana utilizam menos a regra de alçamento. Observamos que os municípios de Pancas (ponto 12), Laranja da Terra (ponto 17), Domingos Martins (ponto 21), Santa Maria de Jetibá (ponto 33) e Santa Leopoldina (ponto 34) apresentam colonização alemã, e o município de Nova Venécia (ponto 08), além da influência pomerana, sofreram também influência de descendentes italianos.

Benincá (2008) analisou a dificuldade no domínio de fonemas do português falado por crianças bilíngues de português e pomerano do Espírito Santo. Dentre os resultados obtidos em sua pesquisa, Benincá observa a ocorrência de alçamento das vogais médias na língua escrita, causada por influência da oralidade, dados que contrastam com nossa pesquisa.

Apesar de observarmos esse número mais reduzido no percentual de alçamento entre os informantes que habitam os municípios de colonização pomerana, não podemos afirmar que se trata de regiões dialetais. Por isso reconhecemos que esses resultados devem ser mais bem averiguados através de inquéritos mais específicos entre os habitantes dessas localidades.

6.3 O Espírito Santo no subfalar fluminense

Sabe-se que o primeiro mapa das variedades regionais do português brasileiro foi elaborado por Antenor Nascentes, observado na segunda edição de *O Linguajar Carioca*, publicado em 1953. Nesta obra, Nascentes, após percorrer o Brasil, divide o país em seis subfalares: amazônico, nordestino, território incharacterístico, baiano, mineiro, fluminense e sulista (*apud* ILARI; BASSO, 2006).

O estado do Espírito Santo, foco de nossa pesquisa, está inserido no subfalar fluminense, onde, conforme Nascentes, os falantes, assim como no subfalar sulista, optam pela forma fechada das vogais pretônicas.

Uma de nossas propostas iniciais era justamente a de averiguar a possibilidade de encontrar semelhanças entre os falares capixaba e carioca.

Célia (2004), em trabalho já discutido nesta pesquisa, no qual também investiga o comportamento das vogais médias pretônicas, insinua que o estado do Espírito Santo seja uma região de transição quanto à regra de abaixamento das vogais em questão. Quanto aos casos de alçamento, a autora verifica que esses ocorrem com a mesma frequência que a regra anterior.

Em nossos estudos encontramos raros casos da regra de abaixamento das vogais médias em contexto pretônico. Por outro lado, em relação à regra de alçamento, observamos ser bastante recorrente no Estado, enfatizando, porém, que em algumas regiões essa regra apresente maiores índices.

Quanto aos casos de alçamento da vogal média pretônica, vimos no capítulo 1 que alguns autores, como Schwindt (2002), Klunck (2007)

e Marchi e Stein (2007), em pesquisas realizadas no Sul do Brasil, observaram uso moderado dessa regra.

No norte brasileiro, Rodrigues e Araújo (2007), notaram menor probabilidade de alçamento. Já Graebin (2008), na região centro-oeste, verificou grande ocorrência da regra, assim como Silva (1992), em Salvador, representando o nordeste.

No sudeste, em Minas Gerais, Carneiro e Magalhães (2009) mostram que o processo de alçamento é superior ao de abaixamento. No Rio de Janeiro, Callou e Leite (1986) encontraram maiores percentuais de manutenção da vogal média pretônica do que de alçamento.

Quanto à regra de alteamento da média, notou-se, considerando alguns estudos verificados nesta pesquisa, que assim como na regra de abaixamento, parece que quanto mais ao sul, menor é a utilização de tal regra.

Partindo dessas observações, acreditamos que, em relação à regra de alçamento, o Espírito Santo pode ser considerado uma zona de transição entre as regiões norte e sul brasileiras.

Por fim, comparando os resultados obtidos neste trabalho com alguns estudos realizados no estado carioca, verificamos que, ao menos em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas – no caso da regra de abaixamento – o estado do Espírito Santo, assim como Nascentes constatou, está realmente inserido no subfalar fluminense.

6.4 Considerações finais

Ao início deste trabalho, foram levantadas algumas questões que norteariam a presente pesquisa, a saber:

1. *Sendo o Espírito Santo avizinado por três estados com marcadas características linguísticas – Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia – em relação à pronúncia aberta ou fechada da vogal média pretônica, como é o comportamento desse tipo de vogal no falar capixaba?*
2. *Considerando o comportamento da vogal em contexto pretônico, haverá distinção no falar de regiões colonizadas e fortemente influenciadas por imigrantes europeus – sobretudo em áreas de colonização pomerana, onde ainda hoje sua língua é cultivada?*
3. *Existe diferença no comportamento das vogais pretônicas entre o falar dos habitantes de zonas rurais do Estado e da zona urbana de Vitória?*
4. *O falar capixaba realmente possui características semelhantes ao falar carioca, levando em conta a proposta de Nascentes, que insere o Espírito Santo juntamente com o Rio de Janeiro, no subfalar fluminense?*

Ao término deste trabalho, averiguamos novamente essas questões com intuito de ratificar ou rever as hipóteses apontadas no princípio desta obra.

A primeira questão hipotética levava em consideração os dialetos nos três Estados com que o Espírito Santo se avizinha em relação ao abaixamento da vogal média pretônica, circunstância em que se esperava ocorrência tanto de vogais abertas, como de vogais fechadas no Estado capixaba. No entanto, contrariando as expectativas iniciais, os

dados analisados nesta pesquisa evidenciaram que os casos de ocorrência de abaixamento de vogais médias pretônicas são raros no dialeto do Espírito Santo. Em contrapartida, presenciamos grandes percentuais da regra de alçamento desse tipo de vogal no Estado em questão, regra essa que coincide com os limites dos estados da Bahia, de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, e ainda uma área (a região sudoeste) em que se observa alto índice de alçamento, área cujo fenômeno depende de melhor descrição e análise.

A segunda pergunta se refere ao comportamento das vogais médias pretônicas nas áreas de colonização estrangeira, sobretudo as regiões povoadas por pomeranos e descendentes de pomeranos. De acordo com os dados observados nesta pesquisa, as regiões colonizadas por imigrantes alemães, italianos e seus descendentes, não apontam grandes variações. Porém, como conjecturado no princípio deste trabalho em relação às áreas de colonização de imigrantes pomeranos, notamos certa diferenciação da regra de alçamento nessas regiões – o percentual de ocorrência da regra se mostra relativamente menor.

Em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas nas zonas rural e urbana – tema da questão três – acreditávamos que, por ser uma variação que não esteja exposta à estigmatização, os casos seriam semelhantes tanto em áreas rurais, quanto em áreas urbanas. Todavia, contrariando nossas idéias iniciais, observamos, na seção anterior, que o percentual de alçamento mostra-se bem mais elevado na zona rural do estado do Espírito Santo.

Por fim, retomamos a quarta questão, que desacreditada da proposta de Antenor Nascentes, contrariava a afirmação de que o Espírito Santo não se insere no subfalar fluminense. Mais uma vez,

corrigindo nossas presunções, podemos afirmar que realmente Nascentes tem razão: ao menos em relação ao comportamento das vogais médias pretônicas, observamos, em todo o Estado, pronúncia de vogais fechadas, como pressupunha esse renomado autor. Contudo, é importante ressaltar que, em relação à regra de alçamento, o dialeto capixaba parece sofrer interferências dos estados que o avizinham, tornando, ao que parece (ao menos em relação a essa regra), uma zona de transição entre sul e norte brasileiros.

7 Conclusões

A proposta inicial desta pesquisa foi observar o comportamento das vogais médias pretônicas no estado do Espírito Santo, utilizando dados do ALES e do ALiB.

Os dados observados durante a pesquisa mostraram que, na comunidade linguística estudada, predomina a regra de alçamento das vogais médias em contexto pretônico. Já em relação à regra de abaixamento, notamos que os casos são raros, ocorrendo somente na capital do Estado, com predominância na fala das mulheres.

Quanto à distribuição espacial da regra de alçamento, os dados apontam para maior incidência de utilização do alçamento, na parte nordeste capixaba, limitando-se com a Bahia; e ao sudoeste, com a Serra do Caparaó, barreira natural entre Espírito Santo e Minas Gerais. Os dados indicam possíveis influências dessa variação advindas dos estados vizinhos ao Espírito Santo, sendo ao norte, possível interferência da Bahia; a noroeste (em uma pequena faixa), possibilidade de interseção com o estado de Minas Gerais; e ao sudeste capixaba, proeminente influência do estado do Rio de Janeiro. A sudoeste do Estado, no entanto, não nos foi possível conjecturar motivos que explicassem o alto percentual de ocorrência de tal regra.

Considerando que os dados colhidos apontam que nem todos os vocábulos têm comportamentos semelhantes, analisamos também as variantes linguísticas e extralinguísticas. A partir dessa análise, percebemos que os condicionantes que favorecem a regra de alçamento

foram diferentes entre as médias /e/ e /o/. Para a vogal pretônica /e/ foram relevantes a consoante labiodental na sílaba precedente; presença de vogal média na sílaba pretônica e sílaba pretônica em posição não-inicial. Já para a vogal média pretônica /o/, mostraram-se mais favorecedores da regra, a consoante precedente álveo-palatal; a posição não inicial da sílaba pretônica e a nasalidade.

Quanto às variáveis extralinguísticas foi observado maior uso da regra entre os habitantes das zonas rurais tanto para /e/, quanto para /o/. E em relação ao gênero, ao contrário do que vimos na teoria, como por exemplo, no trabalho de Paiva (2008), que a fala das mulheres geralmente se diferencia pelo fato de utilizarem-se mais de formas de maior prestígio social, notamos em geral, percentuais muito parecidos de ocorrência da regra entre o público masculino e feminino.

Quanto às hipóteses formuladas no princípio deste trabalho, apenas uma foi verificada: o fato de notarmos algumas diferenças nas áreas colonizadas por descendentes pomeranos, onde observamos menor aplicação da regra de alçamento. As outras questões norteadoras foram por nós reavaliadas.

Prevíamos que fossem encontradas no Espírito Santo, variantes fechadas e abertas em todo o estado. Porém, os dados apontaram raros casos de abaixamento de vogais médias em território capixaba. Observamos, contudo, que dentre as variantes estudadas, as que se mostraram mais relevantes foram as vogais médias altas, as quais, comparadas com estudos realizados em todo o país, parecem ser mais frequentes no norte brasileiro, região delimitada por Nascentes para demarcação das vogais abertas.

Quanto ao comportamento das médias pretônicas nas zonas rural e urbana, julgávamos que pelo fato de geralmente as variações da média pretônica não serem alvo de estigmatização, seus usos seriam semelhantes tanto no interior, quanto na capital do Estado. No entanto, os dados mostraram percentuais de ocorrência de alçamento bem mais altos nas áreas rurais, fato esse associado a uma maior espontaneidade e/ou mesmo pela menor escolaridade (fator aqui não analisado) dos habitantes interioranos.

Quanto à delimitação feita por Antenor Nascentes, supúnhamos que, devido às peculiaridades na fala do carioca, o Estado capixaba não deveria estar associado ao subfalar fluminense. Todavia, ao menos em relação às vogais médias abertas, o Espírito Santo mostra-se adequadamente inserido neste dialeto, porém, diferentemente dos estudos realizados por Callou e Leite (1986) no estado fluminense, os resultados obtidos nesta pesquisa mostram índices de alçamento bem superiores aos do Rio de Janeiro.

Apesar das diversas restrições encontradas nesta pesquisa, como por exemplo, a limitação da amostra e as dificuldades de encontrarmos trabalhos linguísticos que pudessem nos auxiliar a traçar um panorama mais detalhado de influências de nossos estados vizinhos, esperamos que o presente trabalho seja útil a estudantes e pesquisadores que se interessem a explorar o vasto campo de pesquisas sobre o(s) falar(es) capixaba(s).

Reconhecemos que os resultados aqui apresentados não estão solidamente edificados, e acreditamos que muitas questões que não ficaram aqui bem esclarecidas, vão e devem ser estudadas mais detalhadamente. Por fim, esperamos que esta pesquisa possa, como

objetivamos no princípio deste trabalho, contribuir, ao menos que modestamente, com a descrição do nosso rico “falar capixaba”.

Referências

ALIB – ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em <<http://www.alib.ufba.br/index.asp>>. Acesso em: 10 de abril de 2009.

ALKIMIM, Tânia Maria. **Sociolinguística**. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs). *Introdução à Linguística*. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001.

ALVES, Marlúcia Maria. **O comportamento fonológico das vogais médias em posição pretônica no dialeto de Belo Horizonte**. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 21-29, 2008.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Motivações significativas de itens lexicais da linguagem regional-popular no Atlas Linguísticos Regionais Brasileiros**. João Pessoa, 2006a. Disponível em: <<http://www.profala.ufc.br/ProjetoMotivacoesSignificativas.pdf>>. Acesso em: 08 de abril de 2009.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **Os estudos geolinguísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB**. In: MOTA, Jacyra e CARDOSO, Suzana A. M. Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil, Salvador: Quarteto, 2006b.

BALESTRERO, Heribaldo Lopes. **O povoamento do Espírito Santo**. 1. ed. Viana: [s.n.], 1986.

BATTISTI, Elisa; VIEIRA, M. J. Blaskovski. **O sistema vocálico do português**. In: BISOL, Leda (org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 159-194, 2001.

BENINCÁ, Ludimilla R. **Dificuldade no domínio de fonemas do português por crianças bilíngues de português e pomeranos**.

Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2008.

BISOL, Leda. **Harmonia vocálica: uma regra variável**. Tese (Doutorado em Letras). UFRJ, Rio de Janeiro, 1981.

_____. **A variação da pretônica na diacronia do Português**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 81-95, 1983.

_____. **Neutralização das átonas**. DELTA, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 267-276, 2003.

BORGO, Ivan; ROSA, Léa B. Alvarenga; PACHECO, Renato. **Norte do Espírito Santo: ciclo madeireiro e povoamento**. Vitória: EDUFES, 1996.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. **A Geografia Linguística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo; CRUZ, Maria L. de Carvalho. **Um estudo contrastivo sobre as vogais médias pretônicas em falares do Amazonas e do Pará com base em dados do ALAM e do ALISPA**. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: EDUEL, 2005.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **As vogais pretônicas no falar carioca**. Estudos Linguísticos e Literários, n. 9, p. 152-162, Salvador, 1986.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Estrutura da língua portuguesa**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra A. **Dialectologia e ensino da língua materna**. In: GORSKI, Edair M; COELHO, Izete L. (orgs). *Sociolinguística e Ensino: Contribuições para a Formação do Professor de Língua*. Florianópolis: S.C. UFSC, 2006.

CARNEIRO, Dayana R.; MAGALHÃES, José S. de. **O sistema vocálico pretônico nas zonas rural e urbana do município de Araguari**. Disponível em: <<http://www.horizontecientifico.propp.ufu.br/include/getdoc.php?id=863&article=424&mode=pdf>>. Acesso em: 27 de setembro de 2009.

CASTRO, Vandersi Sant'Anna. **A harmonização vocálica na Bahia**. ALFA – Revista de Linguística da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, v. 39, p. 243-250, 1995.

CÉLIA, Gianni Fontis. **As vogais médias pretônicas na fala culta de Nova Venécia – ES**. Dissertação (Mestrado). Unicamp, Campinas, 2004.

COLLISCHONN, Gisela. **A sílaba em Português**. In: Bisol, Leda (orgs). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

COSERIU, Eugênio. **La geografia lingüística**. Revista de La Facultad de Humanidades y Ciencias, Montevideo, n. 14, p. 29-69, 1955.

COSTA, Maria Cilda et al. **Correntes Imigratórias no Espírito Santo: alemães, italianos e libaneses, uma visão didática para o Ensino Fundamental e Médio**. Vitória: EDUFES, 1999.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, p. 101-150, 1962.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FREITAS, Simone Negrão de. **As vogais médias pretônicas no falar da cidade de Bragança**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

GRAEBIN, Geruza de Souza. **A fala de Formosa / GO: A pronúncia das vogais médias pretônicas**. Dissertação (Mestrado). UNB, Brasília – DF, 2008.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

KLUNCK, Patrícia. **Alçamento das vogais médias pretônicas sem motivação aparente**. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MAIA, Vera L. M. **Vogais pretônicas médias na fala de Natal. Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador, n. 5, p. 209-225, 1986.

MARCHI, Fernanda de.; STEIN, Rita de Cássia G. **Alçamento das vogais médias sem motivação aparente em Curitiba / PR**. Caderno de Pesquisas em Linguística, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 127-137, 2007.

MARGOTTI, Felício Wessling. **Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil**. Tese (Doutorado). Porto Alegre: UFRGS, 2004.

MOLLICA, Maria C. **Relevância das variáveis não linguísticas**. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

MORAES, Cícero. **Geografia do Espírito Santo**. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, 1974.

MOREIRA, Thais Helena; PERRONE, Adriano. **Espírito Santo: História e Geografia**. 4. ed. [S.I.: s.n.], 2001.

_____. **História e geografia do Espírito Santo**. 8. ed. Vitória: [s.n.], 2007.

NASCENTES, Antenor. **O Linguajar Carioca em 1922**. Rio de Janeiro: Sussekind & Cia, 1923.

OSÓRIO, Carla; BRAVIM, Adriana; SANTANNA, Leonor de Araújo. **Negros do Espírito Santo**. São Paulo: Escrituras, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição de. **A variável gênero/sexo**. In: MOLLICA, Maria C.; BRAGA, Maria L. (orgs). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

POSTIGO, Adriana Viana. **Variações fonéticas e sintáticas em narrativas do ALMS**. Revista da Abralín, v. 6, n. 1, p. 171-181, 2007.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. **Nuevos caminos de la geolingüística románica: un balance**. Tradução de Norma Díaz. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Hrsg.). *Neue Wege der Romanischen Geolinguistik, Akten des Symposiums zur Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 1991)*. Kiel: Westensee, p. 25-49, 1996.

RAZKY, Abdelhak; LIMA, Alcides; OLIVEIRA, Marilúcia. **Atlas linguísticos: contribuição para o ensino básico**. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana A. M. (orgs). *Documentos 2: projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, p. 109-125, 2006.

RODRIGUES, Catarina Vaz. **Atlas Linguístico do Espírito Santo (ALES): dados do questionário lexical**. In: ANTONIO, Juliano Desiderato (org.). *Estudos descritivos do português: história, uso e variação*. São Carlos: Claraluz, 2008.

RODRIGUES, Doriedson do Socorro; ARAÚJO, Marinalva dos Prazeres. **As vogais médias pretônicas /e/ e /o/ no português falado no município de Cametá – PA: A harmonização vocálica numa abordagem variacionista.** Caderno de Pesquisas em Linguística, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 104-126, 2007.

SCHWINDT, Luiz Carlos. **A regra variável de harmonização vocálica no RS.** In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (orgs). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro.* Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 161-182, 2002.

SILVA, Myriam Barbosa da. **Breve notícia sobre as vogais pretônicas na variedade culta de Salvador.** Estudos Linguísticos e Literários, Salvador, n. 14, p. 69-77, 1992.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

TENANI, Luciani; SILVEIRA, Ana A. Menegasso da. **O alçamento das vogais médias na variedade culta do noroeste paulista.** ALFA, São Paulo, v. 52, n. 2. p. 447-464, 2008.

TSCHUDI, Johann Jakob Von. **Viagem à província do Espírito Santo (Imigração e colonização suíça 1860).** Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo: Coleção Canaã, v. 5, 2004.

VIANA, Vanessa Faria. **As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística.** Dissertação (Mestrado). Pontífica Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VIEGAS, Maria do Carmo; VEADO, Rosa M. Assis. **Alçamento de vogais pretônicas.** Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura, Belo Horizonte, n. 7, p. 53-70, 1982.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Felício Wessling Margotti

Florianópolis, 2010